GRAÇA ARANHA

MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO

COMMENTARIOS E NOTAS Á CORRESPONDENCIA ENTRE ESTES DOUS ESCRIPTORES

Monteiro Lobato & Cia. Editores - S. Paulo
1923

A Rubens de Moraes,
affectuosamente,
seu admirador e amigo
— Graça Aranha

MACHADO DE ASSIS
E
JOAQUIM NABUCO

GRAÇA ARANHA

Machado de Assis e Joaquim Nabuco

COMMENTARIOS E NOTAS Á CORRESPONDENCIA ENTRE ESTES DOUS ESCRIPTORES

MONTEIRO LOBATO & C. — Editores
Rua Victoria, 47 — S. PAULO — 1923

JOAQUIM NABUCO tinha quinze annos, quando pela primeira vez escreveu a Machado de Assis. A sua adolescencia raiava como a aurora de uma grande vida. Este menino de collegio, que publica versos assignalados pelos criticos, pertencia ao patriciado brasileiro em uma epoca, em que a nossa communhão social tinha a feição aristocratica de um paiz de senhores e de escravos.

Na grande casa familiar da praia do Flamengo formara-se-lhe o ambiente da imaginação politica. Ahi, como um oraculo da jurisprudencia e dos partidos, vivia seu pae, o senador Nabuco, um dos illuminados inspiradores do Imperio, venerado como uma divindade por uma clientela de cortezãos e discipulos.

Era um desses espiritos engenhosos e ducteis, que o artificio idealista da monarchia parlamentar affeiçoara, e cuja expressão de escriptor e de orador, trabalhada pela disciplina juridica, se estylisara até á solidez e á pureza crystalina das sentenças. Quando mais tarde, Machado de Assis evocar o *Velho Senado* dirá: "Nabuco, outra das principaes vozes do Senado, era especialmente orador para os debates solemnes.. A palavra do velho Nabuco era modelada pelos oradores da tribuna liberal franceza. A minha impressão era que preparava os seus discursos e a maneira por que os

proferia realçava-lhes a materia e a fórma solida e brilhante. Gostava das imagens literarias; uma destas, a comparação do poder moderador á estatua de Glauco fez então fortuna. O gesto não era vivo, mas pausado, o busto cheio era tranquillo e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha."

A auréola do pae irradiava-se sobre o filho e germinava-lhe a consciencia da predestinação. Outro impulso para a victoria fôra a propria belleza corporal. Já na adolescencia Joaquim Nabuco ergue-se, por entre os excessos e desordens dos tropicos, com aquella expressão apollinea, que é uma libertação de toda a submissão cosmica e que exprime na perfeição da fórma o dominio do espirito sobre a materia universal. Aquelle que realiza este maravilhoso triumpho contempla as cousas e não pertence a ellas.

Durante toda a sua actividade, Nabuco permanece sereno e esta serenidade não o abandona mesmo na sarça da Abolição. José do Patrocinio, Luiz Gama e André Rebouças são o proprio soffrimento escravo, que pede, solicita, reclama e impõe a liberdade. Joaquim Nabuco é a razão que esclarece o sentimento.

Seja flamejante o seu raciocinio, é a eloquencia do pensador, é a percepção do estadista, não é a paixão, o impeto do absoluto no cháos. Ha uma ordem immanente em seu espirito, que o torna harmonioso, o mantém equilibrado e mais tarde o leva á santidade intellectual. Pelo tempo da sua radiante mocidade, o Brasileiro era como todos os lyricos, impellido pela exaltação ao paroxismo da inspiração e da expressão. Os jovens daquelle instante tinham ainda a magnifica possessão do romantismo. Em 1863, como um

precursor de Castro Alves e de Tobias Barretto, havia Pedro Luiz na ode dos "Voluntarios da Morte" á Polonia, soltado o "rugido do leão" na phrase de Castilho. Formavam elles a vanguarda literaria, embora fossem retardatarios, "passadistas" como diriamos hoje, em relação ao movimento das idéas. Por esse tempo quando todos esses poetas condoreiros eram tributarios de Hugo, Byron, Musset e Lamartine, já Baudelaire havia, desde 1857, transfigurado a musicalidade da poesia, Verlaine dava rythmo á melancolia universal, Walt Withman antecipava o fulgor dyonisiaco de Rimbaud. O irremediavel anachronismo da cultura brasileira dá á nossa poesia e á nossa literatura e á nossa arte a sensação singular de inspirar-se de uma sensibilidade vivida. Póde perdurar a admiração pelo talento, mas não existirá a communhão retrospectiva com aquelles, que não foram os interpretes do pensamento e da emoção da sua epoca. No Brasil quando um escriptor, um artista apparece, em geral a sensibilidade, que o inspira, já passou.

Joaquim Nabuco, apezar do voto formulado nessa carta dos quinze annos de "não mais queimar incenso ás Musas do Parnaso" de se "applicar unicamente ao exacto e ao positivo", de se "desligar do mundo dos visionarios e tomar parte no gremio daquelles que mais chegados ás realidades da vida consideram este mundo como elle realmente é" e de se "tornar um apostolo do positivismo" permaneceu um classico pelo pensamento, e um humanista, cuja visão se alargou pela esphera do incognoscivel até terminar no mysticismo poetico. A sociabilidade no principio, a religiosidade no fim, são os polos do seu espirito. Os primeiros assumptos de Nabuco, ainda menino, são de ordem politica,

o "Gigante da Polonia" (a eterna Polonia), o "Povo e o Throno" "Uruguayana" ou de preoccupação religiosa, "Deus" "Nada"

O senso critico, que está na raiz do seu espirito e que jamais o abandona, apparece nesta primeira carta a Machado de Assis, deliciosamente ingenuo e arguto. E' o auto juizo que lhe faz affirmar "não sou poeta... faço versos sem cadencia e sem harmonia" Quarenta annos mais tarde, Nabuco insiste resolutamente nesta affirmação em penetrante analyse do seu temperamento literario. Ha nesta modestia, forte e simples, da juventude, o signal de uma grande antecipação. Não sendo "poeta" Nabuco seria outra cousa que o levaria ao patriciado do espirito. Seria no seu tempo como homem, como pensador, orador e escriptor, a mais feliz expressão da cultura no Brasil.

A essencia intellectual de Nabuco provém das suas origens e é por isso que nelle se accentua, mais do que o artista, o pensador politico. E' uma tradição espiritual que elle conserva e eleva a um grão superior, ainda que a essa vocação politica se allie a sensibilidade artistica. Elle não foi artista absoluto e exclusivo; a sua attracção pela historia e o culto pelo passado são manifestações de um temperamento politico. Nos estudos historicos Nabuco considerava sobretudo a evolução social, a directriz politica das sociedades. Herdou do pae o amor da perfeição, o gosto do conceito, a formula expressiva e graphica, a que elle ajuntou a modernidade do espirito, a curiosidade cosmopolita, o sabor da novidade e o ardor romantico.

Machado de Assis não tem historia de familia. O que se sabe das suas origens é impreciso; é a vaga e vulgar fi-

liação, com inteira ignorancia da qualidade psychologica desses paes, dessa hierarchia, de onde dimana a sensibilidade do singular escriptor. E por isso accentua-se mais o aspecto surprehendente do seu temperamento raro, e divergente do que se entende por alma brasileira. Ha um encanto nesse mysterio original, e a brusca e inexplicavel revelação do talento concorre vigorosamente para fortificar-se o secreto attractivo, que sentimos por tão estranho espirito. De onde lhe vem o senso agudo da vida? que legados de genio, ou de imaginação, recebeu elle? Ninguem sabe. De onde essa amargura e esse desencanto? de onde o riso fatigado? de onde a meiguice? a volupia? o pudor? de onde esse enjôo dos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. A expressão psychologica de Machado de Assis é muito intensa para que possa ser attribuida ao estudo, á observação propria. Cada traço do seu espirito tem raizes seculares e por isso elle resistirá a tudo o que passa.

Em 1865, quando se inicia esta correspondencia, quem era Machado de Assis? Já era aquelle geometra subtil, que encerrara o Universo no verbo, que se libertara da exaltação racial e sabia dissimular nas linhas tranquillas e desdenhosas o fremito da natureza e revelar a loucura dos homens. Tinha apenas vinte e cinco annos; a sua acção literaria era efficiente no theatro, no romance e na critica. Havia publicado novelas, feito representar comedias, brilhava no "Diario do Rio" ao lado de Quintino Bocayuva, que Nabuco chamaria o "joven Hercules da imprensa daquella epoca". Fôra até "futurista" se por este epitheto recordarmos ter

sido o chronista singularmente classico de um ephemero jornal de 1863, "O Futuro" Era o poeta das "Chrysalidas"

Para ahi chegar, a viagem espiritual de Machado de Assis foi bem secreta. Veiu do nada, venceu as suas origens modestas, tornou-se homem de cultura, de gosto e creou a sua propria personalidade. E' um doloroso e bello poema o da elaboração do genio neste obscuro heroismo. Machado de Assis não revelou nunca esse arduo combate interior, não fez transbordar no odio e no despeito a sua humildade inicial. Aristocratisou-se silenciosamente. O seu heroismo está neste trabalho de libertar-se da sua classe, nessa tragedia surda do espirito que se eleva, na distincção pessoal, no desdem de ser aggressivo aos poderosos e aos felizes. Da sua angustia intellectual transpira a perenne melancolia da luta. Das tristes fontes da sua intelligencia persiste para sempre o travo da amargura. Mas esta amargura da vida é nobre, é o desencanto do civilisado e não o rancor do escravo e o destempero do selvagem.

O heroismo de Joaquim Nabuco foi o de separar-se da aristocracia e fazer a abolição. O heroismo de Machado de Assis foi uma marcha inversa, da plebe á aristocracia pela ascenção espiritual. Ambos tiveram de romper com as suas classes e heroicamente affirmar as proprias personalidades.

Por mais extranha e singular que se tenha afinado a sensibilidade literaria de Machado de Assis, por maior que tenha sido a peregrinação do seu genio e a sua libertação do sortilegio da natureza tropical, o escriptor, que por este mysterio é um grande accidente brasileiro, permanece como o interprete agudo e suggestivo da sociedade do seu tempo. O Brasil, porem, não o interessou sómente como o labora-

Joaquim Nabuco
1865

torio psychologico dos seus estudos. A formação nacional attrahiu-lhe vivamente o genio poetico. Seguiu a corrente dos epicos do indianismo e assim esse homem universal foi americano e essencialmente brasileiro. O indio é uma idealização nacional. O Brasileiro tem o orgulho do indio, e vê no selvagem não só o aborigene, o iniciador da raça, como o dono legitimo do solo, o prototypo da liberdade, que estava no principio e que o Brasileiro eleva á altura de um ideal a seguir, a imitar, a recuperar e do qual sente ter-se afastado nas contingencias da sua vida collectiva. Esse sentimento secreto nos faz sympathisar profundamente com as nações indias da America e applaudir todas as revoltas e reacções contra o estrangeiro invasor. No culto do indigena está uma das razões do nosso nacionalismo; nos typos literarios da nossa poesia india, no Y Juca Pyrama, nos Perys e Ubirajaras se corporisam esses sentimentos, elles são os lendarios e obscuros heróes da raça, como na realidade o foram Ararigboia e Felippe Camarão. Essa identificação com os indios nos dá a explicação remota da nossa solidariedade americana. A America é o continente indio e nelle se glorifica a reacção contra o europeu. O monumento exaltado, a elegante estatua verde, que o Mexico offereceu ao Brasil, symbolisa a raça indigena de toda a America e esquecendo o nome do heroe celebrado, percebemos na obra de arte a glorificação dos nossos proprios indigenas.

Os poetas e escriptores que celebraram os indios obedeceram a este impulso inconsciente da raça, e por mais que sejam taxados de falsos e convencionaes, o orgulho brasileiro os estremece como os epicos patrios, e a auréola e o encanto da saudade da liberdade perdida, e a que sempre

se aspira, os consagram vates e maravilhosos interpretes da immoredoura idealidade nacional.

Não foi esse o destino reservado aos poetas dos escravos. A escravidão é uma infamia, que nos envergonha. Recordal-a é para nós uma humilhação, e por isso não podemos instituir o culto dos escravos em antithese ao culto do indio. O escravo foi um accidente doloroso, que passou; o indio é uma idealisação eterna no sentimento nacional. Castro Alves, poeta dos escravos, não póde luctar sob esse aspecto social com Gonçalves Dias, poeta dos indios. Não se volta á escravidão; aspira-se sempre á liberdade, de que o indio é o prototypo. Admira-se o impeto genial de Castro Alves, sente-se nas suas metaphoras, nas suas imagens, o extase do vago esthetico. E' a admiração ao artista. Póde-se estimar a esplendida generosidade do seu temperamento. E' o preito á sua humanidade. Felizmente o proprio "assumpto" dessa generosidade e dessa exaltação poetica está estincto. Volta-se a elle com pejo, embora reconhecido ao sublime esforço dos libertadores da infamia. Esse destino está reservado em todo o mundo ás obras de arte, que traduziram uma emoção, que devia passar, como esta da causa dos escravos. Nenhum livro moderno teve exito tão retumbante e acção social tão prodigiosa, como "A Cabana do Pae Thomaz". E' um livro morto, como extincta é a emoção, que o gerou milagrosamente. Jamais o genio de Castro Alves o foi maior do que no "Navio Negreiro" e nas "Vozes da Africa" Hoje o que resta desses poemas é a emoção puramente esthetica, que vem das imagens, das evocações e dos quadros. E quanta gente, que os relê, se limita ás partes dos poemas, em que não apparecem a mancha da escravidão e

a torpeza dos humanos. Seria impossivel hoje representar, mesmo por simples curiosidade, o seu drama "Escravos" E no emtanto em todos os collegios brasileiros para exaltar o sentimento das crianças faz-se decorar, recitar e mesmo dramatisar em scena o poema heroico de Y-Juca-Pyrama. Porque ahi está vivo, eterno e maravilhoso o sentimento nacional do brasileiro, a glorificação de uma raça formadora da nação.

Machado de Assis seguiu por algum tempo essa mesma trajectoria do indianismo. Elle ignorou o "escravo" mas celebrou o indio, e nisto foi mais uma vez subtil e adivinhou a posteridade. Parece hoje, que o indianismo tem a feição de uma desforra contra a immigração. E isto vae dar-lhe vida nova. Naturalmente não se voltará ao "heroismo" do indio como o fizeram Basilio, Magalhães, Gonçalves Dias e Alencar, mas irá se desenvolvendo o carinho pelos nossos indigenas, maior interesse pela sua incorporação á patria, e os poemas que os idealisaram, por falsos que se reconheçam, serão mais ardentemente presados, como a mythologia de uma raça, que a nossa inspiração crê ter sido heroica e que decahiu, mas cuja independencia indomavel é o fundo do nosso orgulho e impulso para o nosso desaggravo contra tudo o que nos ameaça de jugo e servidão.

Machado de Assis, como todos os poetas do seu tempo esqueceu o indio, cuja poesia fôra esgotada no exagero dos parenthyrsos. Mas não esqueceu Camões, a cujo culto ficou, como Joaquim Nabuco, sempre fiel. Em 1872 Nabuco escreve o estudo sobre os Lusiadas, e antes de o publicar convida Machado de Assis para ouvir-lhe a leitura. E' o segundo contacto entre elles, que se conhece por esta corres-

pondencia. Em 1880 Joaquim Nabuco é orador official do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, na celebração do terceiro centenario da morte de Camões; por essa occasião publica na "Revista Brasileira" um soneto a Ignez de Castro e Catharina. Em 1908 Nabuco, nos Estados Unidos, faz tres conferencias sobre Camões. Em tudo ha uma concepção tão nitida, um enthusiasmo tão intenso, que é singular como Joaquim Nabuco, dentro deste culto, não se affina totalmente com a divindade. Jamais foi um camoneano no estricto sentido literario. Entre Camões e Nabuco não existiu o fluido intimo, que tudo funde, e que identifica mysteriosamente as essencias dos sêres. O seu culto é antes politico, um acto da imaginação social, que lhe perdura como uma das forças motrizes do espirito. Ao passo que Machado de Assis é da familia camoneana, não pelo sopro poetico ou pelo interesse humano que seduz a Nabuco, mas pelo classicismo do gosto e da fórma, que se ajusta ao seu temperamento, como a disciplina innata. Dahi essa incompatibilidade com o meio cosmico brasileiro, que será sempre a singular caracteristica de Machado de Assis e essa moderação de estylo, que o separa dos escriptores tropicaes. Para Nabuco foi Camões principalmente o epico de genio que abriu á literatura o mundo moderno, architectado na sciencia, inspirado pelo sentimento do universal; para Machado de Assis foi seguramente Camões o poeta que fixou a lingua, que a tornou menos pedregosa até ameigal-a, o homem de letras humanas que fez da sua poesia uma joia de cultura, em que se encastoam as preciosas e raras gemmas do mundo antigo, que elle desenterrou do subsolo portuguez, onde os

barbaros bisonhos as tinham sepultado com a civilisação latina alli submersa.

Esta sympathia camoneana perdura em Machado de Assis como o rythmo, a luz interior de seu espirito. E se elle é romantico exteriormente, se é americano, é para enfeixar as nossas selvas e os nossos selvagens nos quadros classicos. E por ser classico os portuguezes de hoje lhe descobrem o parentesco, a affinidade, e pela voz de Camillo Castello Branco o proclamam "escriptor primoroso pela fórma e pelo conceito" o que jamais disseram até então de qualquer outro brasileiro. Porque para o verdadeiro conhecedor, a essencia do artista se revela em traços vivos e profundos, que escapa aos vulgares, illudidos pelas roupagens artificiaes, talhadas com intenção imitativa. Não são esses que vociferam com vocabulos antigos, mortos, e que incorporam em longos periodos os seus tristes arremedos dos velhos escriptores, os classicos do nosso estylo. O classicismo não é uma fórma estagnada, tem a sua evolução. O classico do seculo XX não será á mesma maneira do seu antecessor do seculo XVI. Esses nossos classicos de arremedo são na sua formação intima o opposto ao espirito classico; são indisciplinados, não têm a menor intimidade com as cousas de que tratam, não têm aquelle senso mathematico da expressão, que torna a quantidade em qualidade; são iracundos, possessos, destemperados. E emquanto elles nos enfastiam com o seu alarido, o delicado e delicioso Machado de Assis sabe sorrir, e, instinctivamente, senhor do segredo antigo, tece a tela maravilhosa, onde pousam levemente os seus pensamentos subtis. Camões é o nume do sacrario artistico do desabusado Machado de Assis. Procura este identificar-se com a divindade,

celebra-a no "Tu, só tu, puro amor" e quando mais tarde a poesia fala pela dor da ferida é no verso camoneano, que Machado de Assis exprime a sua talvez unica dor, a saudade d'Aquella, que foi a sua morta e a sua morte, a inesquecivel Carolina.

Machado de Assis era o autor de "Braz Cubas" e Joaquim Nabuco o paladino da Abolição, quando nos é dado conhecer pelas suas cartas o terceiro contacto entre estes heróes espirituaes. Foi um longo e maravilhoso caminho, que ambos fizeram desde o encontro á sombra de Camões. O escriptor, predestinado a vencer todo o terror cosmico, tivera a arte de disfarçar a magia perturbadora da natureza brasileira e attingira no seu grande livro ao maximo da cultura, que liberta e disciplina. A sua "maestria" engrandecendo-o, isolara-o. Com o tempo a sua arte peregrina se tornará um patrimonio nacional e um acontecimento de orgulho collectivo, mas naquella epoca o seu publico era ainda restricto, e deste publico a parte mais attenta era a feminina. Nos seus livros percebe-se Machado de Assis, embora armado de mil forças pelo scepticismo, deixar-se trahir pela velada volupia. Depois de lêr as suas dissecações humanas, repetiremos: como elle faz desejadas as mulheres! Era uma attracção reciproca entre o creador e as creaturas, pois se os homens ainda o não comprehendem, as mulheres o adivinham, e elle pensa nellas, quando publica os seus grandes livros nos jornaes de modas, certo de encontrar nas suas leitoras o incentivo, o fluido do enthusiasmo, com que, desdenhoso e soberbo, se entregará á indifferença do grande publico, ou á maldade dos seus rivaes das letras. Machado de Assis teve sempre este pendor pela literatura de sociedade,

de cuja insignificancia peculiar se salvou, como Goethe e Merimée.

Movido pela admiração e pela saudade, Machado de Assis em 1882 que "precisava restabelecer as forças perdidas no trabalho extraordinario" dos dous annos anteriores, consagrados á construcção do "Braz Cubas", escreve a Nabuco. "Pobre Marianinha!" exclama em sua carta. E um fremito de morte de mulher bella nos invade. Marianinha teria sido um desses dolentes encantos femininos da casta senhoril do tempo da escravidão. O seu espirito deveria pairar nos limites indefinidos da infantilidade e da meiguice aristocratica. O seu corpo seria gracil, pallido, de fórmas e expressões mediterraneas, transportadas aos tropicos excessivos, mas sem aquella seiva que mantém a vida no formidavel ambiente brasileiro. E Marianinha morreu... Nabuco, em palavras elegiacas, transmuda a formosa morta em um "Anjo da Biblia" A imagem poetica commove o "viuvo inconsolavel" e Machado de Assis foi encarregado de communicar a Nabuco, nesta delicada carta, que aquellas ephemeras linhas de um folhetim de jornal foram gravadas, como epitaphio, no marmore da tumba da belleza morta.

Esta carta e a seguinte de 1883 encontram Nabuco em Londres. A campanha pela Abolição o havia revelado ao Brasil e a humanidade, sensivel ás cousas brasileiras. O heroismo da sua mocidade tinha se cumprido. Nabuco renunciara ao dominio, á posição, ao repouso, rompera com a classe dos senhores, a qual pertencia, e tornara-se o apostolo da libertação dos escravos.

Antes de chegar á plenitude da sua abnegação, Joaquim Nabuco impregnara-se da belleza do mundo exterior. Pere-

grinou pelas terras da cultura e civilisação, aformoseou o seu talento na volupia literaria, encantou, fascinou a "sociedade" conviveu com os grandes espiritos humanos e de um delles recebeu o perfido conselho de dedicar-se aos estudos de historia. O destino, porem, velava. Nabuco não seguiu no instante decisivo da sua vida o conselho de Renan. Em vez de escrever historia, fez cousa melhor, fez historia. Foi um dos mais efficazes e geniaes architectos da abolição no Brasil, e, só por esta sua magnanima acção, o seu nome tornou-se immortal.

Já vinha da adolescencia a sua vocação abolicionista. Ainda no collegio, em 1865, na poesia "Uruguayana" lida em presença do Imperador, exalta o sacrificio de Lincoln pela causa dos escravos e no estylo da epoca canta o presidente-martyr como o "genio que teve a cruz na liberdade, no altar da patria o calvario, rompeu o sudario do escravo e beijou o pó pela idéa" Do Recife em 1869, ainda estudante escreveu ao pae pedindo-lhe que acceitasse o governo, se fosse convidado, para abolir a escravidão: "por dois dias, diz elle, para *dictatorialmente* extinguil-a. Eu não sonho para V. Mce. outra gloria, senão a de Abrahão Lincoln"

Nabuco tivera precursores na acção literaria pela liberdade dos negros. No Maranhão, muitos annos antes um joven senhor de escravos, o poeta Trajano Galvão publicara os seus commovidos poemas abolicionistas "O Natal" (1852), "Nurajan" (1854), "Soláo" (1855) e Raymundo Corrêa no prefacio ás suas poesias "Sertanejas" (1898) sauda-o como precursor de Fagundes Varella e Castro Alves, como "um dos primeiros poetas que se fizeram valentes campeões do abolicionismo"; em São Paulo, aquelle que seria

um dia um dos maiores factores da liberdade, Luiz Gama, escrevera as suas dolorosas poesias "Minha mãe" "Cemiterio de São Benedicto" (1861). Fervilhava uma literatura pelo escravo e os escriptores são, entre outros além daquelles proceres, Gonçalves Dias (Escrava, das "Visões"), José de Alencar (Demonio familiar, 1857), Bittencourt Sampaio (Captiva, Flôres Sylvestres, 1860), Manoel Macedo (As victimas algozes, 1869). Todos predecessores ou contemporaneos de Castro Alves, que se magnificou nos seus extraordinarios poemas popularisados pela emoção humana e pela belleza, de que são prodigos.

A acção redemptora de Joaquim Nabuco exerceu-se sobretudo no Parlamento, onde não foi sómente o apostolo, movido pela idéa e pela compaixão, mas ainda o artista que renovou a eloquencia brasileira então a definhar dando-lhe uma qualidade excepcional, a magia da graça. Tornou-se um idolo da mocidade e Machado de Assis, na carta seguinte desse mesmo anno, classifica-o de "grego dos bons tempos da Hellade", accentuando, sem saber, o parallelo que o barão de Tautphœus encontrara para Nabuco em Alcebiades. Porque se o herói é moderno, o seu desinteresse, o seu idealismo e a façanha que realisa, são de molde antigo e inspiram ao espirito classico de Machado de Assis uma evocação, em que transparece uma saudade da "sua" Grecia.

O exilio de Londres, depois do inicio da campanha parlamentar na Camara que se interrompera por força das oscillações eleitoraes, foi para Joaquim Nabuco ainda a actividade pela Causa. A Europa será sempre um dos pólos magneticos do espirito americano. Era preciso que daquelle velho e sempre renovado dynamo viessem fluidos que accele-

rassem a solução do magno problema brasileiro. Nabuco faz intervir as sociedades abolicionistas inglezas, faz falar sabios e politicos, toma parte em congressos internacionaes anti-escravistas, e, infatigavel e ardente, pelos seus escriptos, pamphletos ou correspondencias de jornaes, anima os seus denodados companheiros de combate, que ficaram no paiz a lutar face a face com o monstro.

Mas, por entre esta porfiada acção, neste exilio voluntario que "lhe dá a tempera" como frisa Machado de Assis nesta segunda carta de 1882, aponta a melancolia da saudade do Brasil. Esta nostalgia de Nabuco reapparece sempre em todos os seus exilios, e é o toque da fidelidade do seu espirito ao ambiente brasileiro. Joaquim Nabuco, analysando-se, veria nesta saudade da patria uma preponderancia do sentimento sobre a imaginação. Para elle desde que o brasileiro tenha a menor cultura o sentimento é nacional e a imaginação é européa. Não será falso este conceito se se entende por imaginação, o que nos vem das idéas adquiridas, dos precipitados da cultura e da civilisação. A imaginação, porém, não se restringe a esta idealidade consciente de uma minoria cultivada, ella fórma todo o inconsciente humano. A imaginação brasileira differe fundamentalmente da imaginação européa. Está ainda na phrase mythica, não eliminou o terror cosmico, reflecte a tragedia da natureza e exprime as angustias, os desejos, as esperanças de varias raças. Não ha cultura que modifique a essencia imaginativa do brasileiro. A imaginação historica é um artificio, que se desfaz deante das tenazes e violentas creações do inconsciente mythico. O quadro brasileiro póde não ter interesse historico, mas nelle se engran-

dece a imaginação. O sentimento esthetico é indifferente á historia e os que não encontram interesse na paisagem brasileira têm imaginação politica, mas são destituidos do sentimento esthetico. O artista é aquelle que recebe da côr, da fórma, da linha, do som, as emoções vagas que nos fundem no Todo universal. Joaquim Nabuco preferindo um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do caes do Sena á sombra do velho Louvre, ás florestas amazonicas, á magia do Rio de Janeiro, sobrepõe a imaginação historica á imaginação esthetica. O estudo da historia vem perturbar a emoção artistica. Que importa ao artista, ao homem completo, que o Rio de Janeiro tenha ou não um passado historico? O que o interessa é aquella magica combinação de luz e fórmas, o que o exalta é a terra que se eleva e se fracciona em montanhas, é a vegetação indomavel, que tudo invade e se ostenta em maravilhosas expressões, é a agua alegre e multicor, é o sol que paralysa nos seus ardores o mundo estatico. Paisagem sem historia, afortunado privilegio! e ahi o espirito do homem pela pura emoção esthetica se torna infinito.

Emquanto Nabuco, no desterro europeu, vencia a nostalgia e, o desanimo, e robustecia o seu enthusiasmo, Machado de Assis define-se nesta carta a Nabuco "buddhista desencantado" Por esse tempo, o autor do "Braz Cubas" aspirava ao Nirvana, a que jamais attingiu por lhe faltar a suprema resignação ao cosmos. Assim elle será um "desencantado" mas não um buddhista. A amargura perturbou-lhe sempre a serenidade. O seu espirito alimenta-se mais do Ecclesiastes do que dos Upanshades. Se se quizesse rebuscar nas leituras de Machado de Assis quaes foram os

seus formadores intellectuaes, teriamos de o classificar na progenie dos autores desse eterno Ecclesiastes, de Montaigne, de Swift, de Sterne e ainda de Merimée, tristes companheiros a cuja melancolia affinava o seu desencanto.

Entre estas cartas e a quarta de Machado de Assis, abre-se um espaço de quatorze annos, em que a historia do Brasil, tão vazia de acontecimentos universaes, se enriquecera de dous successos extraordinarios, a Abolição e a Republica. E ambos produziram-se inesperadamente. Joaquim Nabuco havia pensado em batalhar longos annos, a sua vida inteira, ser o homem de uma unica causa, quando tudo se precipitou e a Abolição se consummou. O seu nome ficou immorredouro no paiz; a sua acção politica, porém. estava encerrada antes dos quarenta annos. Tudo o que experimentou depois foi como a performação da sua actividade abolicionista. Presentiu a republica e não abandonou a monarchia, fidelidade que elle considerou "um ultimo compromisso, uma gratidão, um episodio da libertação dos escravos" Para salvar a monarchia, levantou a idéa da federação monarchica, pois comprehendeu que a fórma federativa era a aspiração secreta e imperiosa do inconsciente nacional e que, realizando-a, a republica encontraria nella um dos seus alicerces. Fez-se a Republica e Nabuco lhe ficou estranho. O seu genio politico o advertira de que nada poderia contra a fatalidade da evolução social. Se combateu a republica, ainda o foi movido por uma ethica cavalheiresca, mas não a perturbou, e acima dos partidos collocou sempre a idealidade collectiva, a patria. Quando Machado de Assis lhe escreve pela terceira vez, Joaquim Nabuco meditava sobre os factos e as conclusões da politica bra-

sileira, de que se retirara, e escrevia uma parte da sua historia. Se Nabuco é um deslumbrante actor do drama nacional, Machado de Assis permanece um taciturno espectador. A abolição o interessou vivamente, mas não tendo sido parte nella, teve o pudor de não se fazer posteriormente o seu pregoeiro. Sabe-se que o misanthropo no dia da redempção teve um relampago de alegria. O enthusiasmo collectivo contaminou-o, e viu-se o "buddhista desencantado" com jornalistas exaltados em um carro, a percorrer as ruas da cidade, ruidoso, sem chapéo, cheio de illusão humanitaria e ir até as portas da Camara acclamar Joaquim Nabuco e outros heróes da jornada.

Não foi para evocar esses successos que Machado de Assis, em 1896, tornou a escrever a Joaquim Nabuco. Foi para rememorar Marianinha... A belleza mallograda não sahia da lembrança do subtil creador de typos femininos e este culto lhe foi a maior recompensa de ter sido formosa nesta vida. Machado de Assis recorda a Nabuco o "adeus" do folhetim de 1881, gravado como epitaphio e communica-lhe que mais uma vez vae ter a mesma applicação. Esta insistencia parece absurda. Não se trata, porém, daquella Marianinha, mas de outra senhora. O "viuvo inconsolavel" casara-se pela segunda vez. Morrera-lhe a nova esposa, como a primeira, e para não variar de epitaphio, dedica-lhe o mesmo consagrado a Marianinha, forjado com as phrases elogiosas de Nabuco. Para o viuvo talvez as mulheres fossem diversas na terra, mas no céo transformaram-se ambas nos "anjos da Biblia" das palavras do folhetim, e os anjos são eguaes na sua perfeição absoluta e monotona.

Em 1899 é Joaquim Nabuco quem escreve a Machado de

Assis. Dous factos novos produziram-se nestes tres annos sem cartas, nos quaes entretanto estiveram muito ligados os dous grandes escriptores: a consolidação do nucleo intellectual da Revista Brasileira e a recente fundação da Academia. A Revista vinha de 1895, quando o paiz apenas se pacificara da guerra civil. José Verissimo, o seu fundador, não era sómente um magnifico homem de letras, era tambem organizador arguto, energico, devotado ás suas creações. Os espiritos estavam fatigados da politica. Os homens feitos, desilludidos; os homens novos, enojados. Deu-se um nefasto absenteismo da intelligencia e da cultura na politica brasileira e as letras apresentaram-se como o unico refugio ao talento. A Revista Brasileira teve o dom da tolerancia e da concordia. Nas suas paginas e nas suas salas uma verdadeira confraternidade espiritual entre os homens os mais divergentes floresceu docemente. Era um encanto encontrarem-se alli monarchistas militantes como o barão de Loreto, Taunay, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, republicanos destemidos como Lucio de Mendonça, socialistas como o dono da casa, anarchistas como o que foi por algum tempo sectario de Kropotkine e Elysée Reclus. A politica não turbava aquelle remanso literario. O que ahi interessava era a literatura e a esta Machado de Assis dava o mais expressivo cunho. Parece que nunca houve no Brasil até hoje um salão tão intellectual, como o da Revista Brasileira. Era uma recepção permanente todas as tardes, e cada um entregava-se livremente, segundo o seu temperamento, aos jogos da intelligencia. Ouvir Taunay contar, ou melhor vel-o "representar" uma anecdota pessoal, escutar o sussurro titubeante de Machado de Assis dissecando voluptuosamente

um episodio da vida, encher-se da sonora harmonia de Nabuco, acompanhar os paradoxos de Araripe Junior, assistir ás "demolições" de José Verissimo, deliciar-se na musica secreta e exaltada de Raymundo Corrêa, viver emfim naquelle ambiente de enthusiasmo sentimental e ahi fundir a fé na cultura immorredoura com a esperança na gloria, jamais houve neste paiz maior goso espiritual para um joven brasileiro.

Joaquim Nabuco foi um assiduo collaborador da Revista, onde iniciou a publicação da obra, que, sendo a biographia do Senador Nabuco, é um dos luminosos paineis do segundo Imperio. Nabuco seguira afinal o conselho, que de Renan recebera na mocidade. Os historiadores do Brasil, já innumeros para uma tão simples historia, encontrarão nesse quadro a documentação precisa e reveladora dos "fastos" de todo o reinado. Os artistas verão ahi a forja, em que o estylo de Nabuco se apurou, se adelgaçou, se librou até tornar-se na graça vivaz e envolvente da "Minha Formação" Em geral a historia perturba a emoção artistica. A arte neste vasto estudo desforrou-se esplendidamente nos soberbos retratos, em que Nabuco phantasiou para o nosso prazer esthetico os personagens da politica brasileira. O apparecimento das primeiras paginas do livro é saudado por Machado de Assis. Lamenta o critico sagaz, ter-se interrompido a carreira politica de Joaquim Nabuco e por isso não se poder gravar no tumulo do senador Nabuco, palavras semelhantes as que foram escriptas na sepultura de Chattam "o pae de Mr. Pitt"

A Academia brasileira sahiu da Revista. Era natural que aquella continua assembléa da intelligencia, vivificada

pela sympathia mutua, suscitasse a idéa de uma "fundação" literaria como uma satisfação ao remoto espirito de organização da nossa raça latina. Para os escriptores mais independentes da Revista a Academia era um contrasenso num paiz sem literatura definitiva, e num periodo de plena transformação social a estratificação das letras seria prematura e nociva. A opposição não vingou, e a Academia organizou-se. Nascida da vontade de Lucio de Mendonça, deram-lhe Machado de Assis e Joaquim Nabuco um prestigio immenso e foram-lhe admiravelmente fieis. Dahi em deante quando elles se correspondem o assumpto principal é a Academia.

Para Machado de Assis a Academia é a vida nova. Na róda dos amigos, que o cercam e o veneram, e já o acompanhavam assiduamente ha alguns annos, sente-se rejuvenescer. Na intimidade era outro homem que não o imaginado pelos seus livros desabusados. Se elle cultivou systematicamente o despreso e mesmo aversão aos seus semelhantes, os amigos o conheceram affectuoso, interessado na sociedade delles e consagrado a uma obra humana, fallivel e fragil, como é uma academia. Durante todo o resto da sua vida encarnou a Academia brasileira, de que foi o presidente sempre reeleito. Salvou-a da morte prematura a que estava necessariamente votada uma instituição, que se arrogava a supremacia intellectual em um paiz sem a estratificação da cultura, sem firmes tradições literarias, convulsionado pela inveja e pelo odio politico.

A Academia, oriunda de um pacto entre espiritos amigos, hauriu nesta inspiração original a força intrinseca de que se mantem, e se vae transmittindo ás gerações, que se succedem. Joaquim Nabuco foi para os seus confrades um desses

admiraveis "amigos" da Academia. Todos se sentiam desvanecidos da convivencia desse homem extraordinario, que terminara as pugnas politicas em uma tão offuscante aureola, que o isolara das contingencias da nova sociedade em formação no paiz. Em plena madureza, ainda moço, era venerado como um veterano heroe. Taes eram a marcha accelerada em que ia o Brasil e a distancia senhoril em que ficara Nabuco. Foi elle quem explicou a Academia á nação e que lhe traçou o caminho a proseguir. Na sua vida precaria, sem pouso certo, sem meios, perseguida pela ironia, atacada pelo despeito, a Academia encontrou a sua resistencia moral em Machado de Assis e Joaquim Nabuco, o par glorioso que ella puzera á sua frente, e cuja assistencia justificaria deante do publico a sua apparição no nosso cháos literario.

Outro muito amado no circulo academico foi Taunay. Nos seus ultimos annos o autor de "Innocencia" o brilhante gentilhomem do fim do Imperio, retirado systematicamente da vida politica e social, confinara-se quasi exclusivamente entre os seus novos amigos da Revista e da Academia. Era o mais assiduo dos companheiros daquellas reuniões vespertinas e parecia presidil-as com a sua graça nostalgica e o seu bom humor condescendente. Todos o adoravam, e quando veio a morrer em Janeiro de 1899 os seus irmãos espirituaes o choraram longamente. A' sepultura José Verissimo fez-lhe as tristes despedidas da Revista, Joaquim Nabuco as da Academia Brasileira. O vasio deixado por Taunay na Revista foi de uma saudade infinda; a vaga da Academia tinha materialmente de preencher-se. Nabuco escreve a Machado de Assis para sondal-o sobre a futura eleição. A Academia estava na terceira successão das suas

cadeiras. Já tinham sido substituidos Luiz Guimarães e Pereira da Silva. Nada interessa tanto a vida Academica como uma eleição. Parece que aquelles homens, escapos da politica, mas guardando fielmente o espirito eleitoral do brasileiro, desforram-se em eleger confrades, exercendo uma funcção considerada um privilegio, quando raramente votam fóra da Academia mesmo para escolher o Presidente da Republica. Na Academia o sentimento eleitoral é o mais activo de todos, e a Academia Brasileira, graças ao seu quociente de mortos, jamais foi uma academia morta. Os abençoados mortos deram-lhe a mais preciosa das vidas, a vida eleitoral. Houve tempo em que ella parecia extincta; o publico só se apercebia vagamente da sua existencia, quando era annunciado o resultado de alguma eleição. E Nabuco, em 1900, pergunta a Machado de Assis: "Será preciso que morra mais algum Academico para haver sessão? Que papel representamos nós então? Foi para isso, para morrermos, que o Lucio e você nos convidaram? Não, meu caro, reunamo-nos para conjurar o agouro, é muito melhor. Trabalhemos todos vivos".

Era de longe, da Europa, que Joaquim Nabuco escrevia a Machado de Assis. Um acontecimento inesperado tinha-se produzido e arrebatado Nabuco do convivio de seus amigos. O governo o havia convidado para defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Guyana Ingleza e elle acceitara a missão. Foi em Março de 1899. Poucos factos de ordem pessoal provocaram nestes annos da Republica maior interesse. Joaquim Nabuco, por ser exaltadamente admirado pela generalidade dos brasileiros, fôra sempre muito invejado. A grande maioria do paiz inspirada pelo inconsciente

nacional e indiferente á casuistica partidaria, alegrava-se em contar novamente com o grande homem da Abolição para cooperar nos destinos da patria. No campo restrictamente sectario dos monarchistas a celeuma foi accesa. Os phariseus da doutrina pretenderam dictar a Joaquim Nabuco as regras do dever civico. O publico viu nesse movimento uma estultice e um desabafo do despeito. Qualquer um dos "protestantes" (alguns empregados publicos e muitos beneficiados pela Republica pessoalmente ou em suas familias) acceitaria não sómente uma missão de ordem geral, sem politica, de puro interesse nacional, mas ainda um cargo de confiança governamental, um posto de collaboração administrativa, como posteriormente deram aos seus correligionarios monarchistas os mais frisantes e autorisados exemplos João Alfredo exercendo a presidencia do Banco do Brasil e Carlos de Laet a direcção do Collegio Pedro II. Foi esta a lição que Pedro II dictou aos brasileiros, quando consultado pelo Barão do Rio Branco, consul em Liverpool, qual o dever dos monarchistas, que exerciam cargos publicos, respondeu por telegramma de Cannes, de 8 de dezembro de 1889: "Li tudo, quero-lhe muito, digo que fique, peço que fique, é seu dever. Sirva seu paiz"

Machado de Assis synthetisa numa phrase de sua carta de 10 de março daquelle anno o justo sentimento, que geralmente se teve do appello do Presidente Campos Salles a Joaquim Nabuco e da acquiescencia deste em defender o Brasil. "Vi que o governo, sem curar de incompatibilidades politicas pediu a você o seu talento com o fim de applicar em beneficio do Brasil a capacidade de um homem, que os acontecimentos de ha dez annos levaram a servir a patria no

silencio do gabinete. Tanto melhor para um e para outro"

Houve, porem, um monarchista militante que comprehendeu a attitude de Joaquim Nabuco; foi Eduardo Prado. O autor da "Illusão Americana" era um dos raros politicos brasileiros animados de sentimento universal. A politica para elle, como para Joaquim Nabuco, não se apertava dentro das fronteiras do paiz. Sabiam que o Brasil tem um grande destino internacional a zelar e a desenvolver e que a nossa politica interna deve mover-se de conformidade com a politica exterior. Eduardo Prado collocou a missão Nabuco nos seus verdadeiros termos. Tratava-se de uma das phases da batalha diplomatica em defeza do territorio nacional para prevenir violencias das nações, instigadas pelo demonio da conquista. As fronteiras do Brasil estavam em perpetua contestação. Havia necessidade de definil-as precisamente. A opinião publica, presciente, comprimiu os successivos governos a resolver por arbitramentos os litigios seculares. Era, portanto, uma verdadeira campanha patriotica, que se travava. Nada de extranhar que os governos chamassem a postos os mais competentes brasileiros e estes não podiam recusar os seus serviços, sob o pretexto de convicções monarchicas, como os almirantes e os generaes não se podem furtar ao dever de defender a patria, seja qual for o governo desta. A Republica já tinha feito appello ao barão de Rio Branco, ainda monarchista, e elle cobriu-se de louros nos pleitos das Missões e do Orenoco. Porque Nabuco tambem não poderia servir ao paiz? Ninguem melhor do que elle em situação de negociar o tratado de arbitramento, que iamos propor á Inglaterra. A sua elevação intellectual, a sua autoridade moral de factor preponderante da abolição dos escravos,

num paiz de idealismo politico, como a Grã Bretanha, o seu intimo conhecimento da lingua, dos costumes e da sociedade ingleza davam-lhe uma autoridade sem par.

Não foi simples a luta pelo arbitramento. A politica ingleza é velada. Custa muito se lhe descobrir a face. Longos mezes passou Nabuco em trabalho pertinaz para decidir a Inglaterra a aceitar a solução arbitral. Estava-se em plena guerra do Transvaal e o governo inglez esperava a desforra dos primeiros retumbantes revezes da campanha para decidir qual a sua attitude nos varios conflictos internacionaes, que se lhe abriam no mundo inteiro. Passava-se o tempo numa diplomacia de espectativa, como se estivessemos a tratar com o Vaticano. A Inglaterra perscrutava tambem a opinião internacional para ver se um novo incidente, como o da sua intervenção em Venezuela, e que no nosso caso seria a occupação violenta do territorio em litigio, não suscitaria serio alarma. Joaquim Nabuco velava. Desde o primeiro contacto com a questão, Joaquim Nabuco resalvando os direitos do Brasil na decisão arbitral, que se proferisse na pendencia anglo-venezuelana, patenteou a consciencia juridica, que inspirava a nossa causa. Por uma infatigavel argumentação, por uma tenaz acção pessoal, levou a Grã Bretanha a submetter a arbitramento o seu litigio territorial com o Brasil. O arbitramento é um recurso aleatorio, mas, injusta como foi a sentença arbitral, foi ella ainda assim preferivel a soffrermos uma aggressão da Inglaterra, qual a da occupação militar da região disputada, que estaria perdida para sempre na sua totalidade.

Eduardo Prado não se enganara. Tinham-se avolumado as difficuldades que previra, e ninguem as teria desviado

como Joaquim Nabuco, que assim cumpria o seu dever patriotico. Por longo tempo a situação internacional do Brasil, a nossa integridade territorial e portanto a nossa independencia politica estiveram ameaçadas. Eduardo Prado viu o perigo americano que passou, viu o perigo inglez, que Nabuco desviou naquelle momento, e viu tambem o perigo allemão. "Quanto a Allemanha, diz precisamente, em 8 de abril de 1899, o escriptor patriota, é por demais suggestivo o aspecto da costa do Brasil no celebre atlas de Stieler. Para o sul ha deseseis pontos sublinhados de amarello. Ora, segundo as convenções daquelle repertorio cartographico, que é o de mais autoridade na sciencia da geographia, a côr amarella quer dizer dominio, ou pelo menos, zona de influencia da Allemanha. Se a isto se accrescentar o que já tem sido publicado no Brasil, que o ensino primario na Allemanha é mais positivo sobre estes pontos do territorio brasileiro; se recordarmos que ha povoações no sul do Brasil, onde a lingua é allemã, não será difficil tirar *as mais tristes conclusões* em relação ao provavel perigo que nos espera". Deste perigo fomos libertados pela victoria dos alliados em 1918. Devemos-lhe, a esta, a segurança da nossa integridade territorial. Se ainda algum incredulo duvidar das vantagens obtidas pelo Brasil em combater a Allemanha, se perguntar o que lucramos materialmente, a melhor resposta a essa indagação utilitaria, seria aquella muito simples do obscuro, porém arguto jornal de provincia: "ganhamos Santa Catharina e o Rio Grande do Sul"

Tal foi a situação do mundo no periodo que precedeu a guerra de 1914. Os processos arbitraes para a defeza dos territorios foram os prodromos dos formidaveis conflictos ar-

mados, que se succederam. As victorias totaes ou parciaes de Rio Branco e Joaquim Nabuco foram actos de alta benemerencia patriotica. Defendendo o Brasil, elles o fizeram unicamente inspirados pelo sentimento nacional. O conceito da nação era em toda a parte zelado por grandes espiritos, embora uma onda de cosmopolitismo procurasse submergir as patrias. O resultado mais tangivel da grande guerra foi a affirmação triumphante do nacionalismo em opposição ao communismo internacional.

Se, baseado no puro sentimento patrio, Joaquim Nabuco se conformou mais tarde com a ordem republicana, definitivamente estabelecida no Brasil, é porque assim determinou o seu profundo instincto politico, eminentemente conservador. Quando elle despontou no scenario da politica o sentimento o impellia para a republica. Confessa que na sua mocidade considerou a monarchia brasileira como o regimen da escravidão, cujo espectaculo humilhava a sua humanidade, viu o imperio como a posse, a "fazenda" das olygarchias. E em tudo uma tal ausencia de belleza, uma existencia tão anti-esthetica que a necessidade de uma representação da vida mais artistica, solicitada pelo seu temperamento, o fazia aspirar a outra cousa, que não fosse a triste e bisonha monarchia brasileira. A razão e o instincto politico contrariaram esta especie de saudade do desejo juvenil e o acorrentaram ao Imperio. Para chegar-se á republica era necessaria a revolução, e isto repugnou sempre á harmonia essencial do espirito de Nabuco. Se tivesse encontrado a republica não pensaria na monarchia. Esta feição conservadora que elle quiz attribuir a influencias inglezas, é da essencia do seu ser e transparece nas suas attitudes mais radicaes. Recorde-

se que reclamou ardentemente a abolição, como necessidade politica e uma exigencia da civilisação, mas no projecto de lei, que apresentou em 1880, conservador por indole, propoz a indemnisação para a singular propriedade de escravos.

Fóra dessa força instinctiva, Joaquim Nabuco não estava ligado á monarchia por uma arregimentação partidaria. Não era homem de partido; era homem de idéas politicas. Fez a abolição separando-se do seu partido. Ficou fiel á monarchia, como consequencia do seu abolicionismo. E ainda por fidelidade á idéa redemptora apoiou o ministerio conservador da Abolição e repelliu a politica partidaria. Em uma carta a José Mariano, o seu companheiro de lutas no Recife, Joaquim Nabuco, em julho de 1888, define a sua posição sympathica ao gabinete João Alfredo. "Estou longe de querer derribar de qualquer forma o ministerio juntando-me com os revolucionarios escravistas. Se elle quizer cahir, cáe com os olhos abertos. A minha posição é especial, exactamente porque o João Alfredo está sendo atacado pela lei de 13 de Maio, causa principal do odio contra elle e porque estou mais identificado com o abolicionismo do que com qualquer partido, que me parecem todos egualmente plutocraticos. Eu hoje lucto por idéas e não por partidos. Nas idéas sou intransigente, quanto aos partidos não me presto mais a galvanizal-os. Estão mortos e bem mortos. Para fazer cousa nova é preciso novos instrumentos. Os que nos vieram da escravidão são cabos de chicote e pedaços de tronco, que não servem para a reorganização do paiz. Occupo na Camara uma posição solitaria, que corresponde ao meu ideal, não direi politico, mas popular... Estou em uma verdadeira evolução, na qual os

partidos me causam o effeito de sombras impalpaveis e o povo de uma immensa chaga aberta em nosso territorio infeliz"

Desligado assim dos partidos, Joaquim Nabuco todavia não promoveu a Republica e nem a acceitou ao ser proclamada. Não a promoveu, porque seria contrariar o seu instincto hostil a revolução, e a republica só podia vir revolucionariamente, como veiu. Seria tambem faltar á sua fidelidade á monarchia abolicionista tornar-se conspirador contra ella. Não adheriu á republica, porque não a julgou definitivamente aceita pela opinião brasileira. Pareceu-lhe ter sido esta surprehendida, e estar apparelhada para restaurar a monarchia, forma tradicional do governo do Brasil. Longo tempo Nabuco observou aquella opinião, inquiriu da alma nacional e assistiu, mais como uma testemunha do que politico militante, ás agitações que convulsionaram os primeiros tempos do regimen republicano. Teve mais tarde a magua de comprehender "que a monarchia morrera em Campo Osorio" quando alli, exangue, traspassado pelas armas republicanas, expirou o ultimo lidador da Causa, o denodado e absurdo cavalheiro Saldanha da Gama.

E' exacto que os velhos representantes do antigo regimen ainda persistiram em recompor os fragmentos da monarchia esphacelada. Nabuco não os contrariou. Contemplou confrangido esta vã porfia de phantasmas allucinados. O seu claro espirito viu esvair-se para sempre o Imperio. Em vez delle sob os destroços do passado, presidindo o desfilar das esperanças immortaes, collocou a abstração imperativa da Patria, que desde então e até o fim o inspirou e o commandou.

A attitude serodia dos monarchistas o affastou cada dia mais delles. Farto do que assistia, escreveu em janeiro de 1899 a Eduardo Prado: "Retirado do mundo, com effeito, estou. Desde a tal fundação da "Liberdade" separei-me, isolei-me do partido monarchista e tornei-me assim um monarchista platonico. Hoje estou me retirando mesmo dessa posição, porque a minha consciencia me impede o uso de explosivos, mesmo sob a fórma de idéas, mesmo por simples processos de insinuação, e eu não encaro mais indifferentemente hypothese de guerra civil, revolução, golpes de estado etc. Por tudo isto não sou mais politico em sentido algum e só desejo fazer nesse sentido o meu testamento. Reconstruir o Imperio, concertar o Imperio quebrado, com pretenção a tornal-o desta vez infrangivel e á prova de motim, desgostos de partidos, intervenção Americana etc. etc. é tarefa, que não é para mim" Era a ruptura definitiva. Ninguem poderia melhor do que elle proprio explicar os motivos psychologicos e intellectuaes desse desquite. Nas palavras de Nabuco espelha-se o seu intimo caracter politico. Lutar pela monarchia quando a republica está irrevogavelmente assentada no paiz, seria tornar-se um revolucionario romantico, um perpetuo conspirador, e isto repugnava ao seu temperamento harmonioso e ao seu elevado senso nacional. Embora convencido da estabilidade da republica e separado dos monarchistas, Nabuco acceitou a missão offerecida pelo governo, com resalva das suas opiniões, o que aliás, era desnecessario, como notou Machado de Assis, por não ter dellas cogitado o governo, como não cogitára nomeando Rio Branco para as missões de Washington e Berna. Joaquim Nabuco tornou-se defensor do Brasil

e só considerou a sua missão sob o angulo patriotico, ***sub specie Patriæ***.

Os "amigos" da Academia regosijam-se com a missão Nabuco, mas sentem separarem-se do "encantador" Machado de Assis pressuroso felicita o paiz, mas não esquece a Academia, a sua preoccupação tão absorvente como a da feitura em sigillo dos seus livros. Joaquim Nabuco ausenta-se, o seu posto na direcção da "casa" não é preenchido, o seu substituto é provisorio. A Academia não perde o seu orador, diz Machado, cujo logar fica naturalmente esperando por elle. E logo a imaginação lhe mostra Nabuco perante a Inglaterra como "conservador da eloquencia da Academia deante dos seus pares".

A Inglaterra era uma das admirações de Machado de Assis. Della lhe vem a parte voluntaria do seu "humour" e para ella ia o respeito daquelle, que era o mais livre dos escriptores e o mais conservador dos homens. Machado de Assis presava na Inglaterra sobretudo a ordenação social e a solidez magestatica da Nação. Era o Imperio por excellencia alastrando-se pelo mundo inteiro, organisado soberanamente. O homem timido extasiava-se deante da grandeza. A Grecia seduzia-o, mas Roma dominava-o. Em Roma, força, prestigio, lei, autoridade, genio, soberania, tudo elle condensava na figura de Cesar. Contradictorio como toda a gente, Machado de Assis, homem livre, prestava culto e vassalagem aos homens fortes. Os seus heróes politicos eram Cesar, Napoleão, Cesar Borgia mesmo, Cromwell e Floriano. O instincto conservador falava-lhe ao espirito. Machado de Assis exigia sómente ordem na vida publica. As revoluções eram a agitação incommoda e a mystificação demagogica, que lhe repugna-

vam ao senso realista e ironico. Amava os tyrannos em reconhecimento á segurança, que lhe davam. Não seria este sentimento de satisfeita subordinação ao despotismo uma fórma de desprezo pelo genero humano e suas luctas pueris? Os governos fortes asseguram a tranquilidade almejada, o espirito póde ser errante, audaz, e continuar imperturbavel o jogo delicioso das idéas e das creações. Só para o seu genio reclamava a liberdade.

A vida fóra do Brasil era para Joaquim Nabuco um exilio. O encanto europeu fascinou-o na mocidade. A sua primeira viagem é um deslumbramento. E' a magia da descoberta da civilisação. Mas logo depois deste primeiro e tão fecundo contacto rompe-se o encanto e Nabuco, fiel aos seus tresentos annos de sangue brasileiro, só no Brasil póde viver sem saudades. A vida lhe seria difficil, o ambiente por vezes ingrato, a versatilidade dos brasileiros o desalentaria, mas o mysterio nacional o conservou preso, e embora a sua imaginação, no seu dizer, fosse européa, elle mesmo acabou depurando-a. Revelando a sua intimidade emocional, diz-nos: "Quando entre a patria que é o sentimento, e o mundo que é o pensamento, vi que a imaginação podia quebrar a estreita fôrma, em que estavam a cozer ao sol tropical os meus pequenos debuxos d'alma, deixei ir a Europa, a historia, a arte, guardando do que é universal só a religião e as letras". A volta á Europa, mesmo armado de um dever patriotico, foi um grande sacrificio ao seu espirito. Já antes, no ardor da campanha abolicionista, quando se viu forçado a viver em Londres, a nostalgia o maltratara. De Londres em 21 de janeiro de 1884 escreve melancolicamente o valoroso campeão ao seu velho professor do Pedro II, o barão

Homem de Mello: "O que mais me incommoda é não saber o que tenho e porque fiquei tão magro em poucas semanas. Um dos medicos disse que estou sentindo a falta do sol do Brasil e da vida agitada que ahi levava. E' possivel. Eu creio-me mesmo litteralmente doente de saudade. O meu coração está ahi. O meu ardente desejo é ir lutar de mais perto pela causa que julgo ser a vida do Brasil, mas faltam-me os meios e sinto-me condemnado a viver, até ao fim, do meu trabalho intellectual como jornalista e homem de letras, isto é na posição a mais precaria em nosso paiz". Esta saudade do Brasil o persegue sempre; pouco a pouco ella constitue o *substratum* da sua alma, que se vae tornando nostalgica, e a melancolia transparece até na alegria religiosa, que se esforça por praticar. Com o tempo Joaquim Nabuco, um dos constructores do novo Brasil, inspirado pelas antecipações do futuro, volta-se para o passado, e a meditação é uma saudade de tudo o que se foi e do que desejou e jamais se lhe realizou plenamente.

Aquella primeira adaptação enthusiastica á vida estrangeira da mocidade fora passageira, e quando, depois de longos annos de conformidade á vida brasileira, e preso ainda mais á patria pelo sentimento da perpetuidade nos filhos, Nabuco volta a estabelecer-se na Europa, daquella adaptação quasi não se conhecem traços. E' um estrangeiro e um estranho. Viveu os primeiros tempos isolado dos europeus e, entregue aos seus novos estudos de geographia historica e fechado em resumido circulo de compatriotas, seus intimos. O seu pensamento está no Brasil. "Se não fosse ter vindo muito cambaleante de lá, escreve saudoso a Machado de Assis em dezembro de 1899, e ter me feito bem a mudan-

ça de clima, o meu desejo maior seria achar-me de novo no meio do circulo da Revista" Jamais se conformou com o exilio, seja em Londres, em Pariz, em Roma e finalmente em Washington. No perpetuo desterro da alma cultiva a sua imaginação brasileira; engrandeceu-a no sentimento patriotico e santificou-a no mysticismo religioso.

Os estudos brasileiros da questão confiada á sua defesa o encantaram. Era materia nova para a sua viva curiosidade e o seu espirito joven alegrava-se em descobrir, em revelar o mundo ignoto, no qual se devia fixar os limites da patria. Era sopro de mocidade esta satisfação intellectual. Não escreveu elle que a mocidade é a surpreza da vida? Percorreu paciente centenas de documentos; a pratica já adquirida em "Um Estadista do Imperio" lhe affeiçoara o espirito a estes trabalhos. Ao mesmo tempo o escriptor, o creador da harmonia, extrahia de toda essa informe, confusa e obscura documentação, as bases e as linhas do monumento que architectava e que seriam as tres vastas memorias e os dezoito grandes volumes annexos. Familiarisara-se com toda aquella selvageria das Guyanas, e a sua imaginação poderosa passeiava pelas margens do Mahú, pelas brenhas do Tacutú, ou deleitava-se nas aguas do lago de Pirara, quando não com a belleza dos campos do Rio Branco, que enfeitiçavam os viajantes. O seu espirito asenhoreava-se do territorio, cuja disputa parecia exagerada ao sarcastico Lord Salisbury, que dizia a Nabuco não haver interesse na pendencia por uma região "onde não existia uma vacca". E a desinteressada Inglaterra proseguia na disputa tenazmente...

Apesar de fixar o seu espirito nesses estudos, Joaquim

Nabuco sentia necessidade de viajar constantemente. Na sua nostalgia do Brasil nenhum paiz o satisfazia. E o formidavel trabalhador tornara-se nomada. Nas suas peregrinações transportava comsigo os seus documentos, os seus livros de consulta e ia compondo sem vacillar, com uma firmeza assombrosa, as suas memorias e ordenando os numerosos alvarás, roteiros e relatorios.

Numa dessas erradias foi ter ao lago do Lemano. Voltava a um dos scenarios da sua mocidade. Do seu "mez de Ouchy" entretinha insaciavel lembrança, e tal era a belleza da paisagem que Nabuco, tomado de uma exaltação puramente esthetica, o que lhe acontecia com raridade, relega ao segundo plano a fascinação literaria e historica do ambiente e lamenta não dispor "de algumas eternidades desta vida para se deixar prender eternamente ao lago, ao seu córte e á sua moldura" Volvendo agora na madureza, Nabuco como que se via na sua radiante juventude e uma saudade inexprimivel de tudo o que ali ideára e vivera, annuviava-lhe a alma. Mas a belleza do lago permanecia intangivel.

Viajando sobre aquella agua, que por entre a nevoa tornava-se vaporosa, Joaquim Nabuco evocava as sombras amadas dos genios que ahi viveram, Rousseau, Voltaire, Madame de Staël, Chateaubriand, Benjamin Constant, Byron, e visitava os retiros sagrados que são Clarens, Ouchy, Coppet e Ferney.

De todas essas visitas a mais delicada pelo perfume do romantismo de que ainda está impregnada, foi a de Coppet. Nesse velho solar, onde moraram a belleza, o genio e o amor, os viajantes iniciados procuram os divinos segredos,

que estão nas arvores vetustas, nas antigas paredes, como que voltejando imponderaveis na atmosphera. Buscam o que não se vê: os pensamentos finos e altos, os murmurios do goso e toda essa epopéa dos grandes espiritos guardada no silencio sem fim! Joaquim Nabuco transportara-se para o verdadeiro quadro do seu espirito. Foi sempre um homem da Restauração. O seu liberalismo e o seu romantismo alliaram-se e marcaram em sua personalidade o cunho daquella epoca de fugaz volta ao passado, mas com os descortinos do futuro e a suprema nostalgia do desejo. Desta suggestão a imagem que tentou reproduzir um dia, foi a da reacção contra o espirito revolucionario, contra o despotismo, que o fazia suavemente romantico na politica, nas letras, na religião, na vida. Os seus guias, os seus espectros amados seriam então Chateaubriand, Benjamim Constant, Bonald, e um pouco os allemães transcendentaes como Novalis, os peregrinos genios inglezes como Shelley. Foi assim que, embebido de romantismo, Nabuco na primeira volta da Europa adopta em seus folhetins do "Jornal do Commercio" o pseudonymo de "Freischutz" Ora Weber foi o iniciador do romantismo na musica allemã naquella epoca da restauração franceza...

Como estava bem no seu logar, em Coppet, Joaquim Nabuco! Um seculo depois da debandada dos vultos, que hoje são sombras divinas, era commovente vel-o alli debaixo das mesmas arvores e nos mesmos logares familiares do par amoroso, Madame de Staël e Benjamin Constant. Parecia um personagem do tempo e que ficara symbolicamente na vida para dar a illusão da immutabilidade das cousas. Era como a resurreição viva de um dos nobres estrangeiros, de

um dos espiritos cosmopolitas da côrte de *"Corina"* um emulo de Augusto Schlegel ou de Palmela.

Tudo é morto no castello. Só os olhos da saudade vêm tudo animado. Póde a mobilia ser a mesma, o arranjo inalterado, mas em vão espera-se a castellã... Não ha viva alma no solar. Entra-se. Aqui são os salões, as salas de leitura, a livraria. Eis o quarto de Madame de Staël. Dous ou tres retratos de Benjamim Constant, um de M. Necker em attitude de admirar a filha admiravel. Eis o aposento de Madame Recamier. Um quarto como um oratorio; um leito muito artistico guardava a lembrança do somno da fascinante formosura, e quem sabe? da estranha virgindade. Contemplando as doces reliquias, Nabuco erecto qual a nobre estatua de um deus, como se diria em máo estylo do tempo rememorado, perdia-se numa saudade antiga.

Machado de Assis era o companheiro imaginario dessas peregrinações. Nabuco não o esquece nas suas visitas piedosas aos grandes mortos da literatura; vae pela Europa escrevendo-lhe o nome em todos os santos logares dos escriptores e ainda o faz na America do Norte, quando visita a morada de Longfellow. Tambem em Pariz o representou na missa do editor de ambos, de um dos sempre velhos Garnier. Mas não o representou na missa do Imperador. Nabuco, extremamente delicado, absteve-se de fazer o amigo ausente participar daquelle tributo, pois ninguem sabia exactamente o conceito de Machado de Assis sobre Pedro II. Se lhe prestou alguma homenagem seria a da simples estima. Não havia em Pedro II um destes traços de magestade, de força, de soberania que forçasse a admiração de um homem sceptico e amigo dos tyrannos, como Machado de Assis. O Im-

perador burguez e bonachão, um dilettante em tudo até como monarcha, seguramente Machado de Assis jamais lhe perdoou deixar-se vencer, ser expulso, occupar-se de astronomia e de hebraico, e escrever máos versos. Joaquim Nabuco imaginava o Imperador de outra maneira. Elevou-o a uma entidade superior, um nume patrio, e quando morreu, Nabuco commoveu-se e exclamou que a morte do Imperador era uma catastrophe moral, como seria na ordem material a destruição de uma grandeza physica do Brasil. O seu juizo sobre Pedro II permanece emotivo, é a expressão de um culto, o tributo de um reconhecimento. Por isso quando em Pariz assiste á missa pelo Imperador as reflexões, que transmitte a Machado de Assis, são de inteiro respeito e da mesma melancolia, que se lhe tornara a feição predominante do espirito. "Hoje fui a outra missa, a do Imperador, onde havia muito pouca gente, como é natural cá e lá, mas muito cabello branco. Ora como as correntes politicas são formadas pelos que teem de vinte a trinta annos, não póde haver nada mais innoffensivo do que um culto, que só reune os destróços de uma época que passou, como são os cabellos brancos. A maior parte dos presentes seriam membros do Instituto de França. Outro elemento tambem inoffensivo: as bellas lettras e as inscripções" Acrescenta nessa mesma carta: "Nós não valemos mais nada, não contamos para a morphologia nacional, toda nova geração faz sempre *da se,* nós influimos no nosso tempo, preenchemos a nossa funcção"

Com effeito os tempos estavam revolvidos no Brasil. A abolição da escravatura foi o facto social mais preponderante para a transformação do Brasil em duas épocas diversas e antagonicas. Desde o seu povoamento colonial o

paiz tinha uma formação feudal, era uma agglomeração de senhores e escravos. A abolição tirara á aristocracia territorial a sua base e desde logo entramos no cháos. Joaquim Nabuco foi um dos titans da destruição do antigo regimen feudal. O resultado, porem, foi mais extenso e mais profundo e tumultuario do que elle imaginára. Quando mais tarde contempla a transformação social que decorreu da sua acção dynamica, sente-se elle proprio em desiquilibrio com o novo Brasil. Todos os instinctos mais primitivos, todas as aspirações mais grosseiras, desencadeiam-se sobre a face da terra brasileira. Ao passo que se vão apagando, evaporando as tradições, surge por toda parte o "homem novo". E' o rebento da mestiçagem, a flor da plebe. Invade a sociedade de que os seus incertos antepassados foram excluidos. E' vingativo, como o filho de escravo que se liberta, rancoroso como um paria que rumina longamente a desforra. Deante do invasor, os espiritos delicados, como o de Joaquim Nabuco, retraem-se e refugiam-se no pensamento, e pelos trabalhos da intelligencia e da fé realizam a perfeição interior. Confessam-se vencidos para a luta publica, como tambem o são aquelles que trazem nas veias o sangue mestiço, mas cuja sensibilidade apurada pela cultura apartou-os da que vem dos instinctos da raça.

Machado de Assis no seu recolhimento espiritual escreve no mais bello sigillo *Dom Casmurro.* O editor de Pariz commettéra uma indiscreção, que atormentaria o autor se este della não tivesse sabido só muito mais tarde. Communicára a Nabuco as provas do livro em impressão e quando Machado lhe mandou o volume, Nabuco lhe diz sorrindo que "já o havia sorvido na fonte" E' singular não haver

uma palavra de julgamento da obra. Apenas uma phrase de envolvente sympathia e de respeitosa brincadeira: "Você sabe que sobre mim sua penna tem o poder de um condão e como V. me póde virar no que bem lhe parecer, recommendo-me a sua bondade" E' um tributo de admiraçãc, mas não é um juizo critico. Os dois escriptores respeitam-se, admiram-se, mas não se julgam. Não ha muita affinidade entre elles. Distinguem-se ao contrario, fundamentalmente. Machado de Assis é um maravilhoso espirito de analyse, emquanto Joaquim Nabuco é um magnifico escriptor de synthese. O que distingue sobretudo Joaquim Nabuco é a imaginação, que lhe foi viva, ardente e vasta. Por ella synthetisa em idéas o mundo dos phenomenos. Pensa o universo, a sociedade, os homens e a vida complexa, enfeixa e tudo condensa em formulas, entidades que lhe inspiram e orientam o espirito. Ha nelle uma germinação espontanea de idéas geraes que aprioristicamente devem regular a existencia universal. Seria a philosophia, se não fosse a politica do universo. Porque, mesmo nas coisas mais abstractas, sente-se um pensador politico em Joaquim Nabuco. Elle constróe a sua feição o Cosmos, esculpe Deus segundo a sua fé e faz tudo mover-se, céos, mundos, homens, a natureza inteira pelas alavancas das idéas.

Machado de Assis fragmenta o universo, decompõe-o e o analysa especialmente nos seus mais terriveis segredos, que são os da alma humana. E nesta analyse não tem, como Nabuco, o sopro social e politico; restringe-se á sua intensidade psychologica e permanece sobretudo homem de letras. A politica nos seus livros é um accidente secundario. A Abolição no *Memorial de Ayres* apparece para lhe dar occa-

são de duas reminiscencias literarias, sobre a escravidão: o que os jornaes americanos disseram do Brasil por occasião da libertação dos escravos nos Estados Unidos, e a evocação humoristica da poesia de Heine *O Navio Negreiro*. Oh! A alegria do povo naquelle momento! Mas ella é secundaria para Machado de Assis, que pela penna do Conselheiro Ayres assevera que "Não ha alegria publica que lhe valha uma alegria particular". E continua o Memorial traçando o desenrolar da vida privada dos seus fantoches. Em *Esau e Jacob* a quéda da Monarchia e a installação da Republica são incidentes apenas referidos. Para Joaquim Nabuco estes acontecimentos foram supremos.

Machado de Assis seria para Nabuco um escriptor secco, frio, privado desta temperatura, que cria nos espiritos, o sonho e o idealismo. Se a sua admiração ia de preferencia para Platão, Santo Agostinho, Santo Thomaz, os Padres da Igreja, Dante, Chateaubriand, não podia integrar-se nos escriptores destituidos de mysticismo. Machado de Assis não foi uma grande admiração literaria de Joaquim Nabuco, o espirito companheiro do seu, com que aspirasse realizar a unidade infinita do Todo pela identidade da emoção esthetica ou religiosa. Assim tambem não admirou Stendhal ou Flaubert, viveu afastado de Zola. Não era todo mysticismo que se affinava ao seu. O mysticismo revolucionario e nihilista dos escriptores russos, por ser barbaro, primitivo, era-lhe antipathico. Com Ibsen não travou conhecimento para não ser perturbado e querer limitar as suas relações espirituaes. Este proposito de limitação ainda é um traço politico. E' o instincto da ordem e da conservação, que tem horror ao absoluto e não se perde no desvario. A limi-

tação é uma forma de disciplina. A disciplina no nosso tumulto é uma expressão de heroismo.

O pensador politico Joaquim Nabuco é tambem um grande artista da palavra. Se não é um estheta puro, ainda assim as artes plasticas lhe impressionavam victoriosamente a sensibilidade, e o escriptor recebeu dellas a visão, a ordem, a luz, o rythmo, a serenidade a as linhas esculpturaes do estylo.

E' o estylo da eloquencia. As imagens literarias não são apenas ornamentos, são tambem columnas basicas. Este estylo vem da oratoria. Sente-se que é "discursado" que Nabuco nas suas melhores paginas fala, discorre para um auditorio immediato. Ha sempre alguem diante delle, e quando não é a multidão ou a assembléa, é um pequeno grupo de amigos. Nas suas proprias "confissões" não se recolhe ao confissionario, á sombra de uma nave deserta. Jamais. Confessa-se de uma tribuna ou de uma cadeira oracular e os seus confessores são os seus eguaes, os que o podem entender. Joaquim Nabuco sabe que será julgado pela Historia, e o seu estylo resente-se deste moto intimo, desta finalidade. A historia, a falaz mestra da vida, é a sua grande perturbação. Se ella um dia o veiu julgar, tambem o preparou para esse julgamento, não só lhe dando a suggestão da sua personalidade projectada no quadro social em que viveu, como tambem lhe fornecendo a maior parte das imagens, que se lhe estamparam na estylisada urdidura literaria.

Machado de Assis escreveu para si mesmo. E' reservado, timido, e se por acaso se confessa é pela metade. Não pensa na posteridade e della duvida. O seu estylo é recolhi-

do. Ha muito pudor e delicadeza em sua composição, mas no fundo uma perversidade geral, uma audacia intima que, receiosa de transparecer, desfaz-se em cynismo e hypocrisia. Como um verdadeiro artista, as palavras, o verbo, as expressões que vestem as cousas, são o seu jogo imaginario, a sua gymnastica de camara secreta. O maravilhoso malabarista depois de deixar a phrase arrastar-se, fal-a saltar repentinamente e gosa desse salto, como uma acrobacia da vontade, que o diverte e nos encanta.

Joaquim Nabuco atravez da sua gravidade habitual e da solemnidade, que é o traço da herança paterna, tem tambem muito imprevisto. As notações subitas e vivazes guardam, porem, sempre a attitude harmoniosa, não exprimem o vago inconsciente, nem a desarticulação que quebra o estylo e o torna deliciosamente desonante, nem o salto vertiginoso da semi-loucura, que se encontra em Machado de Assis. Como homem da phrase foram ambos dos maiores deste paiz. Quem escreveu melhor? Quem escreveu bem no Brasil? Esta pergunta que anceia todos os escriptores, reposta mais uma vez no debate literario, é insoluvel. Onde o canon do estylo? Que é estylo? Os iniciados sabem o que é, mas não o definem. O espirito humano apossa-se da materia universal, subordina-a e exprime-a em uma fórma, eis o estylo. Conforme a cultura, assim o estylo. Os Gregos, mathematicos, estylisaram as cousas, segundo a geometria. A rhetorica é uma construcção e o "discurso" uma ordem architectonica. O estylo de Pythagoras, de Empedocles é geometrico, embora esoterico, como o foram o dos mysticos dos Vedas, dos Upanshades e da Kabala. Spinosa retoma o estylo rectilineo e hermetico, depois da volupia colorida do

Renascimento. Ora hoje a cultura, agindo sobre a sensibilidade, faria do estylo uma infinita harmonia musical das palavras. E esta musica seria a forma mystica das cousas e a sua notação exacta. Não deve permittir um intervallo entre o que se chama palavra e o objecto. Toda a falta de precisão, de força, de ajustamento e de disciplina do verbo, estabelece a vacuidade, o desconcerto da phrase e então ha ausencia de estylo, e o que é peior, ha o máu escriptor. Neste sentido de harmonia perfeita do real com o invisivel, raros foram os estylistas deste paiz. Podem-se nomear tres ou quatro verdadeiramente superiores pela sciencia e arte da phrase, do conhecimento profundo e exacto das palavras ligadas intrinsecamente aos objectos, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Machado de Assis, Raymundo Corrêa. Poderá Joaquim Nabuco ter este privilegio do "estylo"? Se a sua phrase não é perfeita como lingua, o estylo é intellectual, gráphico, revelador e suggestivo, com uma sobriedade de traços que não é commum no escrever ainda pedregoso e cascalhante dos brasileiros. Com esse estylo, cheio de graça elegante, fabricou um livro fecundo, *A Minha Formação*, onde o capitulo sobre o Barão de Tautphœos é uma obra prima de composição e de expressão, superior mesmo a *Massangana* em que ha muita intenção, muita vontade e algum pathos.

O estylo de Machado de Assis salvou a sua obra do mal que podia fazer o *humour*. Naturalmente o humorismo é da essencia do escriptor e não se lhe póde eliminar, nem imaginal-o sem elle. Mas foi-lhe um grande risco. O humorismo e o sarcasmo são cousas passageiras. Pertence a uma época, vai-se com ella. E' entendido por um grupo que desappa-

rece. A sorte dos escriptores humoristas é precaria. Só pelo genio se libertam do esquecimento. Ou ás vezes é o assumpto que mantem impereciveis as obras satiricas ou humoristicas. Se o theatro de Aristophanes ainda nos interessa não é pelo que ha nelle de satyra, mas porque o assumpto é a sociedade de uma Grecia immorredoura e os personagens são Socrates e outros da mesma projecção. Nas satyras de Juvenal reflectem-se os costumes de Roma; são documentos da historia intima de uma grande civilisação. Voltaire não envelhece no *Candide* e no *Ingenu,* porque a satyra é de ordem tão geral e tão humana, tão profunda, e tão fresca sobretudo, que é uma alegria permanente. Swift tambem allia ao seu *humour* uma satyra tão genial e pittoresca que a eternisa. Ao passo que mil outros humoristas foram-se, como Thackeray com com a sua famosa "Vanity Fair". E' de receiar que o mesmo aconteça com Eça de Queiroz, cujo humorismo é de uma certa época, de uma certa terra, de uma certa gente. Não será entendido em outra epoca, em outras terras e por outras gentes. O espirito de Machado de Assis é mais geral, mais humano, porem não tão intenso que perdure. A's vezes falta-lhe graça ao *humour* e nada mais mortifero do que a insipidez. Um titulo como *Dom Casmurro* traz a pretenção de impressionar ironicamente, mas, sem sabor, não faz rir nem chorar.

O humorismo de Machado de Assis é de fundo romantico. Amargo e triste. Se não chega á mistura do riso e da lagrima, como prescrevia a escola, é por causa do temperamento pundonoroso do escriptor. Ha no seu desenvolvimento o artificialismo britannico, uma acrobacia que illude o jogo e faz sorrir delle, como nos divertimentos dos

comicos excentricos. Este humorismo já passou. Transformou-se com a vitalidade moderna. O humorismo hoje é francamente alegre, alerta e sadio. Procura fazer rir á custa dos humanos e apoia-se sobre a tolice, de preferencia á maldade. Por elle sente-se um agradavel desdem, um supremo desprezo de tudo, ao passo que no humorismo de Machado de Assis ha uma irritação permanente, uma amargura, uma disfarçada intenção moralista, um odio do genero humano que lhe é uma homenagem.

O anno de 1900, que viu o *Dom Casmurro,* tambem viu *Minha Formação.* Machado de Assis agradece a Nabuco o exemplar e o julga summariamente: "melhor que memorias, posto que dellas tenha parte" Não significa esta parcimonia uma reserva de admiração. Machado de Assis tinha uma alta estima intellectual por Joaquim Nabuco e via com enthusiasmo a personalidade de seu amigo, que era tão eminente na politica, na oratoria, e na sociedade, completar-se victoriosamente nas letras. O "joven grego da Hellade" afinára-se em pensador illuminado, e escriptor poderoso e seductor. O juizo definitivo sobre Nabuco da parte de Machado de Assis está adiado nesta correspondencia até o apparecimento do livro *Pensées Detachées* de que a *Minha Formação* já é o prenuncio.

A Academia é uma obsessão para Machado de Assis. O seu genio torna-se eleitoral. E' curioso ver o sceptico combinar successões, imaginar o "quadro" academico. E tudo com a maior subtileza, sem violencia, sem impor os seus desejos. Os amigos, porem, advinham-n'os e esforçam-se em servir ao presidente e ao mestre. Ausente, Joaquim Nabuco toma parte em todas as combinações e é eleitor firme de

Machado de Assis. Se por acaso este se demora em informar o que vai pela Academia, é Nabuco quem o interroga. Assim, os dous inspiradores da Academia vão lhe dando o sopro de vida e completando a sua organização que se opera lentamente, como convem a uma "egreja" que viverá pelos seculos dos seculos..

Tudo foi delineado por elles para ser cumprido um dia embóra por processos diversos dos que propunham. Para sustentar a Academia pobre suggerem a idéa da cedula de presença, "menos burguez do que o recibo do thesoureiro" pelas mensalidades dos academicos, affirma Nabuco. Quiz o destino que a idéa salvadora fosse invertida na execução. Em vez dos academicos sustentarem a Academia, é esta que provê os academicos. Para abrigar a Academia errante propôem alugar-se uma casa, ou uma sala, á custa dos academicos. Um governo condoido empresta-lhe a casa. "Seguramente, escreveu Machado de Assis a Nabuco, era melhor dispor a Academia brasileira de um só predio. Mas não é possivel agora. Outra geração fará melhor" A inverosimil França, graciosamente offerece á Academia um palacio. E' a installação definitiva. E' o voto de Machado que se cumpre. Os dois amigos não viram esta realização imprevista, mas homens de imaginação generosa della se ufanariam. Viram ainda a Academia organisando-se, segundo o plano primitivo de não ser uma aggremiação restrictamente literaria, antes uma "fundação" composta de personalidades illustres de todas as classes intellectuaes do paiz. "V. sabe, escreve Nabuco a Machado de Assis, que eu penso dever ter a Academia uma esphera mais lata do que a litteratura exclusivamente litteraria, para ter maior influencia"

E o espirito politico do academico elucida os motivos dessa ampliação de um instituto que Lucio de Mendonça timidamente fez denominar — de letras — deformando o epitheto absoluto de "Academia Brasileira" como queriam Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Venceu apparentemente a modestia restrictiva, mas a interpretação lata foi a que vingou. "Nós precisamos da presença de um certo numero de *grands seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo porque isto popularisa as lettras" Mais tarde insiste em outra carta a Machado de Assis: "Devemos tornar a Academia *nacional.*" E o primeiro dos "grands seigneurs" admittido, segundo este criteiro social e conservador, foi Rio Branco. Em seguida veiu Francisco de Castro, pela sciencia medica e mais tarde a Marinha era representada por Jaceguay.

Como Nabuco desejaria ter ao seu lado alguns dos seus amigos, um Gusmão Lobo por exemplo! Mas este morria, ou melhor a sua sombra apagára-se dos olhos dos seus contemporaneos, porque, submergindo aos poucos na vida, a sua morte parecia antiga. Machado de Assis commenta em carta a Nabuco este desapparecimento definitivo, e piedoso, como era nas suas affeições, exprime a sua tristeza. "A morte de Gusmão Lobo causou grande consternação. Valha ao menos que se lembraram delle! Vivi annos com esse talento privilegiado, forrado de um bom coração, capaz de aturar trabalhos longos. Serviu a homens e ao seu partido como poucos e figura entre os principaes leaders da Abolição" Sente-se nesta phrase a piedade do autor de Braz Cubas. Porque a nota de humanidade dos espiritos desabusados é ainda mais commovente? Quando a liberdade integral

da dor e da sympathia, que tudo transforma resolutamente em alegria?

Um companheiro da Abolição, soldado obscuro e destemido, ou chefe brilhante e conductor de homens, é para Joaquim Nabuco um camarada de campanha a que se prende por estreita sympathia. Gusmão Lobo fora dos mais presados chefes do movimento. Na *Minha Formação* recebeu de Nabuco o elogio que é como a anticipação do epitaphio. "Elle sósinho enchia com a emancipação o "Jornal do Commercio" Seu talento, seu estylo de escriptor, airoso, perfeito, prismatico, um dos mais bellos e espontaneos do nosso tempo, era verdadeiramente inexhaurivel.. Todo o seu trabalho foi anonymo e poderia passar despercebido de outra geração, se não restasse o testemunho unanime dos que trabalharam com elle. Era um assombro a variedade de papeis que desempenhava na imprensa, incalculavel o valor da sua presença e conselho em nossas reuniões.. E' um dos enygmas do nosso tempo — enygma nacional por que se prende á questão do emmurchecimento rapido de toda a flor do paiz. Como semelhante talento renunciou mais tarde de repente a toda a ambição!..." Essa indagação angustiosa de Joaquim Nabuco não se limita ao rapido e inexplicavel silencio de Gusmão Lobo. Outro caso, que lhe atormentara o espirito generoso e penetrante, foi o destino singular de Rodolpho Dantas, cuja morte teve de soffrer um anno depois. O enygma repetia-se. Rodolpho Dantas em plena ascenção de talento, no maior brilho da sua vida publica, apaga-se repentinamente, e deixa a saudade da esperança que uma luz suave promettera... O mysterio interessa Nabuco. "Discutiu-se muito o motivo desta retirada simples e modestamente effectuada, escreve

Joaquim Nabuco, a verdade é que ella foi um acto de coragem moral. Era, não a repugnancia passageira do actor por um papel que lhe distribuissem, mas o seu tédio profundo pelo proprio theatro. Entre os signaes da quéda da monarchia póde-se contar tambem aquelle. Quando as instituições adquirem a consciencia de sua impotencia e duvidam de sua necessidade, como em redor da monarchia tudo duvidava (viu-se bem a adhesão até da côrte), os espiritos que não se empederniram no egoismo partidario, que aliás é tambem uma especie de dedicação, resignam-se ou resignam"

Depois de Rodolpho Dantas é Eduardo Prado, o seu valoroso amigo e cujo fulgor realmente o fascinava, que desapparece bruscamente. O seu "columbario" enchia-se de sombras amadas. Todas estas mortes no seu circulo de affeições mais entranhadas concorrem para aggravar-lhe a nostalgia. A vida de Joaquim Nabuco em Londres foi de uma edificante abnegação pela defesa da causa brasileira. Viveu recluso com os seus documentos e redigindo as suas memorias. O homem de sociedade eclipsára-se, concentrára-se. O seu lar seria como um sacrario em que a divindade fosse velada pela mais bella e mais profunda affeição conjugal. O casamento não fôra para o grande homem o apagamento da vida espiritual. Foi antes a forja ardente, em que o seu caracter ainda mais se retemperou e onde o seu espirito se tornou chama ascendente para o Infinito. Encontrou ahi a energia da fé, que fez transmudar a sua actividade em sentimento mais universal, mais mystico e mais absoluto e que é o da religião. Ninguem póde saber qual seria a trajectoria de um homem, liberto das circumstan-

cias que lhe determinam a vida. Ninguem poderá saber que se tornaria Joaquim Nabuco depois do seu grande acto da abolição sem o casamento providencial, em que abrigou o seu dilettantismo instinctivo. O facto é que no casamento se lhe elevou o fervor religioso e por elle entrou na *via sacra* da transfiguração, que o transporta á santidade leiga, em que a bondade é pratica e o mysticismo transcendente.

Nesse retiro de Londres, nesse laboratorio espiritual o pensamento de Nabuco é exclusivamente brasileiro. Só o interessa o que se relaciona com o Brasil, viagens, roteiros, politica, literatura. A saudade é vivificadora desse enthusiasmo. O grupo de amigos, que o cerca participa desse mesmo espirito, e o ambiente foi de estudos historicos ou de creação literaria. José Carlos Rodrigues absorve-se na bibliographia brasileira, Eduardo Prado na bibliotheca do British Museum recolhe materiaes do seu futuro livro sobre o Padre Manuel de Moraes e a inquisição no Brasil, Domicio da Gama renova as *Historias Curtas,* Oliveira Lima faz apparecer o *Reconhecimento do Imperio,* Sylvino Gurgel do Amaral labuta no seu *Grotius,* Cardoso de Oliveira publica o seu romance bahiano *Dous Metros e Cinco,* Graça Aranha escreve *Chanaan.* Eis o que era a fecunda ociosidade dos nostalgicos de Londres em torno de Nabuco. Elle mesmo, no meio dos trabalhos cyclopicos da memoria, acha tempo para ajuntar alguns capitulos á *Minha Formação* e coordenar os *Escriptos e Discursos Litterarios.*

Machado de Assis de longe segue o labor de Joaquim Nabuco e de seus companheiros, que alguns eram da sua

rarissima intimidade. Entre os dous espiritos trava-se atravez dos vastos mares um dialogo, a longos intervallos é certo, mas com lampejos que revelam a sensibilidade secreta dos corações humanos, as reconditas lagrimas das cousas. Esses dialogos são tecidos pela Saudade e pelo Passado, á sombra da Morte que vem vindo.

Nabuco: "Não me crêa alegre pelo estylo dessa carta. Pelo contrario, V. que conhece o pessimista sem levantar-lhe a mascara, terá reconhecido a saudade nostalgica, o mal do Brasil." *Machado de Assis*: "O passado é ainda a melhor parte do presente" *Nabuco*: "Quanta saudade me faz tudo isso! Não tenho outro desejo senão acabar o mais cedo possivel a minha tarefa e recolher-me á Academia. Será o meu Prytaneo" *Machado de Assis*: "Mandar lembranças a um velho é consolal-o dos tempos, que não querem ficar tambem" *Nabuco*: "V. d'aqui a uns nove dias vae remoçar de um anno. Supponha que o festejei com um bom copo da bica da Rainha, que é para nós brasileiros na Europa a bebida por que suspiramos". *Machado de Assis*: "Agradeço-lhe as ultimas lembranças que tem tido de mim, especialmente a derradeira, mandada das ruinas do theatro grego e de uma das suas vistas. Assim me deu, com lembranças de amigo o aspecto de cousas que levantam o espirito cá de longe e fazem gemer duas vezes pela distancia do tempo e do espaço". *Nabuco*: "Vejo que a Academia foi inventada a tempo e na hora justa. Ella tem a grande missão de o consolar e de fazer-lhe companhia. Os ausentes como eu estão lá ao seu lado em pensamento. E os mortos são sómente ausentes". *Machado*: "A fadiga se approxima com os seus braços frouxos e d'aqui a pouco exhaustos..." *Na-*

buco: "E' uma grande privação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobretudo acabar assim. Mas espero voltar ainda antes da noite.. " *Machado*: "Tudo isto me abate e entristece. Acabei"

Do seu retiro Nabuco é arrancado pelos grandes successos, que lhe exigem a presença official. E estes acontecimentos são espectaculos majestaticos, que lhe excitam a curiosidade e lhe renovam o seu eterno interesse pelas sumptuosas manifestações da soberania, da tradição, da aristocracia, a que se misturam emoções puramente estheticas das cores, das fórmas, dos movimentos. Não foram estas attracções a chegada dos Voluntarios da City, de volta da guerra do Transvaal, a entrada triumphante de Lord Roberts, o vencedor dos Boers, antes foram os espectaculos de mais antiguidade, mais suggestivos pelo saivo da tradição, pela harmonia do quadro do passado e da acção renovada, como o enterro da Rainha Victoria, a coroação de Eduardo VII, a despedida da vida publica do velho chefe dos torys, o Marquez de Salisbury.

Quem assistiu á entrada triumphal dos Francezes e seus alliados em Pariz, quem viu Foch passar debaixo do Arco do Triumpho na manhã de 14 de julho de 1919, póde dizer que viu o mais commovente, o mais exaltante e o mais bello dos espectaculos humanos pela sua pureza e significação. Mas a Inglaterra tem o senso do theatro, que se manifesta pela grandeza e pelo movimento das massas. As "processões" inglezas são magnificentes na sua ordem impecavel, na sua harmonia, na sua vastidão, e pelo "infinito" que suggerem. Pois não é só o que se vê no quadro ba-

bylonico de Londres, que seduz e excita o interesse, é tambem o que não se vê, é o que se imagina do passado alli testemunhado esplendidamente, do presente assombroso, e do futuro illimitado. O artista politico, o grande imaginativo Joaquim Nabuco estava admiravelmente situado nestas solemnidades. Era talhado para ellas. A altiva estatura, o busto cheio, o olhar majestatico, em que relampejava o pensamento superior, a prateada e dominante cabeça, onde se elaborava a synthese moral suggerida pelo espectaculo, faziam do Ministro do Brasil um dos "figurantes" do cortejo historico, que lhe realçavam a significação e a belleza.

Joaquim Nabuco, que no fastigio do reinado da Rainha Victoria recebera na mocidade a influencia ingleza, ou talvez a deformação, não podia deixar de soffrer a sensação de ter desapparecido algumas parcellas da sua propria personalidade, quando os sinos da Cathedral de São Paulo annunciaram a Londres estupefacta que o mais longo reinado da Inglaterra se findára. Elle que havia no Brasil celebrado na imprensa o jubileu desse reinado, assistiu ao enterro da Rainha. O espectaculo era digno do acontecimento. A Mãe de reis e de imperatrizes, a Avó de imperadores, de rainhas e princezas, e que tivera em vida a vassalagem de todas as dynastias da Europa, recebia ao sepultar-se as homenagens do mundo misturadas ás lagrimas sinceras ou convencionaes de um povo, que elevara o "lealismo" a um principio moral. A processão do enterro de Buckingham Palace ao Castello de Windsor foi unica nos tempos modernos. O mundo britannico não tivera tempo de representar-se em toda a sua variada opulencia ou phantasia de raças e soberanias, de trajes e alfaias. Mas a Europa lá estava for-

mando uma assembléa de notaveis, como jamais se verá: Era o imperador da Allemanha, o Kaiser sinistro, no seu cavallo branco e escoltado da singular guarda dos hussardos da Morte; era o Rei Georges, principe do norte commandando os morenos gregos; era o nedio e jovial Carlos de Portugal, descuidado da fatalidade; era o principe que seria Haakon, da Noruega, longo como um viking; eram os principes herdeiros da Italia, da Rumenia, da Austria, eram os incertos Servios, Egypcios, Turcos, e eram ainda as grandes republicas dos dous mundos, uma com os seus embaixadores, generaes e almirantes preparando a futura alliança, outra com os seus representantes civis, de negro, velhos descendentes de quakers britannicos ou rebentos das novas camadas humanas. E em seguida a esta cavalhada lusida e paradoxal vinham as carruagens das rainhas e duquezas e n'um dos coches, cercado de princezas o velho Leopoldo da Belgica, a esperta cabeça ao léo e as longas barbas brancas, fluctuando á fria aragem londrina, roçando as faces das damas. A procissão desenvolvia-se por entre alas de milhares de espectadores nas alamedas e nas ruas de Londres, numa massa de fidalgos, de soldados, de cavallos, de canhões, bandeiras em funeral, clarins soando, tambores rufando, sons plangentes de sinos, envolvendo a pequena carreta, onde ia o corpo da Rainha a enterrar. Com ella sepultava-se uma éra da historia da Grã-Bretanha, a que os seus emphaticos subditos deram o seu nome.

A coroação do Rei Eduardo foi outro espectaculo para Nabuco. A scena principal foi Westminster Abbey, relicario da historia ingleza. Cumpriu-se o rito antigo. Os "senhores" vestidos nas suas antigas roupagens coloridas,

acompanhados das "senhoras" coroadas de diademas, assistiram a sagração daquelle que, seu par, se tornara Senhor e Rei. Os Communs assentiam na coroação do lord e a igreja official ungia-o. O encontro do passado com a actualidade, pela firmeza e pela autoridade do espirito inglez, não desceu a este plano, em que o solemne, quando excessivo e disparatado se torna grotesco. Supportou-se n'uma atmosphera de respeito toda esta resurreição tradicional e Nabuco, que jámais foi sceptico e respeitava e amava o Passado, exaltava em sua imaginação as scenas, que, encantado, testemunhava.

Robert Cecil, Marquez de Salisbury era o castellão de Hatfield. Quem consultar o serviçal *Larousse* lerá: "Hatfield, cidade da Inglaterra perto de Lea. Só é notavel pelo magnifico Castello construido por Cecil, primeiro conde de Salisbury. As partes mais antigas do Castello remontam a 1480. Eduardo IV e a rainha Isabel ahi habitaram na epoca em que foram proclamados os seus direitos ao throno. Muitos retratos nos paineis, e lá está a cadeira de Cromwell. Em 1835 uma parte do palacio foi destruida pelo fogo e a marqueza mãe morreu no incendio. Parque magnifico"

Foi no Castello de Hatfield que Lord Salisbury ao demittir-se de presidente do conselho por occasião da coroação do Rei, quando entendeu chegada a hora da retirada, fez as suas despedidas á sociedade e á politica num garden-party, a que convocou a Terra inteira.

Por entre a multidão de gentes e cousas, os Negros allucinavam-se no denso grammado, que enverdecia profundamente a evaporação do solo. A luz cortava em zonas rubras, verdes, amarellas as massas vegetaes e marcava as

duras ondulações do campo. As arvores recolhiam as côres louras, que vinham do sol esmorecido, dos cabellos e das roupas. Hindús relusiam como enormes besouros. O castello estendia perfidamente a sombra negra sobre as mulheres, que escapavam á obscuridade, attrahidas pela fascinação da luz, onde os seus vultos esguios de galgas inglezas vibravam translucidos. Não faltou ao festim a porcellana chineza. Cabeças de mandarins, surgindo de uma apotheose de sedas e de pinturas, oscillavam como pendulos aborrecidos. Os Occidentaes, em trajes monotonos e funerarios, infestavam a alegria das fórmas e das côres. Mas sobre o grammado indeciso Ras Mankonen, abyssinio faiscante, de canella fina, dentes agudos, barbinha em caracol, segurando a adaga, arrebatava tudo para o deserto, numa louca correria de cavallos arabes. Os Escossezes não cavalgavam nessa imaginação, ficavam, como grandes meninos de saiotes escossezes, bonésinho capadocio, a tocar pifano. O velho lord assentára-se á sombra do castello, cercado de cherubins inglezes que eram os seus netinhos, e presidia os seus anti-funeraes. Desfilaram as gentes familiares e as gentes estranhas, principes, princesas, lords e ladies, actrizes e clowns, diplomatas e traficantes; desfilaram roxos monsenhores, brancos cheiks, variegados marajahs, negros pagés da Africa. E o velho avô misturava a sua infantilidade octogenaria á curiosidade inquieta e seria das crianças. Era um magnifico e raro divertimento inglez, em que se brincava com o mundo inteiro e os bonecos eram variados e singulares. Cafres de cabellos tintos de ouro, atados com immensos pentes de tartaruga, invadiam o castello com vacilantes passos infantis. Quando deram com a vasta sala de arma-

duras recuaram apavorados. Os arnezes os encararam, taes como insectos phantasticos, colossaes, tenebrosos. O terror lhes deu vida ameaçadora, e os negros fugiram para o terreiro. O sol pacifico espantou a sombra e os entes excessivos. Os Cafres sorriram para os meninos de Lord Salisbury. Estes approximaram-se e arriscaram os niveos dedos na negra pelle africana, espantados de não ficarem tisnados. O folguedo com as crianças despertou nos negros os ancestraes appetites cannibalescos. Os dentes ficaram-lhe mais brancos de desejos extranhos. Os dourados cherubins sentiram a gula preta e aconchegaram-se ao avô. O olhar do urso inglez, deante do ataque, relampejou. As duas selvagerias, a da terra branca dos gelos e a da terra rubra do sol, enfrentaram-se. O olhar inglez enfureceu-se. Os negros recuaram e recolheram o riso. O velho marquez de Salisbury sorriu nos seus dentes postiços. As subjugadas gentes continuaram a adormecer na incommensuravel beatitude britannica.

No seu velho Rio de Janeiro, antes da transformação que incorporou a natureza á cidade e a tornou talvez a mais bella paisagem civil do mundo, fazia Machado de Assis os mesmos caminhos, vindo do seu Cosme Velho para o Ministerio no Largo do Paço, e dahi á rua do Ouvidor, á *Revista Brasileira,* ao Garnier, voltando ás mesmas horas de todos os dias á casa. Quando Nabuco deixou Londres e seguiu para Roma, junto ao Rei, arbitro do pleito, Machado de Assis exultou. O fundo classico da sua cultura e a liga romantica, que a fez melancolica e saudosa, se lhe despertaram para compartilhar, em pensamento, com

o amigo errante, da visão da Italia e de Roma. Jamais estivera nessas terras illustres da civilização, mas sempre as imaginou. Do novo mundo, exclama o homem antigo a Nabuco em caminho de Roma: "O passado é a melhor parte do presente" e recorda ao companheiro reliquias romanas, que este lhe trouxera de peregrinação anterior e guardadas com piedade e veneração. São pedaços de pedras dos muros da fundação da *urbs*, são pedras dos Rostros, talvez uma evocação de Cicero, restos das thermas de Caracalla, grandeza e decadencia. E quando Nabuco lhe remette a photographia de tres academicos, que em Roma se encontram, os "tres cardeaes" que pediam a benção papal, o Patriarcha das letras brasileiras faz-se humilde, como convem a um santo padre seguro da sua auctoridade, declara-se velho cura de aldeia, e lamenta não estar em Roma "pisando a terra amassada de tantos seculos de historia do mundo." Esta phrase que vale tambem como um flagrante do preciosismo de Machado de Assis traz o laivo do seu romantismo: "Eu, meu caro Nabuco, sinto ainda aquelle gosto de mocidade á qual os poetas romanticos ensinaram a amar a Italia." Depois do impeto do desejo, o desconsolo da desillusão: "Amor platonico e remoto, já agora lembrança apenas." E ficou-se preso deste lado do mundo, nas teias da saudade, tecendo os seus maravilhosos e tristes livros.

Para Joaquim Nabuco a Italia foi o retorno ás origens do espirito e do sangue. Nos annos de viagem da mocidade, impregnou-se da atmosphera anglo-saxonia, respirou o acre e salso ar inglez. Logo em seguida foi deslumbrado pelo acelerado rythmo americano e compoz de si mes-

mo uma imagem estranha ás suas origens e tradições. A França foi uma sedução, da qual fugiu cauteloso para conservar em toda sua força a influencia ingleza, de que se orgulhava. Representou a Inglaterra para Nabuco a majestade, a grandeza, o equilibrio, a ordem, qualidades estaticas de que o seu espirito tropical era inconscientemente ancioso para conter tudo o que poderia haver nelle de excessivo e desordenado. Havia tambem na civilisação ingleza o senso politico, que é sobremodo realista e pratico, e Joaquim Nabuco era essencialmente politico. Durante longos annos obedece a esta suggestão da "influencia ingleza" e a proclama como uma victoria sobre si mesmo, uma emancipação cultural. A sua acção, a sua actividade exerceram-se segundo o modelo britannico, sem a fleugma da raça, sob o prisma luminoso da eloquencia e da imaginação brasileira.

O seu encontro com a Italia em 1903 foi-lhe uma renovação das reconditas forças vitaes do organismo. Nabuco, que vinha melancolico da Inglaterra, teve o renascimento da energia profunda de todo o seu ser... Dir-se-ia que o genio da raça latina se despertára no sangue do brasileiro e o reintregára profundamente, totalmente, ao seu verdadeiro cosmos moral. O privilegio da Italia é o da fascinação. Goethe ahi encontrou a revelação do seu genio antigo e universal. Todos os grandes peregrinos, todos os errantes, abrigaram alli a melancolia e a ancia do sonho. Ha uma seducção na Italia, que subjuga os espiritos mais fortes. O ar de Florença é feminino, eleva á espiritualidade subtil. Ama-se Veneza como uma mulher bella, voluptuosa e irreal. Joaquim Nabuco sentiu esta seducção, e

o seu espirito harmonisou-se com o ambiente. A natureza mediterranea está nessas terras da historia e da arte tão affeiçoada pela cultura, pela civilização que não se a póde isolar para vivel-a em si mesma, na alegria da côr, da fórma e da luz! O amalgama do mundo physico com o mundo moral é tão perfeito que Joaquim Nabuco alli póde, como em parte alguma, encontrar a plena satisfação ao seu temperamento complexo de artista, de politico, de historiador.

A impressão de Roma foi mais restricta. A sombra do passado é muito densa entre as sete collinas e a saudade tudo resuscita. Nabuco extrahiu das suas evocações do antigo a essencia ideal, as syntheses supremas da civilisação romana. Faltava-lhe o sentido archeologico para analysar, discriminar, recompor as ruinas até a mais rigorosa reconstrucção da obra mutilada. Nas suas ruinas Roma falava-lhe outra linguagem, a das syntheses que ella imprimiu ao occidente, o estado, o imperio, o exercito e a religião. Esta expressão da civilisação monarchica e imperial, ampla para abrigar a humanidade, Joaquim Nabuco julgou sempre ter encontrado pela primeira vez na Inglaterra. Foi um equivoco. O que elle admirou na Inglaterra foi o que esta adquiriu de Roma, foi o cunho latino da civilisação ingleza, foi a ordem, o equilibrio, a estabilidade. A' outra parte do espirito britannico, a que vem dos Saxonios e que se exprime no protestantismo e no individualismo, Nabuco ficou extranho. Voltando a Roma elle reconheceu a latinidade immorredoura do seu espirito, e viu que a influencia que lhe viera indirectamente pela fórma ingleza, era no fundo a influencia de Roma. Na fonte es-

piritual do genio e da eternidade da raça, retemperou-se o grande latino, liberto do preconceito inglez, considerando chistosamente a sua anglomania uma doença de que se tinha curado!

Outro impulso que Roma deu aos motivos secretos do espirito de Joaquim Nabuco foi reactivar a sua sociabilidade. Não se pode suppor um homem, que propagou a Abolição, sem uma enorme dose desta faculdade, mas não só elle a tinha nesse sentido largo de humanidade, como tambem no sentido restricto. A atmosphera elegante e ociosa, o encontro dos forasteiros, attrahidos alli pela ancia da belleza, pela rebusca do passado ou pela doçura da existencia, a urbanidade dos romanos vinda da tradição imperial da *urbs*, como se Roma fosse ainda o Universo, faz do cosmopolitismo a expressão seductora da vida. Esta "sociedade" não se limita ao prazer e ao divertimento, ella intervem no mecanismo do estado. O italiano é politico por excellencia. Foi uma necessidade imposta pela historia das suas lutas intestinas e elle compraz-se nas delicias da intriga. Roma é o campo ideal dessa actividade tradicional. O Reino e o Vaticano, os dous campeões que procuram exceder-se em astucia, a politica exterior, o destino do Mediterraneo, as conquistas africanas, a rivalidade com a França, o impulso contra a Grecia, o arremesso contra os Turcos, eram os jogos em que se entretinha o genio italiano naquelles annos de 1902 a 1904.

Joaquim Nabuco, pleiteando contra a formidavel Inglaterra, senhora dos mares que circumdam a Italia, não podia desdenhar o concurso da "sociedade" romana tão influente na politica do paiz. O Embaixador attraiu pela

sua graça todo este mundo frivolo e util de Roma. A quasi todos os figurantes de suas festas, revelou o Brasil, mais conhecido da gente dos campos, das massas, que fornecem emigrantes, e totalmente ignorado da "sociedade" As festas foram sumptuosas e sempre radiantes. A phantasia esthetica de Nabuco espraiou-se nessas reuniões, que foram verdadeiros festins offerecidos á corte e á sociedade. Nos dous invernos que passou em Roma foi Joaquim Nabuco a figura central da vida mundana. Era um grande orgulho para os seus amigos brasileiros vel-o, a elle, o homem do pensamento e da acção, o espirito meditativo, comprazer-se em empregar na "batalha" pelo seu paiz as seducções do seu grande espirito e da sua incomparavel sympathia, reunindo tudo o que Roma podia dar de mais aristocratico, mais intellectual, mais refinado, mais bello. Era uma suggestão vel-o magnifico e dominador, á mesa dos seus banquetes, entre a Ristori e uma dama da Côrte, entre o genio e a belleza, como dizia. E o scenario era o que elle imaginava. Transformava em lagos os salões dos grandes hoteis, e o banquete era á margem da agua docemente luminosa; transfigurava as ruinas com as luzes dos archotes e das tochas augmentando-lhes o mysterio, e por entre as evocações subtis da saudade antiga, entretinha os seus hospedes. Transportava os seus convivas ao Pincio, excepcionalmente aberto aos seus desejos; illuminava o soturno bosque e por entre a folhagem e o segredo verde da collina todos, perdidos na phantasia, sentiam voluptuosamente o palpitar nocturno de Roma.

O estheta e o politico auxiliavam o dialecta. Joaquim Nabuco continuava nos seus trabalhos e apresentava ao

Arbitro memorias sobre memorias e uma infinidade de provas do direito brasileiro. Estes estudos generalisados pelo espirito synthetico de Nabuco não são simples razões de advogado, são elementos preciosos para a historia do Brasil. A Inglaterra não precisava fazer-se lembrar da Italia. N'aquelle tempo o prestigio britannico era predominante na politica e na sociedade italiana, apezar da coparticipação do paiz na Triplice Alliança. Havia o Mediterraneo e o Oriente, em que os interesses dos dous paizes se conjugavam. O Brasil era uma remota região para emigrantes, ainda não comprehendida pelos dirigentes da politica italiana e fóra da preoccupação destes. No dia 14 de junho de 1904 o Rei leu a Nabuco a sentença arbitral. O arbitro, declarando-se incapaz de decidir juridicamente qual dos litigantes tinha por si o direito, resolveu para harmonisal-os dividir a região disputada. A Inglaterra alegrou-se com a justiça de Salomão. Era a falsa mãe. O golpe foi muito rude para a sensibilidade de Joaquim Nabuco, identificado com a causa, e homem patriota sem scepticismo. O Governo brasileiro, que não tinha meios materiaes para se oppor á sentença exorbitante, pois, segundo a convenção arbitral, o arbitro não podendo decidir pelas provas devia abster-se de proferir qualquer decisão mesmo conciliatoria, submetteu-se á combinação dictada pela velha sabedoria italiana. O povo brasileiro comprehendeu que o advogado do Brasil tinha sido inexcedivel de competencia e zelo, e respeitou-o no insuccesso. Machado de Assis mais uma vez exprimiu o sentimento nacional, quando escreveu a Nabuco: "Aqui esperavamos desde muito a solução do arbitro. Conheciamos a capacidade e

a força do nosso advogado, a sua tenacidade e grande cultura, o amor certo e provado a este paiz. Tudo isso foi agora empregado, e o trabalho que vale por si, como a gloria de o haver feito é perfeito, e não perdeu nem perde uma linha do que lhe custou e nos ennobrecerá a todos. Esta foi a manifestação da imprensa e dos homens politicos e outros."

Nada consolava Nabuco, nem a solidariedade do paiz, nem a fidelidade dos amigos. Naquelle calido verão de Roma, quando a "sociedade" já se tinha dispersado e desapparecido, como fantoches despresados pelo illusionista que lhes deu a vida fugaz e mentirosa, a melancolia, filha da decepção, alastrava o espirito nostalgico do brasileiro. Essa melancolia envolve-se no mysticismo religioso. Do estado interior e profundo da sua alma Joaquim Nabuco dá mezes depois testemunho a Machado de Assis neste maravilhoso sonho mystico: "Vou contar-lhe um sonho que tive ha tempos. Via-me em Roma, no Vaticano e quando me approximei do throno estava nelle uma mulher, com rosto de Madonna, cercada de cardeaes em toda a pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar á Papisa, perguntei-lhe como a devia chamar e ella respondeu-me: "Chame-me Vossa Dor." Vossa Dor! Não seria um tratamento mais suggestivo para a encarnação da Igreja do que Vossa Santidade ou Vossa Beatitude! Não é da Igreja a mais bella das imagens sobre o nosso mundo: "Este valle de lagrimas!" Confesso-lhe que, accordado, nunca me teria occorrido semelhante resposta": — "Chame-me Vossa Dor. — E' a perpetua dor da separação do espirito e da materia, do corpo e da alma. Não é a philosophia daquelle

que transforma em belleza todas as emoções, sejam de melancolia, de tristeza, prazer ou soffrimento, e vive na perpetua alegria.

A dor tornou mais agudo o mysticismo religioso de Joaquim Nabuco. Ter-lhe-ia talvez irreprimivelmente arrebatado o espirito para o Infinito, se uma nova actividade não o chamasse ás contingencias da relatividade politica. O governo brasileiro resolveu dar expressão mais viva e mais decisiva ás suas relações exteriores e fazer da amizade com o governo americano a base da politica internacional do Brasil. Ainda Joaquim Nabuco não havia deixado definitivamente a Roma da sua imaginação e da sua feliz reintegração no espirito latino, quando foi chamado a esta missão. Preparou-se para preenchel-a e a melancolia foi afugentada pela acção.

Nesse mesmo anno de 1904 morreu Carolina Machado de Assis, e Machado de Assis afundou-se na dôr para sempre. A actividade do seu espirito que, subjectivo, só se exprimira na arte, paralisa-se estupefacto deante da excessiva separação.

Os dous velhos amaram-se longamente e pelo Amor fundiram as suas essencias e realisaram a volta á unidade no Todo infinito, suprema aspiração do espirito humano. Quando se viu só, Machado de Assis soffreu a dor incomparavel. Abre emfim o seu mysterioso coração aos amigos. Escreve a Joaquim Nabuco: "Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata porque é um modo de viver com ella, ouvil-a, assistir aos mil cuidados que essa companheira de trinta e cinco annos de casado tinha commigo; mas não ha imaginação que não accorde

e a vigilia augmenta a falta da pessoa amada. Eramos velhos e eu contava morrer antes della o que seria um grande favor; primeiro porque não acharia a ninguem que melhor me ajudasse a morrer; segundo porque ella deixa alguns parentes que a consolariam das saudades e eu não tenho ninguem. Os meus são os amigos e verdadeiramente são os melhores, mas a vida os dispersa no espaço, nas preoccupações do espirito e na propria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou á beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordal-a. Irei vel-a, ella me esperará!"

E' a transfiguração. Machado de Assis começou a morrer. E na longa e triste agonia, a dor o transformara. A petulancia do espirito foi convertida em mansidão, a ironia em piedade, a desconfiança em abandono, a duvida em esperança da outra vida.

"Ella me esperará!" murmurava o velho sceptico, tacteando o caminho do Céo.

Desde então a sua arte suprema não foi mais aquella que zombou dos mysterios e da humanidade. O soffrimento fez-se arte no "Memorial de Ayres" O romance da saudade é tambem o livro da velhice, da tristeza confessada, e da melancolia compassiva dos humanos. E' outro Machado de Assis. Não é mais o escriptor desdenhoso, desabusado, atrevido, que fragmentara o Universo moral e o analysara cruelmente com o maldito espirito que nega.

Transpor o eixo da politica internacional para Washington, deslocando-o de Londres, onde estivera desde a Independencia e durante o periodo do desenvolvimento material do paiz, em que os capitaes nos vinham da Inglaterra, se não foi pensamento directo de Joaquim Nabuco, foi pelo menos da sua inspiração e de alguem que vivia na sua maior intimidade e que suggeriu a Rio Branco esta innovação. O Ministro das Relações Exteriores, no seu telegramma a Nabuco, convidando-o para iniciar essa politica, recommenda que não respondesse sem ouvir aquelle que Nabuco estremece com o mais entranhado affecto e que se orgulha de ter sido o discipulo amado. Este sabia quanto seria penoso arrancar Nabuco da Europa, onde elle teria para o consolar a paisagem historica e a cultura, mas a actividade era necessaria ao espirito de Nabuco, e quando essa actividade era mais uma vez solicitada em beneficio da patria, toda hesitação devia cessar.

Joaquim Nabuco deixou Londres e transportou-se para Washington. Era o primeiro embaixador do Brasil, que no futuro teria uma legião. O acontecimento interessou aos que pensavam sobre a vida internacional. Machado de Assis diz com muita propriedade que "o nomeado da opinião, Joaquim Nabuco, começa a historia desta nova phase da nossa diplomacia.

Essa politica exterior do Brasil, baseada na amizade intima com os Estados Unidos, é um dos pensamentos de Nabuco, e elle o externa antes de ser creada a Embaixada. "Ninguem é mais do que eu partidario de uma politica ex-

terior baseada na amizade intima com os Estados Unidos. A doutrina de Monroe impôe aos Estados Unidos uma politica externa, que se começa a desenhar, e portanto a nós todos tambem a nossa. Em taes condições a nossa diplomacia deve ser principalmente feita em Washington. Uma politica assim valeria o maior dos exercitos, a maior das marinhas, exercito e marinha que nunca poderiamos ter. Precisamos de actividade, de clarividencia, resolução e organisação de um serviço diplomatico em Washington, onde está a chave das nossas relações diplomaticas." Nabuco define posteriormente as perspectivas da sua missão e o alcance do titulo de embaixador permanente, novo no nosso quadro diplomatico. "Reconheço que o titulo de embaixador por si só é um manifesto, e um manifesto que tem a grande vantagem de dizer tudo, sem nada precisar. Reconheço que é uma iniciativa. Estamos visivelmente no começo de uma nova era. Para os nossos calculos o observatorio de Washington é o mais importante. Por ora quem vae para lá é o observador. Não nomearam um automato, nem um anti-monroista. Um dia no futuro emprestar-se-ha ao Rio Branco ou ao Rodrigues Alves alguma phrase parecida com a de Canning sobre a independencia sul-americana: "Chamei á existencia um novo mundo." Demos tempo ao tempo. Ninguem póde saber o que resultará deste primeiro passo, qualquer que tenha sido a intenção. Eu pela minha parte sómente desejo, qualquer que esse tenha sido, que delle reverta em honra e dignidade para o nosso paiz. O meu optimismo triumpha sempre, purifica tudo, não leva em conta as preoccupações pessoaes, procura sempre modo de construir pela imaginação

alguma cousa, em que o paiz se reveja com a consciencia satisfeita."

O homem de acção despertou em Joaquim Nabuco. A melancolia, a tristeza, a nostalgia mesmo, foram calcadas ao fundo da alma, e o que fulgurou desde logo foi um brilho ascendente de todo o ser, um movimento em que a harmonia essencial do espirito obedeceu á influencia do accelerado rythmo americano. Nabuco multiplica-se. Todo elle parecia querer absorver a força do novo mundo, e transformal-a em luz intellectual vinda do inconsciente latino. É o pensador politico que descortina no horisonte a tragedia das nações, que dez annos depois encheu de pavor o mundo. Aconselha ao seu paiz, mostra-lhe o perigo ameaçador e a solução salvadora na alliança com os Estados Unidos. Concorre pela sua capacidade prodigiosa para formar esta amizade, afastando do espirito brasileiro o preconceito da *illusão americana*, e fazendo ver aos Americanos a resistencia da nacionalidade brasileira, indestructivel e vibratil. No tempo de sua missão em Washington, eram Roosevelt presidente e Elihu Root secretario de Estado. Estes tres homens differentes entenderam-se e ligaram-se. A antiga amizade de Roosevelt e Root dava unidade á acção politica do governo. Roosevelt era a actividade sanguinea, tenaz e ardente. Do seu intenso realismo brotára o seu pragmatismo. Root era o theorista politico, o seu talento apparentava-se com o dos primitivos constructores da nacionalidade. Ninguem nos Estados Unidos teve nos ultimos tempos como elle o dom da formula, a cultura dos principios. Ha syntheses de Root que deviam ser cunhadas em medalhas de ouro', dizia Joaquim Nabuco. Sob certo aspecto é um espirito affim ao seu, e Roose-

velt combatente, lutador, ousado e meio barbaro, foi fascinado por ambos.

A politica de Root orientava-se principalmente para o pan-americanismo, seguindo a tradição de Blaine, abandonada pelos seus successores que despresavam a America não ingleza. Chegando a Washington foi rapido o entendimento de Nabuco com o Secretario de Estado. Naturalmente este recebeu a influencia seductora do Embaixador brasileiro, e o fluido do seu enthusiasmo permanente e fecundo. Sem demora uma actividade pan-americana surgiu fervente nos circulos diplomaticos da America latina e logo se alastrou por todo o continente. Um terceiro congresso pan-americano é decidido para 1906. O segundo reunira-se em 1899 no Mexico. Sete annos, em que a idéa da união continental fôra posta de lado. Joaquim Nabuco consegue pelo seu prestigio que a capital brasileira fosse escolhida para a reunião da terceira conferencia. Venezuela, que pretendia ter sido Caracas indicada no congresso anterior, mostra o seu máo humor e retira-se. Root não vacilla e a Conferencia reune-se no Rio de Janeiro. O Secretario de Estado propõe-se a visitar por essa occasião o Brasil. E Roosevelt diz a Nabuco "que se elle não tivesse vindo aos Estados Unidos Mr. Root não teria pensado em ir ao Brasil, pois a idéa dessa visita foi o effeito da sympathia e boa impressão que Nabuco causara." Nabuco por seu lado escreve a um correspondente: "Tive a fortuna de receber do Secretario do Estado a promessa espontanea de visitar o Brasil e o meu empenho é que essa visita seja um acontecimento. Falo a linguagem monroista. Estou muito fatigado, mas se fosse preciso, eu ainda me sentiria com forças para uma nova propaganda,

a americana, cá e lá. É este o meu modo de ser patriota, de comprehender a indivisibilidade do nosso todo, de ler o futuro inevitavel, não digo inadiavel. Preoccupo-me com a opinião ahi. Do ponto de vista americano a visita do Secretario de Estado é a primeira, equivale no nosso Continente, ás visitas reaes na Europa com fim politico. É o maior passo que esta nação poderia dar".

O temperamento de propagandista inexcedivel desperta juvenil e maravilhoso. Joaquim Nabuco viaja pelos Estados Unidos numa caravana de amigos, de cidade em cidade e durante um mez a sua casa é o *private car* das estradas de ferro, por onde o levaram politicos influentes. Fala num paiz de discursadores alegres e communs uma linguagem brilhante, rica de colorido e idéas, que é imprevista e seduz. Durante o tempo que precedeu a sua partida para o congresso do Rio de Janeiro, atravessou a vasta terra americana com o mesmo ardor combatente, rodando cinco mil milhas do litoral do occidente até ao Pacifico, indo ao extremo do paiz, a Vancôuver, a beira da nivea Alaska. Os seus discursos, por mais diversos, têm todos o decidido intuito de fundir a amizade do Brasil com os Estados Unidos, mesmo o dos *Grands Rapids*, no banquete commemorativo do anniversario de Lincoln, em que foi o hospede de honra, e falou sobre a influencia do libertador americano no mundo. O seu talento espraia-se em pensamentos e imagens; se o politico é respeitado e seguido, o pensador eloquente é admirado. Para testemunhar esta impressão de deslumbramento a Universidade de Columbia o faz doutor *honoris causa*.

Nesta aureola volta Joaquim Nabuco ao Brasil. Por entre a alegria do povo que o acclamava, e do enthusiasmo

dos que o reviam, e da mocidade que sempre o idealisára, nada o poderia mais commover do que o seu encontro com Machado de Assis. Nesse momento o grande melancolico sahira do seu retiro para assistir o triumpho daquelle que era apesar dos annos e dos cabellos brancos a imagem de Alcebiades, da juventude de ambos.

Durante a sua viuvez Machado de Assis, refugiado na Academia, tivera um instante de desvanecimento e este lhe foi proporcionado pela delicadeza imaginativa de Joaquim Nabuco. Foi quando um anno antes lhe offereceram na Academia, deante do publico reverente, o ramo do carvalho de Tasso, colhido por Nabuco no Janiculo, em Roma, em homenagem ao patriarcha da nossa literatura. "Devemos, escreveu Nabuco remettendo a lembrança, tratal-o com o carinho e veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira ás vezes solitaria do oasis." Da sensibilidade de Machado de Assis nesse instante, que lhe ficou inolvidavel, dá elle proprio testemunho a Nabuco: "Escrevo algumas horas depois do seu acto de grande amigo. Em qualquer hora da minha vida elle me commoveria profundamente; nesta em que vou, a commoção foi muito maior. V. deu bem a entender com a arte fina e substanciosa do seu estylo a palmeira solitaria a que vinha o galho do poeta. O que a Academia a seu conselho, me fez hontem, basta de sobra a compensar os esforços da minha vida inteira, eu lhe agradeço haver-se lembrado de mim tão longe e tão generosamente." Nunca mais se apagou este reconhecimento de Machado de Assis. "Tenho recebido cartões seus e cada um me recorda o amigo que em 1905 me enviou o galho do carvalho de Tasso... com aquella boa carta e aquella doce

e triste palavra que me lembrava a minha solidão da velhice." Ao presentir a morte, apressa-se em dizer a Joaquim Nabuco em maio de 1908: "Escrevo ao Mario de Alencar pedindo-lhe que venha á minha casa, quando eu morrer, e leve aquelle galho do carvalho de Tasso que você me mandou. A caixa em que está, com o documento que o authentica e a sua carta, peço ao Mario que as transmitta a Academia, afim de que esta os conserve."

A companhia de Joaquim Nabuco foi para Machado de Assis um grande consolo. Elle esteve presente a todas as manifestações ao Embaixador e foi da sua roda intima. Joaquim Nabuco escapando aos actos exteriores refrescava-se num circulo formado pela intellectualidade pura e pela ardente affeição. Eram os escriptores e os poetas, os jovens soffregos de sua palavra e do seu pensamento, que o acompanhavam e em cuja sociedade elle se desalterava da esterilidade dos diplomatas e politicos. Com a sua boa graça Nabuco, que era o animador da companhia, torna-se o tributario de Machado de Assis. Essas horas e mais tarde as que elle teria em 1907, quando Guglielmo Ferrero foi hospede da Academia, foram as que fizeram Machado de Assis reconciliar-se com a alegria alheia.

Não foi sómente o iniciador da politica internacional do Brasil que teve o seu triumpho na reunião da Conferencia do Rio de Janeiro, na visita de Root, no fermento de toda esta vida nova do Brasil, que se symbolisava na transformação fecunda da velha cidade. Foi tambem o escriptor Joaquim Nabuco que veiu recolher pessoalmente o tributo dos seus admiradores ao seu livro "Pensées Détachées", cujo apparecimento coincidiu com a presença do autor no

Brasil. O livro fora concebido ha treze annos. Nelle se reflectem no prisma da poesia, muita decepção, muita tristeza, muita fé, muita esperança. E porque não a caridade ao proximo haurida de uma compaixão pelas fraquezas humanas, e da sublimidade da misericordia? Não é de Joaquim Nabuco o symbolo de *Notre Dame de l'Oubli*, a Madona que estende o véo sobre as faltas dos peccadores e os protege n'um gesto de divina piedade da calumnia, da inveja e do odio dos eternos phariseus? Se em *Pensées Détachées* não se reflecte o estado de espirito triumphante de Nabuco, transparece a doce composição de resignação e de santidade na pureza angelica do coração. Livro do "valle de lagrimas", mas sem a amargura dellas.

Muitos foram as criticas extrangeiras ou brasileiras que suscitou o novo livro de Nabuco. Ha, porem, entre ellas a pagina delicada e penetrante de Machado de Assis que é uma consagração. Este que se "consola no desconsolo do Ecclesiastes" dissecou o livro com paixão de analysta e depois o recompoz com a alma de artista: "Pensamentos valem e vivem pela observação exacta ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça de dizer. Tal é o caso deste seu livro. Todos irão a elle, attraidos pela substancia que é aguda e muita vez profunda, e encantados da forma, que é sempre bella... O seu interior está aqui aberto ás vistas por aquella forma lapidaria que a memoria retem melhor. Idéas de infinito e de absoluto V. as escreve de modo directo ou suggestivo e a nota espiritual é ainda caracteristica das suas paginas. Que em todas resplandece um optimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lh'o; melhor o sabe porque o sente

deveras. Aqui o vejo confessado e claro, até em logares de alguma tristeza ou desanimo, pois a tristeza é facilmente consolada e o desanimo acha depressa um surto." Esta carta de critica transcendente é de 19 de agosto de 1906. Nesse dia Joaquim Nabuco completava 57 annos. Machado de Assis punha-lhe singelamente na maravilhosa cabeça uma corôa de louros.

Parte Nabuco para o seu posto de Washington. Queda-se Machado na sua serenidade no Rio de Janeiro. Agora é a separação que se tornara irreparavel. Vem vindo a morte... Nabuco, doente, combalido, é retomado pela acção. Do que viu no Brasil não vae muito tranquillo. A base da politica exterior parece-lhe fugitiva. Joaquim Nabuco jamais quiz transformar o substrato brasileiro em um amalgama americano, desnacionalisar as expressões mais lidimas e caracteristicas da nacionalidade. O que elle propagou não foi a infiltração americana, como se está realisando, mas a amizade politica, que não se cultivou com franqueza. Sabia do risco que corria o seu esforço magnifico, mas tambem a sua fé na politica de que se faz interprete é inabalavel. "Tenho muito medo de que a idéa americana tenha perdido terreno ahi. Ha muita colligação contra ella. Cada vez, porem, estou mais convencido de que não temos outra politica externa possivel e de que não nos esforçando seguidamente por ella, tendo receio de a confessar, requestando ao mesmo tempo outras allianças, pensando em substituil-a, em vez de ajudal-a, por grandes armamentos, mostramos desconhecer a marcha do mundo e não ter o instincto da nossa propria conservação."

Foi-se Nabuco e Machado recolheu-se ao relicario, on-

de guardava as saudades da sua morta. No meio das lembranças que lhe reviviam o idolo, o velho escriptor, pousando os olhos e a memoria nos objectos trabalhados pela mão querida, perpetuamente enamorado, descia lentamente ao tumulo ainda elaborando o seu ultimo livro, o memorial em que registra os factos modestos e retrahidos da esposa. E' uma vida crepuscular, nocturna. A ella adapta-se a natureza melancolica de Machado de Assis, cujo espirito amava as trevas da alma humana, como se elle viesse desse mundo lunar, funereo e malefico, onde se gera o funesto principio do mal. Os amigos não o deixam afundar-se de todo na morbidez do soffrimento. Forçam-n'o a sahir da irremediavel tristeza e elle vae-se deixando attrahir pela affeição. Ainda assim o seu campo de actividade se circunscrevera á Academia. Em todo o resto de sua correspondencia com Nabuco, o motivo academico dominava a tonalidade crystallina da phrase. E não foi sómente um derivativo á sua dôr. A Academia foi alguma cousa nova na sua vida de demolição intellectual e de ironia, foi uma construcção. Machado de Assis acreditou na Academia. Não ouviu os sarcasmos faceis, só mediu a vastidão da obra que ia projectar-se no futuro sem imaginar mesmo que todo o edificio faz sombra, e que a sombra academica seria por demais immensa, e viria talvez estiolar muita planta, que precisa desse sol selvagem que é nosso. E talvez fosse excellente para o grande escriptor que a instituição academica surgisse, quando elle havia já construido toda a sua magnifica obra. Porque ninguem sabe como o metro e a geometria academica em tão grande artista, attento e disciplinado na fórma, teriam alterado a sua expontaneidade vivaz,

o seu livre genio, o seu desabusado espirito. Quando a Academia veiu e teve o culto de Machado de Assis, era felizmente tarde para o perder. Só os incorruptiveis, os inalteraveis deviam fazer parte da grey academica. Não se a póde recommendar aos espiritos em formação e aos debeis.

Do seu sanctuario ou da Academia, Machado de Assis segue na imaginação a figura de Joaquim Nabuco, em plena luz na complexa vida americana. As suas cartas tornam-se mais frequentes, ora para felicitar o infatigavel amigo pelo trabalho diplomatico em que se empenha, ou congratular-se com o novo doutor de Yale, que já o era pela universidade de Columbia, ou saudar o orador pela elevação intellectual das suas conferencias, ora para o animar a proseguir nas lettras, publicar o livro promettido *Pensées Détachées.* "Venha o livro que medita; é preciso que o embaixador não faça descançar o escriptor; ambos são necessarios á nossa affirmação nacional" ora para insistir pela publicação do drama *l'Option* sobre a conquista da Alsacia, ora para num movimento excepcional da sua intimidade, fazer a confidencia da confecção daquelle que elle diz ser o seu ultimo livro, o *Memorial de Ayres* — e sempre para falar da esposa morta, da saudade infinda, e para occupar-se da sua Academia, dos trabalhos desta, da reforma da ortographia, das recepções, da formação do "quadro", ou das eleições. E jamais elle que tudo obtinha de Nabuco, pediu-lhe o voto, e mostrou-lhe antecipadamente a sua inclinação secreta por qualquer candidato. Esta correspondencia é ainda o testemunho da ternura e da delicadeza moral desses amigos. Sentiam um encanto reciproco, que não se pejavam de expandir. A ternura não é um signal de debilidade. As raças

mais fortes cultivam a affeição. Quem conhece a correspondencia dos homens superiores da Inglaterra, mesmo dos politicos ou homens de acção, nota o elevado gráo de cortezia e de sympathia nas relações. Poetas como Shelley, Byron, Ruskin, dão-se inteiramente aos seus amigos. O Brasileiro, que foge a esta ternura, é um selvagem; teme entregar a sua alma e o seu coração; vive na desconfiança e afasta de si a amizade. O tom franco, cordeal, meigo da correspondencia de Machado de Assis e Joaquim Nabuco não pode ser sentido, na sua tocante elevação pelo "homem novo" rude e brutal, salvo quando o interesse o torna adulador e disfarçado.

Do seu "observatorio" politico e universal, como elle denominava o posto de Washington, Nabuco tinha os olhos attentos em Machado de Assis, muito longe, na orbita modesta em que se contentava. Abre-lhe o coração nostalgico. E se por um instante lhe fala de politica internacional, volve-se logo ás cousas intimas, ás creações literarias de ambos, aos trabalhos e a vida da Academia. "Muito prazer tive com a sympathia mutua entre o nosso povo e os Americanos" escreve elle a Machado de Assis em fevereiro de 1908. "A Haya ia nos fazendo perder de vista a nossa unica politica possivel. Eu em diplomacia nunca perdi um só dia o sentido da proporção e o da realidade. E' que um individuo pode sempre fugir á deshonra e ao captiveiro, mas as nações não se podem matar como elle. Alguns milhares morrerão em combate, mas a totalidade passa sob o jugo. As maiores nações procuram hoje garantir-se por meio de allianças; como podem as nações indefezas contar sómente comsigo! E desde que o nosso unico apoio possivel é este

porque não fazemos tudo para que elle não nos venha a faltar! Essa é a minha intuição e tive por isso o maior prazer com esse renascimento da sympathia entre as duas nações por occasião da visita da esquadra americana..." E como arrependido deste desvio por assumptos secundarios, como são os da politica, volve-se rapidamente: "Basta porem de confidencias de alcance politico. Aqui vão outras intimas." E fala do seu drama sobre o desmembramento da Alsacia e Lorena, que escrevera em francez, ha trinta annos, acabado em 1877, em New-York, e do qual dissera em *Minha Formação* "elevar-se como composição literaria acima do espirito de nacionalidade, visar á unidade de justiça, do direito e ao ideal entre as nações." Recomposto definitivamente em 1908 com outro desfecho, Nabuco explica o seu pensamento inspirador: "O assumpto como talvez V. se lembre é a conquista, ou antes o desmembramento, da Alsacia e Lorena. Nenhum francez poderia falar com a minha imparcialidade sobre a Allemanha que tambem apparece grande no drama. Toda a questão é o direito de conquista. Não posso apparecer na publicação, apezar de ser a creação puramente literaria, como drama, e de *principio,* como motivo. Estão agora estudando o caso amigos meus de França. Estou muito contente da obra depois da revisão e da mudança do final. Antes parecia-me *mal acabada.* A morte de Nabuco permittiu que o drama, que se denominou *l'Option,* porque o motivo da obra é a luta de consciencia dos Alsacianos em optar pela França ou pela Allemanha, apparecesse com o claro nome de seu autor. Mas essa voz que aspirara á imparcialidade numa tragedia, que se desenrola ha dous mil annos ás margens do Rheno entre latinos e

barbaros, em que tudo o que fórma o nosso patrimonio espiritual, o nosso direito, a nossa philosophia, a nossa religião, a nossa arte, a nossa cultura, seria submergido pela horda invasora, se não fosse recalcado pela força, essa voz, de estranho e sereno accento, que appela para a reconciliação impossivel, não podia ser ouvida no pavoroso tumulto da batalha.

Joaquim Nabuco é sempre confidente com Machado de Assis. Refere-lhe toda a sua actividade literaria e politica nos Estados Unidos, os trabalhos intellectuaes que executa, as conferencias, os estudos e as honras que recebe. Machado de Assis, do seu lado está resignado e, presentindo a morte, não deixa de despedir-se do amigo para o grande silencio que se approxima. "Eu, meu querido, vou andando como posso, escreve em maio de 1908, mezes antes de fallecer, — já um pouco fraco e com temor de perder os olhos se me der a longos trabalhos. Já não trabalho de noite. Ainda assim posso fazer-lhe uma confidencia: escrevi o anno passado um livro que deve estar impresso agora em França. Creio que será o meu ultimo livro; descançarei depois. Nabuco procura reanimal-o e o consola com estas doces e propheticas palavras: "V. gosa hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lel-o e estudal-o para comprehender a fascinação exercida por V sobre o seu tempo. E' bello tal crepusculo para um homem de lettras, porque os homens de lettras têm mais preocupação da sua obra que mesmo do seu nome. Mas a noite está ainda muito longe. Pelo que vi no Rio em 1906 eu não apostaria em mim contra V. no pareo de qual de nós dois verá ainda mais annos neste mundo. V. tirou o premio da grande vida. Ella não póde dar mais.

Não tenha um momento de ingratidão, isto é de tristeza."

Se o extraordinario critico que foi Nabuco está nos conceitos sobre Machado de Assis, se o amigo inexcedivel está na ternura desta consolação, o grande optimista desforra-se em considerar a tristeza uma manifestação contra a vida. Mas o mal era incuravel em Machado de Assis. Elle replica sem resignação: "Completei no dia 21 de junho sessenta e nove annos; entro na ordem dos septuagenarios. Admira-me como pude viver até hoje, mórmente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei; por mais que amigos busquem temperal-a de carinho.' Não mais o deixa o presentimento do fim. Referindo-se a futuras eleições da Academia em carta a Nabuco, de 1.º de agosto desse anno da sua morte diz: "Não ha vaga, mas quem sabe se não a darei eu! Releve-me estas idéas funebres; são proprias do estado e da idade." E a derradeira palavra de Machado de Assis a Joaquim Nabuco vem nesta ultima carta que acompanha o ultimo livro, o *Memorial de Ayres*, terrivel e despedaçadora palavra: "Tudo isto me abafa e entristece. Acabei"

Era o fim. Os amigos comprehendem que Machado de Assis vae succumbir. Nabuco é avisado da imminencia do desastre e escreve a um delles: "O estado do Machado causa-me verdadeira consternação. Como passaremos sem elle? Cada anno reduz-se o circulo das affeições e das admirações dos que entram na velhice. Esta tem certo pudor em contrahir amizades novas, em crear novos cultos pessoaes. Os moços ainda têm muito que ver, muito com quem se ligar e a natureza lhes renova as affeições que se vão perdendo. E' muito differente aos sessenta e deve ser terrivel mais

tarde. Deus lhe dê um declinio curto e um fim suave, se elle começou a entrar na decadencia. Mas tambem a quanta ternura e quanto carinho de nossa parte essa não obriga"

Na madrugada de 29 de setembro de 1908 consummou-se a morte de Machado de Assis. A sua espiritualidade irradiou-se ainda mais na molestia atroz dos seus ultimos dias. O philosopho da ficção sublimou-se na realidade do soffrimento. Só a Dor é positiva, recordava a maxima do pessimista e sorria aos amigos, que lhe formavam a familia espiritual naquella agonia. Morreu fixando os olhos nos presentes e a lembrança nos ausentes. Os seus discipulos trouxeram-lhe o corpo do Cosme Velho para a Academia em uma resumida e triste procissão, á noute escura, pelas ruas da cidade indifferente. Na outra tarde o seu enterro foi uma apotheose. Pela primeira vez um simples homem de letras foi enterrado neste paiz como um heróe. Machado de Assis não imaginou jamais tanta honraria e tal explosão de subita popularidade. Seguramente que a suggestão partiu da fé dos discipulos, mas o fluido communicou-se a um sentimento collectivo, prompto a recebel-o e amplial-o. Os Brasileiros já começavam a admirar em Machado de Assis o puro escriptor, o desinteressado espirito, para quem a Arte tinha o seu fim em si mesma. Cada qual encheu-se de respeito deante dessa força ideal, que Machado de Assis symbolisava.

Desde então o culto secreto e restricto tornou-se claro, luminoso, embora absurdo, porque entre o que se convencionou chamar alma brasileira e Machado de Assis não ha affinidade evidente ou subtil. Faltou ao grande analysta a

imaginação mythica e o enthusiasmo, que são as forças motrizes da nossa sensibilidade racial. E o que é mais singular é que o prestigio de Machado de Assis sobrepuja hoje áquelles com que teve de lutar no espirito dos contemporaneos, o dos creadores enthusiastas, como José de Alencar e o dos escriptores ruidosos e brilhantes, como Eça de Queiroz. O escriptor portuguez fascinou os literatos brasileiros pelos seus dons de artista exterior, pelo movimento e pelo colorido. Escriptores, porem, como Joaquim Nabuco ou Machado de Assis não podiam encontrar interesse superior em Eça de Queiroz, artista sem mysterio e sem cultura. Machado de Assis inspira culto refinado aos pensadores e aos artistas puros. E' no prestigio da sua alta espiritualidade, nesta culminancia da intelligencia livre e desdenhosa de toda a emoção, que está a magia da influencia de Machado de Assis, cuja perfeição esthetica é inabordavel e tentadora. Por mais que se busque o segredo dessa perfeição, elle fica impenetravel. E é uma felicidade, porque uma literatura de imitadores de Machado de Assis conduziria tristemente ao preciosismo academico, á esterilidade do formalismo, que se presumiria um estylo não passando de uma maneira. Desse mal nos livram as forças profundas e irreprimiveis do temperamento brasileiro, de que Machado de Assis não dá testemunho, permanecendo como o maior accidente da nossa espiritualidade.

Desde a sua volta aos Estados Unidos recomeça Joaquim Nabuco a actividade de propagandista. O seu nome, circumdado ainda de mais fulgor, torna-se conhecido alem do mundo politico e diplomatico. A fama da sua cultura e eloquencia suscita admirações. Disputam-n'o as Universida-

des e faz-se ouvir em varias. Nas commemorações intellectuaes é um dos favoritos da tribuna e tem ás vezes por companheiro de oratoria o fogoso Roosevelt. Destas exhibições do talento não resulta emulação. Nabuco interessou a tal ponto a Roosevelt que este sempre recommendava aos diplomatas frequentar o Embaixador do Brasil. Assim a Embaixada se tornou em Washington o mais activo centro social da intelligencia.

No turbilhão do mundo novo, por mais que a politica o preoccupe, as letras, a sociedade, os homens eminentes, a magnitude americana o attraiam, ha um ponto doloroso na vida interior de Nabuco, é a ancia pelo Brasil. Elle é nostalgico, e o coração bate o rythmo da saudade. "Mas que saudade!" exclama em junho de 1908, a Machado de Assis, "que falta da nossa gente! Parece-me impossivel que eu não tenha a fortuna de voltar para ahi proximamente. Creia-me "sequioso" Não tenho outra expressão." Nas suas conferencias é sempre do Brasil que fala, da antiguidade do nosso espirito nacional, das nossas possibilidades, e para terminar o cyclo da vida espiritual foi inconscientemente, mas imperiosamente levado a revelar Camões aos Americanos, realçar a epopéa portugueza, tratar emfim da emoção e da gloria em que nos foi gerada a nação.

Neste esplendor, nesta magnificencia de pensamentos, nas mil refracções do prisma intellectual, num phantastico crepusculo, na apotheose dos raios ainda quentes e vibrantes da intelligencia solar, morreu gloriosamente Joaquim Nabuco.

Não ficou em terra extranha o seu corpo. Os Americanos o transportaram ao Brasil e elle repousa na terra per-

nambucana. Antes de ser abrigado no monumento de marmore, a sua sepultura era no chão arenoso, que prolongava a praia de onde as barcaças carregavam os escravos para a liberdade: em torno, na doçura dos tons, avistavam-se as nossas arvores, a funeraria casuarina, o verdejante sapotiseiro, o coqueiro espiritual, e tudo refrescava-se na alegria dos ventos. Tal quadro que seria um "primitivo" brasileiro contentaria a beatitude do Nabuco dos ultimos annos. O menino de Massangana fizera a radiante volta das cousas e tornara singelamente á terra formadora da sua alma... Tudo o que adquiriu na ascensão do espirito era offerecido alli com o seu corpo em holocausto a Pernambuco.

No cyclo dessa grande vida cumpriu-se a palavra socratica, a harmonia do homem interior com o homem exterior; e o que lhe move o espirito é o finalismo com que interpreta o Universo. Este sentimento da finalidade conservou-lhe necessariamente a religião. Jamais foi daquelles que explicam a substancia e os phenomenos por uma hypothese scientifica ou pelo pantheismo emanante. Ficou sempre subordinado ao conceito do divino e se por algum tempo a actividade politica não lhe deixou perseverar na religião, logo que a sua acção exterior cessou, succedendo-lhe a meditação, e a vida interior se espiritualisou docemente, o incerto mysticismo tornou-se em fé robusta, organica e militante.

Ao finalismo de Nabuco oppunha-se o determinismo de Machado de Assis. A sua obra de arte é o reflexo do mecanismo universal. Não ha nella uma fresta por onde passe a luz mystica, que porventura lhe ascendesse do espirito ou lhe viesse do incognoscivel. Não ha a illusão da

liberdade. E quando se depara com a extravagancia ou o aspecto morbido nessa obra sente-se ser isto determinado pela propria psychose do escriptor, que, alienista de instincto, comprehende em si mesmo toda a alienação mental alheia ou transmitte aos seus personagens a sua molestia. Compraz-se na loucura dos homens, em que põe o principal interesse da sua esthetica.

A religiosidade de Joaquim Nabuco não vem da exaltação pathologica. E' simples e saudavel. Vem da tradição, da hereditariedade, da imaginação, do humanismo ou da sensibilidade. A ausencia do espirito scientifico conservou-lhe a crença e afastou-o da negação e do scepticismo. A apregoada influencia de Renan foi-lhe superficial, puramente externa. Joaquim Nabuco foi homem de fé. Acreditou em muita cousa e combateu com energia e esperança por muita causa. Não se póde chamar sceptico o paladino da abolição, o propagandista do pan-americanismo, o pensador de syntheses affirmativas. Tambem Renan não foi renanista, quando acreditou na sciencia e procurou conciliar o sentimento religioso com a analyse scientifica. Joaquim Nabuco não tentou este impossivel. Limitou-se a rectificar e solidificar a sua fé religiosa e a sua vida interior foi mais humana do que escripta. Desejou, aspirou; engrandeceu-se na perpetua ascensão do espirito. Se na mocidade buscou realisar a vida exterior em sua bella plenitude, nos tempos antes da morte soffreu a ancia do Infinito. Uma perpetua inquietação o atormentou e multiplicou-lhe a mobilidade. Repousou na morte para ser mais feliz. Disse o Mago: "O desejo é a vida do homem na terra e não está escripto que o seja a satisfação."

A vida de Machado de Assis está vivida e vasada em seus livros. Por estes vê-se que foi timido na inquietação. A vontade lhe era desconfiada; limitou a sua actividade e absteve-se de desejar. Concentrou-se na acção literaria e tornou-se o mais agudo e o mais livre dos escriptores brasileiros.

A fé religiosa de Joaquim Nabuco e a duvida materialista de Machado de Assis foram os baluartes, em que se refugiaram os dous herões espirituaes. Não quizeram transpor-lhes as muralhas. Não foram possuidos da tentação de ser Deus, não gosaram a aspera volupia de crear o Universo, de commandar e serem obedecidos, de pesar sobre os destinos humanos.

GRAÇA ARANHA

Machado de Assis
1865

NABUCO A MACHADO

Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro de 1865.

Meu cáro Senhor ([1])

Tenho em vista o Diario de hontem: na chronica — "Ao acaso" deparo com algumas linhas ao meu respeito, cahidas de sua penna: li e reli o que sobre mim escreveu: e depois de meditar sobre estas linhas decidi-me a aventar sobre ellas as duas considerações, que se seguem.

Não sou poeta; as minhas toscas composições, escriptas nas minhas horas vagas, ainda não pretendem a tanto; o titulo pomposo de — *poeta,* — que, por extrema bondade, e complacencia, dignou-se-me applicar, poderia, esmagando a minha nulla valia, encher-me de um orgulho sem fundamento, que me elevasse acima do que eu realmente sou, se porventura não tivesse a indestructivel convicção de que elle verdadeiramente me não pertence, e de que me foi applicado por um poeta, que, talvez por sympathia ou por outro qualquer motivo, desejando estender-me a sua mão de apoio e de animação, me deu titulos superiores ás qualidades que realmente eu possuo.

Escrevo versos, é certo; porem estes versos, sem cadencia e sem harmonia, não podem elevar o seu authôr á altura de poeta, se bem de inferior plaina; agradeço portanto o titulo, que me não pertence, acceital-o, ou tacitamente deixal-o passar, seria pretender aquillo a que jamais poderei aspirar; seria encher-me de um falso orgulho, julgando meritorio um titulo que só a benevolencia e a complacencia me poderião conferir.

Esta é a primeira consideração que a leitura de suas linhas suggerio em minha mente: de mais, cabe-me dizer-lh'o: de uma certa idade em diante pretendo me não mais applicar á poesia; n'esta idade em que minha intelligencia ainda não pode discutir sobre o positivo e o exacto: deixo que a penna corra sobre o papel, e que minha acanhada imaginação se expanda nas linhas, que ella compõe; mas, quando as minhas faculdades concentradas pelo estudo e pela meditação se poderem applicar ao positivo, e ao exacto, deixarei de queimar incenso ás musas do Parnaso, para me ir alistar na fileira dos mais mediocres apostolos do positivismo, e das sciencias exactas; é um protesto para cujo cumprimento peço a Deus força de vontade e firmeza de resolução. Entendo, meu charo poeta, que desde uma certa idade a nossa imaginação perde o seu vigor; as utopias e as phantasias, que alimentão a imaginação dos poetas cessão desde que elle penetra n'uma vida, cujas vicissitudes lhe demonstrão o absurdo dos seus calculos; e cujos caprichos e contrariedades são a perfeita antithese dos sonhos dourados de sua phantasia e dos prazeres, e das vigilias felizes, que, em seus calculos de utopista e de poeta elle um dia concebeu.

E' por isso que por ora dou azas á minha imaginação; mas um dia virá, e este dia talvez esteja perto, no qual me desligue completamente d'esse mundo de visionarios, para ir tomar parte no gremio d'aquelles, que, mais chegados ás realidades da vida, considerão este mundo como elle realmente é. São estas as duas considerações, que por ora julguei dever fazer ás linhas a meu respeito.

Disponha do pouco prestimo d'aquelle seu

Criado obrigado

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Joaquim Nabuco tinha quinze annos; era alumno do Collegio Pedro II e escrevia por essa epoca poesias de circumstancia que recitava nos saráos literarios. Na sessão da Arcadia Fluminense em 25 de novembro de 1865 leu em presença do Imperador e da Imperatriz e das Altesas Imperiaes a poesia "Uruguayana".

Esta primeira carta de Nabuco responde á saudação que Machado de Assis lhe fizera na sua revista da semana "Ao Acaso", (folhetim do Diario do Rio de Janeiro, de 31 de janeiro de 1865) nas seguintes palavras:

...Já que fallo em poetas escreverei aqui o nome de um joven estreante da poesia, a quem não falta vocação, nem expontaneidade, mas que deve curar de aperfeiçoar-se pelo estudo. E' o sr. Joaquim Nabuco. Tem 15 annos apenas. Os seus versos não são de certo perfeitos: o joven poeta balbucia apenas; falta-lhe compulsar os modelos, estudar a lingua, ultimar a arte; mas se lhe faltam os requisitos que só o estudo póde dar, nem por isso se lhe desconhece desde já uma tendencia pronunciada e uma imaginação viçosa. Tem o direito de contar com o futuro.

Meu caro Machado,

Se V. quizer ouvir umas folhas de má prosa sobre os Lusiadas (1) appareça ás 7 da noite á rua da Princeza do Cattete N.º 1 (2) casa sua e de

JOAQUIM NABUCO

Diario Official.
1872. Hoje.
Querido Machado,
Espero-o (sem falta!!!)

SIZENANDO (3)

---

(1) Trata-se do primeiro livro de Nabuco — *Camões e os Lusiadas*, publicado em 1873.

(2) Era a casa do velho Senador Nabuco, no Flamengo.

(3) Sizenando Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1882.

Meu caro Nabuco,

Escrevo esta carta prestes a sair da Corte por uns dous mezes, afim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinario que tive em 1880 e 1881.

A carta é pequena e tem um objecto especial. Talvez V. já saiba que morreu a senhora do Arsenio. (1) O que não sabe, mas pode imaginar é o estado a que ficou reduzida aquella moça tão bonita. Nunca suppuz que a veria morrer. Vamos agora ao objecto especial da carta. O Arsenio, com quem estive ante-hontem, levou-me a ver a pedra do tumulo que elle manda levantar, e é isto o que lhe diz respeito a V. Commovido e agradecido pelas bellas palavras que V. escreveu, em um dos folhetins do *Jornal do Commercio,* a respeito de D. Marianninha, mandou gravar algumas dellas na pedra da sepultura, e esse é o unico epitaphio. Elle mesmo pediu-me que lhe dissesse isto, accrescentando que não agradeceu logo a referencia do folhetim, por não saber quem era o autor. Disse-me tambem que me daria, para V., um retrato photographado da senhora.

Vou para fóra, como disse, mas V. póde mandar as suas cartas com endereço á Secretaria da Agricultura.

Adeus, meu caro Nabuco. Estou certo de que V. lerá o recado do Arsenio com a mesma emoção com que o ouvi. Pobre Marianninha! Adeus, e escreva ao

am.º do c.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Quando Dona Marianninha Teixeira Leite Cintra da Silva, a formosa mulher de Joaquim Arsenio Cintra da Silva, estava a morrer, Joaquim Nabuco, que escrevia o folhetim do "Jornal do Commercio", *A' Margem da corrente,* sob o pseudonymo de *Freischutz.* prestou-lhe esta homenagem:

"Se a vida triumphar da morte e recompuzer na sua perfeição os traços que representam para nós a physionomia a que me refiro, saiba ella que muitos que apenas a conheceram fazem os mais ardentes

votos e os misturamos ás orações e ás preces de sua familia para que lhe seja poupada essa tristeza, que não se apaga mais, que se consolida no caracter e é uma das fontes de melancholia espontanea que brota mais tarde do coração: — a tristeza de ver morrer o que é bello na mocidade, na plenitude da vida, arrebatada como os anjos da Biblia nas vestes deslumbrantes que mal tocaram á terra." — 21 de agosto de 1881.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, Maio, 29, 1882.

Meu caro Nabuco,

Ha cerca de um mez que esta carta devera ter seguido, mas o proposito em que estava de escrever uma longa carta foi retardando a resposta á sua, e dahi a demora. "Valha a desculpa, se não vale o canto." E o canto aqui não vale muito, porque afinal vai uma carta minima, como vê, não querendo prolongar estes adiamentos.

Transmitti ao Arsenio as suas palavras, e a autorisação que lhe deu para o epitaphio. Elle ficou muito agradecido. Não vi ainda o epitaphio na propria pedra. Ninguem que o veja deixará de reconhecer que era a mais bella homenagem á finada, e o melhor agradecimento ao autor.

Comprehendo a sua nostalgia, e não menos comprehendo a consolação que lhe traz a ausencia. (1) Para nós, seus amigos, se alguma consolação ha, é a tempera que este exilio lhe ha de dar, e a vantagem de não ser obrigado a uma

luta vã ou a uma tregoa voluntaria. A sua hora ha de vir.

Tenho lido e applaudido as suas correspondencias. [2] Ainda hoje vem uma, e vou lel-a depois que acabar esta carta, porque são nove horas da manhã, e a mala fecha-se ás dez. E a minha opinião creio que é a de todos.

Agradeço muito os offerecimentos que me faz, e noto-os para occasião opportuna, se a houver. Quanto aos retalhos de jornaes, quando os achar merecedores da transmissão, aceito-os com muito prazer.

Minha mulher agradece as suas recommendações e pede-me que lh'as retribua. Pela minha parte, creio excusado dizer a affeição que lhe tenho, e a admiração que me inspira. A impressão que V. me faz é a que faria, (supponhamos) um grego dos bons tempos da Hellade no espirito desencantado de um boudhista. Com esta simples indicação, V. me comprehenderá.

Adeus, meu caro Nabuco, V. tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrella ha de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus invejosos. Um abraço do

Am.º do C.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) E' o exilio de Londres. Terminado o mandato de deputado por Pernambuco e não tendo sido eleito pelo Municipio Neutro na eleição directa de 1881, Nabuco transfere a sua actividade para Londres, de onde continua em esphera mais dilatada a sua campanha pela Abolição.

(2) Era o correspondente do *Jornal do Commercio.*

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1883.

Meu caro Nabuco,

Esta carta devia ser escripta ha cerca de um mez. Como, porém, uma folha desta côrte annunciasse que V. em maio viria ao Rio de Janeiro, entendi esperal-o. Fallei depois ao Hilario, que me disse não ter nenhuma carta sua nesse sentido; conclui que a informação não era exacta, e resolvi mandar-lhe estas duas linhas, acompanhadas de um livro meu.

Antes de fallar do livro, agradeço muito as suas lembranças de amizade, que de quando em quando recebo. A ultima, um retalho de jornal, ácerca da partida de xadrez, foi-me mandada á casa pelo Hilario; pouco antes tinha recebido pelo correio alguns jornaes franceses, relativos á morte e enterro do Gambetta; e ainda ha poucos dias tive em mão uma remessa mais antiga, um cartão do "Falstaff Club" noite de 21 de Junho de 1882.

Vê V. que se se lembra dos amigos, o correio não o deixa mal, e é pontual transmissor das suas memorias. Oxalá faça o mesmo com o livro que ora lhe envio, *Papeis avulsos*, em que ha, nas notas, alguma cousa concernente a um episodio do nosso passado: a *Epocha* (1). Não é propriamente uma reunião de escriptos esparsos, porque tudo o que alli está (excepto justamente a *Chinella turca*), foi escripto

com o fim especial de fazer parte de um livro. V. me dirá o que elle vale.

E agora, passando a cousas de maior tomo, deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o *Jornal do Commercio*, como que os meus amigos e pessoas com quem converso, a tal respeito, têm a mesma impressão. E olhe que a difficuldade, como V. sabe, é grande, porque no geral as questões inglezas (não só as que V. indicou em uma das cartas, e se prendem aos costumes e interesses locaes, mas até as grandes) são pouco familiares neste paiz; e fazer com que todos as acompanhem com interesse, não era facil, e foi o que V. alcançou. Sua reflexão politica, seu espirito adiantado e moderado, além do estylo e do conhecimento das cousas, dão muito peso a esses escriptos. Ha um trecho delles, que não sei se chegou a incrustar-se no espirito dos nossos homens publicos, mas considero-o como um aviso, que não devia sair da cabeceira delles: é o que se refere á nossa divida. Palavras de ouro, que oxalá não sejam palavras ao vento. A insinuação relativa á perda de alguma parte da região brasileira abre uma porta para o futuro.

Adeus, meu caro Nabuco, continue a lembrar-se de mim, assim como eu continuo a lembrar-me de V., e deixe-me apreciar o seu talento, se não posso tambem gosar do seu trato pessoal. Um abraço do

Am. e ad. affmo.

MACHADO DE ASSIS

(1) Eis a nota de Machado de Assis:

A CHINELLA TURCA. P. 105.

"Este conto foi publicado, pela primeira vez, na *Epocha*, n. 1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudonymo de *Manassés*, com que assignei outros artigos daquella folha ephemera. O redactor principal era um espirito eminente, que a politica veiu tomar ás letras: Joaquim Nabuco. Posso dizel-o sem indiscreção. Eramos poucos e amigos. O programma era não ter programma, como declarou o artigo inicial, ficando a cada redactor plena liberdade de opinião, pela qual respondia exclusivamente. O tom (feita a natural reserva da parte de um collaborador) era elegante, literario, attico. A folha durou quatro numeros"

Papeis Avulsos, 1882.

MACHADO A NABUCO

Rio, 24 de Março de 1896.

Meu caro Nabuco,

Nenhum de nós esqueceu ainda, nem esquecerá aquella senhora gentilissima, D. Marianninha Teixeira Leite Cintra da Silva, esposa do meu amigo Jm. Arsenio Cintra da Silva, morta no esplendor da mocidade, já lá vão muitos annos. Você escreveu sobre ella, então enferma, algumas palavras de commoção, de verdade e de poesia, na chronica do *Jornal do Commercio*, de 21 de Agosto de 1881. Jm. Arsenio querendo que no tumulo da esposa se gravasse condigno epitaphio, colheu algumas das suas palavras e fel-as inscrever nesta disposição:

"A' esposa estremosa arrebatada na plenitude da vida,
"como os anjos da Biblia, nas vestes deslumbrantes que mal
"tocavam a terra...

"Saudade eterna!"

Machado de Assis
1884

Deu-me uma photographia do monumento e pediu-me que lhe communicasse esta noticia a Você; mas não nos tendo encontrado ha muitos dias, dou-lh'a aqui por carta, e nesta mesma data o annuncio a Jm. Arsenio, segundo haviamos combinado. (1)

Adeus, meu caro Nabuco.

Saudades do

Velho amigo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Não se trata mais da "pobre Marianninha", morta ha quatorze annos. O "viuvo inconsolavel" passou a outras nupcias, e agora no tumulo desta segunda mulher gravou o epitaphio esculpido no tumulo da primeira com as mesmas tocantes palavras de Nabuco.

NABUCO A MACHADO

12, Rua Marquez de Olinda.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1899.

Meu caro Machado,

Como ninguem escreve n'esse estylo etc. já o vi ha dias na Gazeta antes do José Verissimo mostral-o. (1) Agora queira dizer-me como se vai formando em seu espirito a successão do Taunay na Academia (2)... O Loreto disse-me ante-hontem que na Revista, aonde não vou ha muito,

falava-se em Arinos e Assis Brasil. Eu disse-lhe que minha idéa era o Constancio Alves. O Taunay era um dos nossos, e se o substituimos por algum ausente, como qualquer d'aquelles, teriamos dado um golpe no pequeno grupo *que se reune* e faz de Academia. Depois ficariamos sem recepção. O Arinos talvez viesse fazer o elogio. Eu, pela minha parte, que entre os dois votaria n'elle, porque o elogio do Taunay pelo Assis Brasil (este póde ser reservado para outra cadeira mais *congenial* com o seu temperamento) podia ser uma peça forçada; confesso-lhe que não vejo como o Constancio; mas se V. não pensa que o Constancio tem a melodia interior, a nota rara, que eu lhe descubro, submetto-me ao mestre. Com o voto do Doria que me prometteo, e o meu o Constancio já tem dois. Se V. viesse, era o triangulo, e podiamos até falsificar a eleição. Serio!

Escreva-me uma linha já que não nos vemos mais. Ha de V. crer que não me entregava de "quando em vez" ao prazer de conversar "comsigo" só por não saber que o seu numero no Cosme Velho era 18! Sei que a carta dirigida ao *Rio de Janeiro* iria ter-lhe as mãos, mas tenho a superstição de não escrever sem endereço exacto, e foi agora, vendo o amavel bilhete de anno bom, que V. gentilmente me remetteu, que me occorreu a idéa do agradavel passatempo, que acabo de ter sobre pretexto de cabalal-o.

Muitas affectuosas lembranças do amigo sincero e tão sincero admirador

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Joaquim Nabuco allude ao artigo em homenagem a Almeida Garrett, publicado na *Gazeta de Noticias* no dia 4 de fevereiro

de 1899, data do centenario do nascimento do Poeta. O artigo sem assignatura era de Machado de Assis, o que muitos reconheceram pelo estylo.

(2) Alfredo d'Escragnolle Taunay morreu a 25 de janeiro de 1899 no Rio de Janeiro.

MACHADO A NABUCO

18, Cosme Velho

13 de Fevereiro (de 1899.)

Caro Nabuco,

Respondo á sua carta. Pensei na successão do Taunay logo depois que o tempo afrouxou a magua da perda do nosso querido amigo. A vida que levo, entregue pela maior parte á administração, não me permittiu conversar com os amigos da *Revista* mais que duas vezes, mas logo achei a candidatura provavel do Arinos, e dei-lhe o meu voto; o Graça Aranha e o Verissimo a promovem, (1) e já ha por ella alguns votos certos, ao que me disseram. Assim, fiquei alliado, antes que V. me lembrasse o nome do Constancio Alves. Tambem ouvi fallar do Assis Brasil, mas sem a mesma insistencia.

Adeus, caro Nabuco, até á primeira, que não sei quando será, mas não deve ser muito tarde. Em todo caso não esqueça

O velho am.º e adm.º

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Deve-se ajuntar aos que promoveram a candidatura de Affonso Arinos o nome de João Ribeiro. Não se apresentou Arinos á vaga de Taunay, que coube a Francisco de Castro. Affonso Arinos foi o successor de Eduardo Prado, sendo substituido por Miguel Couto.

MACHADO A NABUCO

18, Cosme Velho

10-3-99.

Caro Nabuco,

Vae em carta o que não lhe posso dizer já de viva voz, mas eu tenho pressa em communicar-lhe, ainda que brevemente, o prazer que me deu a noticia de hontem no *Jornal do Commercio.* (1) Não podia ser melhor. Vi que o governo, sem curar de incompatibilidades politicas, pediu a V. o seu talento, não a sua opinião, com o fim de applicar em beneficio do Brasil a capacidade de um homem que os aconteci-

mentos de ha dez annos levaram a servir a patria no silencio do gabinete. Tanto melhor para um e para outro.

Agora, um pouco da nossa casa. A Academia não perde o seu orador, [2] cujo logar fica naturalmente esperando por elle; alguem dirá, sempre que fôr indispensavel, o que caberia a V. dizer, mas a cadeira é naturalmente sua. E por maior que seja a sua falta, e mais vivas as saudades da Academia, folgaremos em ver que o defensor de nossos direitos ante a Inglaterra é o conservador da nossa eloquencia ante seus pares. A minha idéa secreta era que quando o Rio Branco viesse ao Brasil, fosse recebido por V. na Academia. [3] Façam os dous, por virem juntos, e a ideia será cumprida, se eu ainda fôr presidente. Não quero dizer se ainda viver, posto que na minha edade e com o meu organismo, cada anno vale por tres.

Adeus, meu caro Nabuco, até á vista, e, desde já, um abraço cordial do

Velho am.º

MACHADO DE ASSIS

---

(1) A nomeação para defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Guyana Ingleza.

(2) Nabuco era o Secretario Geral da Academia, e por isso o seu "orador".

(3) Rio Branco jamais fez o seu discurso academico, em que teria de elogiar o padre Souza Caldas, patrono da sua cadeira, e Pereira da Silva, seu antecessor.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 31 de Out. de 1899.

Meu caro Nabuco,

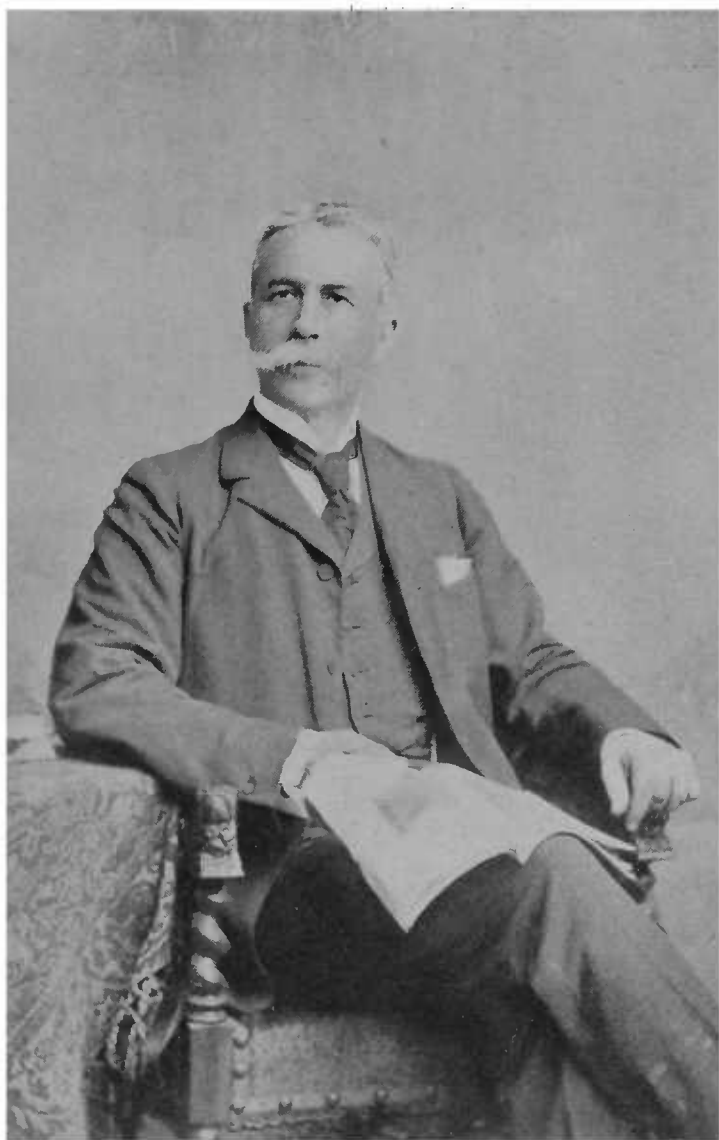
Sei que V. tem passado bem, não menos que o nosso Graça Aranha, e a ambos envio de cá abraços e saudades. Ainda não estive com o Caldas Vianna, (1) mas sei por pessoas que lhe falaram que elle veiu de lá com grande pena; tambem eu sentiria a mesma cousa, se houvesse de tornar antes do fim.

A vaga deixada por elle terá de ser preenchida naturalmente de accordo com V. ou por proposta sua. Sobre isto tenho indicação de um moço que desejaria ir, e é bastante intelligente para corresponder ao que V. lhe confiar. E' o Luiz Guimarães, filho do Luiz Guimarães Junior. Está na *Gazeta de Noticias*. Veja V. o que pode fazer por elle, e não esqueça o

Velho am.º

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Graça Aranha e Caldas Vianna foram os primeiros auxiliares de Nabuco na Missão Especial para a questão de limites com a Guyana Ingleza. Caldas Vianna, constante amigo de Joaquim Nabuco, pediu demissão poucos mezes depois e voltou ao Brasil, onde o chamavam interesses particulares.

JOAQUIM NABUCO
1897

NABUCO A MACHADO

Pariz, Dezembro, 6, 1899.

Meu caro Machado,

Realmente o empenho tem muita força, porque a elle devo mais um precioso autographo do Mestre, com quem visitei Ferney e Coppet,..... e eu que pensava que V. queria mandar-me o João Ribeiro! a verdade, muito entre nós dois, é que se eu não estivesse adstricto a um convite anterior e tratasse de substituir agora o nosso Caldas Vianna, o melhor dos collaboradores que eu poderia ter seria o nosso consocio e companheiro de chá, que ambos tanto estimamos.

Quando vi a sua lettra pensei que era uma terceira edição do famoso epitaphio. Diga logo que sim.

Hontem representei-o na missa de um dos velhos Garnier, este de 93 annos. A's vezes o Graça Aranha e eu lá vamos conversar, como se fossemos á "Revista" n'um *five o'clock* sem chá, e sempre se falla de V. O mais moço d'elles, sobrinho, M. Pierre, tem grandes planos para o Brazil. Agora vai mandar a traducção de "Impotencia e Esterilidade" e o "Theatro de Garrido" logo mandará "Dom Casmurro" o que quer dizer que como bom livreiro publica para todos e de tudo.

Hoje fui a outra missa, a do Imperador, onde havia mui pouca gente, como é natural cá e lá, mas muito cabello branco. Ora, como as correntes politicas são formadas pelos

que têm de 20 a 30 annos, não póde haver nada mais inoffensivo do que um culto que só reune os destroços de uma época que passou, como são os cabellos brancos. A maior parte dos presentes seriam membros do Instituto de França. Outro elemento tambem inoffensivo: as bellas lettras e as inscripções.

A proposito, como vai a nossa Academia? E a nossa "Revista"? V. não apparece em nenhuma, mas eu se fosse seu Ministro (1) (não ha nenhuma irreverencia nisto), mandava-o ir a ambas, na expressão legal, debaixo de vara... do pallio.

Muitas saudades a todo o nosso grupo. Se não fosse ter vindo muito cambaleante de lá e ter-me feito bem a mudança de clima, meu desejo maior seria achar-me de novo no meio do circulo da *Revista*. Rezo pela alegria e bom humor de cada um. O peor é que quando algum desapparece é bem duro para... quem parte. Eu aqui tenho, porém, um élo da corrente, e por felicidade minha um joven, um espirito que está em contacto com o novo espirito, com as gerações novas, e assim me aquece mais do que eu o resfrio (2). Ainda hoje eu escrevia a um amigo, este um velho: Nós não valemos mais nada, não contamos para a morphologia nacional, toda nova geração faz sempre *da se*, nós influimos no nosso tempo, preenchemos nossa funcção, o que devemos pedir é alegria, contentamento, para assistir á obra dos outros sem perder a sympathia pelo nosso paiz, qualquer que aquella seja.

Amen dirá V. meu caro Machado, *et sur ce* — desejo-lhe uma feliz entrada de seculo, (digam o que quizerem os professionaes, o seculo é a data, e o seculo vinte é 9 como

o seculo XVIII foi ainda 8 — e o primeiro Nove. o que é ser um seculo distincto). Meus respeitos a Mme Machado de Assis a quem queira recommendar-me muito.

Do seu mto. dedicado

JOAQUIM NABUCO

Supponho que V. tem sempre o mesmo signal para indicar que o pedido não é inexoravel, mas um tanto forçado. Eu assim o entendi e mostrei ao Graça Aranha. Agora fico á espera de uma carta *secular*, de um futuro *inédito*.

J. N.

O Magalhães de Azeredo escreveu-me propondo um modo original de termos casa para a Academia que era contribuirem os Academicos com uma mensalidade para o aluguel. Respondi-lhe que V. advogava de preferencia o *jeton de présence*, que seguramente é menos "bourgeois" que o recibo do Thesoureiro e que nos presuppõe uma instituição de Estado.

---

(1) Machado de Assis, director de secção no Ministerio da Viação, servia no gabinete do ministro Severino Vieira.

(2) Graça Aranha.

NABUCO A MACHADO

Pougues, 12 de Junho de 1900.

Meu caro Machado,

Muito agradecido por suas felicitações e por seu livro [1] que já tinha sorvido na fonte. V. sabe que sobre mim sua penna tem o poder de um condão e como V. me póde virar no que bem lhe parecer recommendo-me á sua bondade. O Graça diz-me que V. d'aqui a uns nove dias vai remoçar de um anno. [2] Apezar de não chegar a tempo da festa que as Varias hão de ter annunciado aos amigos supponha que o festejei com um bom copo da bica da Rainha, que é para nós brazileiros na Europa a bebida por que suspiramos.

Muitas lembranças affectuosas do seu muito sinceramente dedicado

JOAQUIM NABUCO

Não deixe morrer a Academia. V. hoje tem obrigação de reunil-a e tem meios para isso, ninguem resiste a um pedido seu. Será preciso que morra mais algum academico para haver outra sessão? Que papel representamos nós então? Foi para isso, para morrermos, que o Lucio e V. nos convidaram? Não, meu caro, reunamo-nos (não conte por

ora commigo, esperemos pelo telephone sem fios) para conjugar o agoiro, é muito melhor. Trabalhemos todos vivos.

JOAQUIM NABUCO

Breve V. receberá o meu livrinho *Minha Formação.* Diga ao nosso amigo José Verissimo que lhe escreverei quando lhe mandar o volume.

---

(1) "Dom Casmurro" — Joaquim Nabuco e Graça Aranha leram em Pariz as provas deste romance por uma infidelidade do editor, que violou um dos preceitos de Machado de Assis de não revelar os seus livros, antes de impressos, mesmo aos seus intimos.

(2) Machado de Assis nasceu a 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 7 de Dezembro 1900.

Meu caro Nabuco,

Deixe-me agradecer o exemplar de "Minha Formação" que me destinou, e chegou a salvamento. Pouco antes acabava eu de reler e apreciar o valor deste seu livro, que é melhor que memorias, posto que dellas tenha parte. Nem elle podia ser escripto sem recordações da propria vida, e da vida publica. Assim que, contou V. a historia do seu espirito, mettendo na narração o interesse do leitor.

Na carta ao Graça Aranha digo alguma cousa a tal respeito. Parte della é para ambos, e para o Oliveira Lima, nosso confrade da Academia, e diria que tambem para o Eduardo Prado, se não houvesse lido algures que elle embarcou para cá, — ou foi o Arinos que m'o disse. O Oliveira Lima escreveu-me que Vocês têm ahi um chá das cinco horas, em que recordam os nossos. Aqui é que acabou toda a reunião; raro nos vemos.

A morte do nosso Gusmão Lobo causou grande consternação. Valha ao menos que se lembraram delle! Vivi annos com esse talento privilegiado, forrado de um bom coração, capaz de aturar trabalhos longos. Serviu a homens e ao seu partido, como poucos, e figura entre os principaes *leaders* da abolição. Não pude ir ao enterro, mas vou á missa, daqui a dias, e lá verei os restantes heroes, não todos, porque a vida levou alguns para a Europa, e a morte a outros para a sepultura.

Adeus, até breve. Não esqueça o seu admirador e

Velho amigo

MACHADO DE ASSIS

JOAQUIM NABUCO
Londres - 1901

NABUCO A MACHADO

52, Cornwall Gardens,
Queen's Gate. S. W.
28 de Janeiro 1901.

Meu caro Machado,

Muito agradeço sua lembrança de anno bom e bom seculo e retribuo suas cordiaes felicitações. Deus o conserve longos annos para termos alguem de quem justamente nos desvaneçamos. Sem V. sentir-se-hia ahi por muito tempo nas lettras o que os Inglezes sentem hoje sem a figura familiar da Rainha, (1) uma impressão de mau despertar e de mal acordado. Mando-lhe dos jornaes illustrados do dia o que me parece melhor.

Dê-me noticias da nossa Academia. Felicito-o por ter conseguido a casa. V. lembra-se da minha proposta que as 40 cadeiras tivessem insculpido o nome dos primeiros Academicos, que foram todos posthumos. Os Chins ennobrecem os antepassados, nós fizemos mais porque os creámos, ainda que n'isto não fossemos mais longe do que os nossos nobres de occasião muitas vezes têm ido.

O Lucio deve estar muito satisfeito com a installação da sua "Companhia" Dê-lhe muitas lembranças minhas.

Meus respeitos á sua Senhora, tambem minha Senhora, e creia-me seu muito dedicado, como immemorialmente sou,

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Morrera a Rainha Victoria a 23 de janeiro de 1901. Nabuco foi o ultimo representante diplomatico cujas credenciaes a velha soberana recebeu no Castello de Windsor em 13 de dezembro de 1900.

NABUCO A MACHADO

Londres, 12 de Novembro de 1901.

Meu caro Machado,

Uma palavra sómente para não me deixar esquecer. V. não precisa d'essas precauções. Estou muito contente de o ter agora todo em um volume, quero dizer, o poeta. ([1]) Quanta coisa ha, esculpida e cinzelada, n'essas paginas, que recorda as minhas primeiras admirações e enthusiasmos por V.! Obrigado pela preciosa offerta. *Ad perpetuitatem.*

Como vai a nossa Academia? Eu realmente penso que aos ausentes devia ser dado o direito de voto. Era mais honroso para os eleitos reunir o maior numero possivel de votos. V. V. estatuiriam o modo de enviarmos a nossa chapa, ou de poder alguem da Academia votar pelos ausentes. Não

haveria perigo de acta falsa nem de *phosphoros*. O procurador ao votar, por exemplo, por mim declararia que eu lhe escrevera (mostrando o documento) para votar por mim n'essa eleição no candidato F.. Talvez o voto dos ausentes devesse ser aberto e declarado. Quem são os candidatos ás duas cadeiras?

V. póde avaliar o meu sentimento pela morte do Rodolpho e do Eduardo. (2) O que V. escreveo sobre este foi tão justo e tão seu! (3) Ainda não lhe agradeci sua referencia a mim por occasião da ceremonia em memoria de Gonçalves Dias. (4) Que bella festa! Adeus meu caro Machado. Já me está custando estar tão longe.

Seu sempre

JOAQUIM NABUCO

---

(1) "Poesias"

(2) Rodolpho Dantas e Eduardo Prado morreram nesse mesmo anno. Aquelle em Pariz a 12 de setembro e Eduardo Prado em S. Paulo a 30 de agosto.

(3) Machado de Assis recolheu o seu juiso critico sobre Eduardo Prado ás "Reliquias de Casa Velha" pg. 147.

(4) Por occasião da installação da herma de Gonçalves Dias no Passeio Publico no dia 2 de junho de 1901, a Academia Brasileira realisou uma sessão solemne em que Olavo Bilac fez o elogio de Gonçalves Dias, seu patrono na Academia. São estas as palavras de Machado de Assis, presidente, e as de Medeiros e Albuquerque, secretario geral interino, que se referem a Joaquim Nabuco:

Machado de Assis: — "Quando em 1897 celebrámos a nossa primeira sessão inaugural, Joaquim Nabuco, entre outras bellas coisas, disse esta:

"Si a Academia florescer, os criticos deste fim de seculo terão razão em ver nisso milagre." Não sei o que pensaram os criticos daquelle fim de seculo, mas os do principio deste podem já ver alguma coisa menos commum. A Academia vive. Os poderes publicos, por uma lei votada e sancionada com tanta simpathia, concederam-lhe favores especiaes. Cumpre-nos agradecer-lhes cordialmente. Si o não fazemos em casa nossa, é só porque a escolha de um proprio nacional

ainda se não fixou, mas a Academia tem por si a lei e a boa vontade. Opportunamente estará aposentada de vez, e poderá então dispensar a magnifica hospedagem, que lhe dá agora o Gabinete Portuguez de Leitura."

Medeiros e Albuquerque: — "A substituição interina do nosso illustre secretario geral põe-me na contingencia de occupar a attenção desta assembléa, lendo o relatorio do movimento da Academia. Nunca a substituição me foi mais penosa. Não porque me dôa o amor proprio ferido, sentindo que todos hão de estar a evocar a bella figura eloquente de Joaquim Nabuco e a fazer uma comparação, que só póde ser esmagadora. O amor-proprio desapparece neste momento. O que ha apenas é ao contrario, que eu reclamo para mim ser nesta assembléa quem mais sente a desproporção entre o substituido e o substituto, e, por um desdobramento cerebral, emquanto profiro estas palavras mal alinhadas, lembro o que seria aqui a voz eloquente do dominador das multidões, que tanto soube outróra arrastar um povo inteiro á conquista da redempção para uma raça opprimida, como saberia hoje tornar-se persuasiva e harmoniosa para nos falar da arte e do bello."

NABUCO A MACHADO

Londres, 19 de Novembro de 1901.

Meu caro Machado,

Agora mesmo dizia eu: "Feliz o homem que pode escrever aos seus amigos uma carta por estação" A da primavera V. já teve e a do verão, agora vão n'uma a do outono e a do inverno.

Ha dias lembrei-me muito, com que saudade! dos jantares da *Revista.* ([1]) Pobre Taunay! Foi no banquete do Lord Mayor ao qual assistem 900... talheres. N'aquella

multidão desconhecida, asphyxiante, em que me sentia perdido, o que não teria eu dado para trocar tudo aquillo, Guildhall, Lord Salisbury, *loving cup, loyal toasts,* pelas nossas festas do Hotel dos Estrangeiros!

Não me creia alegre pelo estylo d'esta carta. Pelo contrario, meu caro Amigo, V. que conhece o pessimista sem levantar-lhe a mascara, terá reconhecido a saudade nostalgica, o "mal" do Brazil.

Como vai a nossa Academia? O Arinos escreve-me que é candidato e que os ausentes votam. ([2]) Desde quando? Como? Quem são os *seus* candidatos?

Muitas lembranças a todos que em nossas lettras se acolhem do seu lado e professam o lemma: *"Um só rebanho, um só pastor"*

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO

Vai esta com outra que eu lhe escrevera ha dias, mas que suppunha extraviada e que achei depois d'esta escripta. E' um Ante-Post-Scripto. Especie rara, rarissima.

---

(1) Machado de Assis celebrou esses jantares em suas chronicas da *Gazeta de Noticias.* Do primeiro escreve a 17 de maio de 1896:

"Era no bairro Carceller, ás sete horas da noite. Chego ao hotel do Globo. Subo ao segundo andar, onde acho já alguns homens. São convivas do primeiro jantar mensal da *Revista Brasileira.* O principal de todos, José Verissimo, chefe da *Revista* e do Gymnasio Nacional, recebe-me, como a todos, com aquella affabilidade natural que os seus amigos nunca viram desmentida um só minuto. Os demais convivas chegam um a um, a literatura, a politica, a medicina, a jurisprudencia, a armada, a administração... Sabe-se já que alguns não podem vir, mas virão depois, nos outros mezes.

Ao fim de poucos instantes, sentado á mesa, lembrou-me Platão; vi que o nosso chefe tratava não menos que de crear tambem uma Republica, mas com fundamentos praticos e reaes. O Carceller podia ser comparado, por uma hora, ao Pireu. Em vez das exposições, definições e demonstrações do philosopho, viamos que os partidos podiam comer juntos, fallar, pensar e rir, sem attritos, com iguaes sentimentos de justiça. Homens vindos de todos os lados, — desde o que mantem nos seus escriptos a confissão monarchica, até o que apostolou, em pleno imperio, o advento republicano — estavam ali placidos e concordes, como se nada os separasse.

Uma surpresa aguardava os convivas, lembrança do amphytrião. O cardapio (como se diz em lingua barbara) vinha encabeçado por duas epigraphes, nunca escriptas pelos autores, mas tão ajustadas ao modo de dizer e sentir, que elles a incluiram nos seus livros. Não é dizer pouco, em relação á primeira, que attribue a Renan esta palavra: "Celebrando a Paschoa, disse o encantador propheta da Galiléa: tolerai-vos uns aos outros; é o melhor caminho para chegardes a amar-vos..."

E todos se toleravam uns aos outros. Não se fallou de politica, a não ser alguma palavra sobre a fundação dos Estados, mas curta e leve. Tambem se não fallou de mulheres. O mais do tempo foi dado ás letras, ás artes, á poesia, á philosophia. Comeu-se quasi sem attenção. A comida era um pretexto. Assim voaram as horas, duas horas, deleitosas e breves. Uma das obrigações do jantar era não haver brindes; não os houve. Ao deixar a mesa tornei a lembrar-me de Platão, que acaba o livro proclamando a immortalidade da alma; nós acabavamos de proclamar a immortalidade da *Revista*."

E em 16 de agosto do mesmo anno:

"Entro a devanear. Tudo porque não me deixei ir pela poesia adiante. Pois vamos a ella, e comecemos pelo quarto jantar da *Revista Brasileira*, a que não faltou poesia nem alegria. A alegria, quando tanta gente anda a tremer pelas fallencias no fim do mez, é prova de que a *Revista* não tem entranhas ou só as tem para os seus banquetes. Ella póde responder, entretanto, que a unica fallencia que teme deveras é a do espirito. No dia em que meia duzia de homens não puderem trocar duas duzias de idéas, tudo está acabado, os philisteus tomarão conta da cidade e do mundo e repetirão uns aos outros a mesma exclamação daquelle de Heine: *Es ist heute eine schöne Witterung!* Mas emquanto o espirito não fallir, a *Revista* comerá os seus jantares mensaes até que venha o centesimo, que será de estrondo. Se eu me não achar entre os convivas, é que estarei morto; peço desde já aos sobreviventes que bebam á minha saude."

(2) Vaga de Eduardo Prado, cujo patrono era o Visconde do Rio Branco.

NABUCO A MACHADO

Brazilian Legation
London

Dez. 6 1901.

Meu caro Machado,

Ahi vai o meu voto. Dou-o ao Affonso Arinos por diversos motivos, sendo um d'elles ser a vaga do Eduardo Prado. Para a cadeira do Francisco de Castro eu votaria com prazer no Assis Brasil ([1]). Porque não reuniram as eleições n'um só dia? V. sabe que eu penso dever a Academia ter uma esphera mais lata do que a litteratura exclusivamente litteraria para ter maior influencia. Nós precisamos de um certo numero de *grands Seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo porque isso popularisa as lettras.

V. agora está meu devedor de muitas cartas. Eu lhe perdôo, porém, a divida. Escreva-me por todos os motivos, sabe o prazer que me dá sua lettra, mas não para responder. A resposta em cartas com differença de mezes é absurda. As cartas não devem viver tanto tempo assim.

Saudades a todos e creia-me sempre

Seu Velho Amigo e Velhissimo Admirador,

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Na realidade Affonso Arinos foi o substituto de Eduardo Prado, seu director no orgão monarchista "Commercio de S. Paulo", e a quem estava ligado pelo parentesco. Francisco de Castro foi substituido por Martins Junior.

MACHADO A NABUCO

Rio, 5 de Janeiro de 1902.

Meu querido Nabuco,

Vá esta, antes que V. deixe Londres, e primeiro que tudo deixe-me felicital-o por mais esta prova de confiança que recebe, assim do governo como do Brasil (1). A confiança explica-se pela necessidade de vencer; a espada devia ir a quem já mostrou saber brandil-a, e ainda uma vez o nome brasileiro repercutirá no exterior com honra.

Agora a felicitação pelo anno de 1902, que oxalá lhe seja feliz e prospero, como a todos os seus.

E por ultimo felicitações pela victoria do Affonso Arinos. Recebi o seu voto na vespera da eleição, como o do Graça, e ambos figuram na maioria dos 21 com que o candidato venceu. O Assis Brasil tambem era candidato, mas na hora da eleição o Lucio de Mendonça retirou a candidatura, em nome delle, e dahi algum debate, de que resultou ficar assentado por lei regimental que as candidaturas só possam ser retiradas por carta do autor até certo prazo antes da eleição. Note que todos ficamos com pezar da retirada. Como V. lembra era melhor que as duas eleições se fizessem no mesmo dia. Creio que assim a eleição do Assis Brasil seria

certa. O Martins Junior teve 2 votos, e parece que se apresenta outra vez. Tambem ouvi ante-hontem ao Valentim Magalhães que o Assis Brasil pode ser que se apresente de novo.

Agora mesmo estive relendo o seu discurso de entrada no Instituto, como tenho relido o mais do volume dos *Escriptos e Discursos Litterarios* que V. me enviou, e naturalmente saboreando as suas bellas paginas, ideias e estylo, e recordando os assumptos que passaram pela nossa vida ou pelo nosso tempo. Então vi que V. bem poderia responder ao Arinos, que entrou para a Academia, como homem de letras; ambos diriam do Eduardo Prado o que elle foi, com a elevação precisa e o conhecimento exacto da pessoa ([2]).

Adeus, meu caro Nabuco. A missão nova a que V. vae não lhe dará mais tempo do que ora tem para escrever aos amigos, mas V. sabe que um bilhete, duas linhas bastam para lembrar que tal coração guarda a memoria de quem ficou longe, e faz bater ao compasso da affeição antiga e dos dias passados. O passado (se o não li algures, faça de conta que a minha experiencia o diz agora) o passado é ainda a melhor parte do presente, — na minha idade, entenda-se. Eu ainda guardo da sua primeira viagem a Roma algumas reliquias que V. me deu aqui; — um pedaço dos muros primitivos da cidade, outro dos Rostros, outro das Thermas de Caracalla. Agora basta que eu ouça cá de longe o echo das suas victorias diplomaticas, e V. o dos nossos applausos e saudações. Adeus, meu caro Nabuco. Apezar da differença da idade, nós somos de um tempo em que trocavamos as nossas impressões litterarias e politicas, admirei seu pae, e fui intimo do nosso Si-

zenando, a quem V. acaba de offerecer tão piedosamente o seu livro.

Abrace de longe o

Ador. e amigo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Nabuco foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Missão Especial junto ao Rei da Italia, escolhido como arbitro para a questão de limites entre o Brasil e a Guyana Ingleza, em 30 de janeiro 1902.

(2) Affonso Arinos foi recebido por Olavo Bilac.

NABUCO A MACHADO

Londres, 26 de Janeiro 1902.

Meu caro Machado,

Acabo de receber sua dulcissima carta e como tenho agora *muito que fazer*, não posso adiar a resposta nem correr o risco de demoral-a. Assim vamos ao ponto: Estou ás suas ordens para escrever a resposta ao discurso do Arinos com algumas condições, porém. A primeira é que V. me dará tempo. A segunda que o Arinos me mandará o que o Eduardo escreveo; tenho tudo isso nos meus papeis e caixões, mas fóra de mão. Não preciso a collecção do *Commercio* de S. Paulo, mas os Fastos, a Illusão, Anchieta, as Viagens (mesmo a titulo de emprestimo), e o que mais notavel tenham publicado

os jornaes d'elle, o artigo sobre o Eça, por exemplo, conviria mandarem-me d'ahi.

A terceira é que o discurso do Arinos me seja remettido, isso é obvio, mas que depois d'elle corra o meu prazo pelo menos de *tres mezes*. Acceitando V. e elle tudo isso, está tomado o compromisso. Para mim trabalhos d'esses são uma distracção necessaria dos meus estudos da questão.

No caso de ser o Assis Brasil candidato agora na vaga do Francisco de Castro, vote por mim n'elle. Esta é minha cedula. Se fôr preciso, corte o nome acima que vai por minha mão e metta o retalho no enveloppe.

Quanta saudade me faz tudo isso! Não tenho outro desejo senão acabar o mais cedo possivel a minha tarefa e recolher-me á Academia. Será o meu Prytaneo.

Saudades a todos, especialmente ao grande Critico [1], e creia-me sempre meu caro Machado

Seu devotissimo

JOAQUIM NABUCO

(1) José Verissimo.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 24 Março 1902.

Meu caro Nabuco,

A sua carta de 26 de Janeiro, aqui chegada ha poucos dias, é a que se podia esperar de tão fino espirito. Entretanto,

parece que o plano não será adoptado. Achei amigo que, além de o não adoptar, pensa que encontrarei objecção da parte dos outros, por sair das praxes academicas. Em tal caso, meu caro Nabuco, resolvi não dar andamento á ideia, e dispor-me a ir a Athenas, sem ouvir Platão. Mas irei sequer a Athenas? A eleição do Arinos, que a desejava e pediu, foi brilhante, embora o Assis Brasil tivesse o apoio do Lucio de Mendonça. Logo que a eleição se fez, escrevi um bilhete particular de felicitação ao Arinos, e o Rodrigo Octavio fez a communicação official. Não recebi resposta nem o Rodrigo, e como o Arinos tinha ido ás aguas, podia ser desencontro. Disse ao Rodrigo que mandasse segunda via do officio, agora que elle estava de volta a S. Paulo, mas ainda não veiu resposta, e já ha tempo de sobra. Não comprehendo. Vou ver se o Garcia Redondo, que é da Academia, ou alguem que lá esteja proximo, me descobre a razão deste silencio.

O Assis Brasil esteve aqui de passagem, por dois ou tres dias, mas não lhe pude falar. Hei de procurar o Lucio e o Valentim, para saber se elle quer ser candidato. Cá fica o seu voto.

Adeus, meu caro Nabuco. Vá desculpando esta letra de velho, não tão velho que não possa ainda applaudir os seus bons e grandes serviços á Arte e ao Paiz. Muitas cousas ao Graça Aranha.

MACHADO DE ASSIS

GRAÇA ARANHA JOAQUIM NABUCO MAGALHÃES AZEREDO
Roma - 1904

NABUCO A MACHADO

Pau, 14 Fev. 1903.

Meu caro Machado,

Sómente para agradecer-lhe e retribuir os seus felizes votos. Estou a caminho de Roma, que talvez seja estação para o Rio de Janeiro, acabado o Arbitramento.

Como vae V. e todo o seu Patriarchado? Ha muito que não o leio, o que me parece indicar que V. se recolhe para alguma grande surpresa. Não sei porque tenho o presentimento que o seu mais bello livro está ainda inédito e que o seculo XX está para o roubar ao seculo XIX.

Recommende-me muito aos nossos amigos communs e dê-me de vez em quando noticias suas para Roma, onde V. vai ter agora um forte destacamento (1).

Meus respeitosos cumprimentos á sua Exma. Senhora e sempre seo, meu caro Machado,

Velho Admirador e Amigo

JOAQUIM NABUCO

P. S. — Proximamente os exemplares da minha Primeira Memoria serão expedidos para o Ministerio do Exterior. Irão primeiro os exemplares em francez e mais tarde os exemplares em portuguez. Desejo que V. tenha um destes; a collecção dos documentos, cinco volumes, segue com os exemplares

da Memoria em francez, (excepto para os colleccionadores, como o Verissimo e o Capistrano, eu julgo preferivel ter-se sómente a Memoria em portuguez). Além disso ha um Atlas. São ao todo 8 volumes, formando, porém, duplicata por causa da traducção. Veja se o Rio Branco o inscreve na lista para a memoria em portuguez, da qual lhe mandarei 200 exemplares. Diga o mesmo aos que V. saiba que estimariam ter o livro, como o Ramiz, o Verissimo, o João Ribeiro, o Rodrigo Octavio, porque assim terão a precedencia no pedido — e de outra forma poderiam ficar sem elle porque a distribuição tem que ser feita por bibliothecas, repartições officiaes, etc. Eu mesmo ainda não escrevi ao Rio Branco sobre essas remessas, de maneira que lhe dou a primeira noticia. Sei que V. gosta dellas. Inscreva-se portanto para a Memoria em portuguez. Deixe a Memoria em francez e os documentos ser distribuidos á vontade da Chancellaria. Supponho que V. está em excellentes relações com o nosso homem. As noticias do Acre estão chegando boas, e vejo que elle além de Chanceller se fez Commandante em chefe.

---

(1) Allusão aos tres amigos de Machado de Assis, que se iam reunir em Roma, Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Magalhães de Azeredo então secretario da legação do Brasil junto á Santa Sé.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 20 de Abril 1903.

Meu caro Nabuco,

Não vae cedo a resposta á sua carta, por uma razão, é que eu queria falar primeiro ao Rio Branco, ácerca da inscripção de alguns nomes (entre elles o meu, a quem V. confiou a commissão), para a distribuição de exemplares da *Primeira Memoria*. Falei-lhe; elle proprio me indicou tambem o de Sylvio Roméro, dizendo-me que lhe remettesse para Petropolis a lista dos beneficiados. Assim fiz, e por esse lado estamos promptos. Não esqueci a Academia, e se alguem apparecer mais que *deva* receber um exemplar, escreverei ao nosso Chanceller.

Está V. em Roma, donde recebi o cartão postal com a galante lembrança dos "meus tres cardeaes" (1). Tres são, para receberem a minha benção, mas é de velho cura de aldea, e sinto não estar lá tambem, pizando a terra amassada de tantos seculos de historia do mundo. Eu, meu caro Nabuco, tenho ainda aquelle gesto da mocidade, á qual os poetas romanticos ensinaram a amar a Italia; amor platonico e remoto, já agora lembrança apenas.

Lá está V. para ganhar a victoria que todos esperamos, e será mais um louro para a mascula cabeça daquelle que eu vi adolescente, esperanças do venerando pae.

Voltando á *Primeira Memoria*, agradeço-lhe o exemplar que ahi virá brevemente. Os nossos amigos, a quem noticiei

a boa nova, ficaram egualmente agradecidos. Peço-lhe que reparta as saudades que lhe mando com os nossos amigos Graça Aranha e Magalhães Azeredo; com este passei aqui muitas horas longas. O Graça vive debaixo dos nossos olhos, com a edição nova da *Chanaan*, em casa do Garnier. Apresente os meus respeitos a sua Exma. Senhora, e receba um abraço do

Velho amigo e adr.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) O grupo photographico de Nabuco, Graça Aranha e Magalhães de Azeredo.

NABUCO A MACHADO

Challes, 18 Ag. 1903.

Meu caro Machado,

Meu voto é pelo Jaceguay, caso elle se tenha apresentado. Se o Quintino se apresentar, será do Quintino, pela razão que dou na carta inclusa quanto aos da Velha geração. Não creio que o Jaceguay se apresente contra o Quintino. N'esse caso V. explicaria a este o meu compromisso; a minha idéa sobre a representação da Marinha, que mesmo a elle não deve ceder o passo; a minha animação ao Motta [1] dizendo-lhe que desde a fundação eu pensei que homens como elle, Lafayette,

Ferreira Vianna, Ramiz Galvão, Capistrano (2) e os outros que V. sabe deviam ser dos que têm a honra de ser presididos por Machado de Assis. (Vejo que V. presidio ao Presidente no outro dia. Isto lhe devia ter causado prazer. O discurso do Oliveira Lima esteve excellente; o que elle disse menoscabando a diplomacia e a cozinha franceza, [as duas coisas de que elle mais gosta, a terceira, V. sabe, é fazer livros], foi naturalmente para a galeria. O Salvador manteve as tradições academicas, não deixando sem retribuição em bôa moeda portugueza, e manuelina, a hospitalidade portugueza. E' singular que a Academia de Letras Brazileira precise do agazalho do Gabinete Portuguez de Leitura. Nem n'isso faremos a nossa independencia litteraria?!)

No caso de não haver candidatura Jaceguay, á qual eu daria o meu voto no Conclave, quando mesmo elle quizesse ter esse voto unico (unico parece não seria, pelo que me disse o Graça Aranha), nem candidatura Quintino... (O Quintino, V. sabe, esteve sempre associado para mim com V.; eram segundo me lembro, o Castor e Pollux dos meus quatorze annos, por volta de 1863, e o brilho do talento d'elle foi muito grande. Como todas as que se desindividualizam, ou despersonalizam, para se tornarem coisa publica, propriedade das massas, materia demagogica, podemos dizer, o diamante n'elle desappareceo no cascalho, e desde a Republica ainda não lhe li uma pagina, nem sequer uma phrase, que me lembrasse o antigo escriptor. Mas ainda assim pelo seu passado, elle tem direito á nossa homenagem, e não ha duvida que mesmo hoje lhe bastaria (sei que isto lhe é impossivel, mas só isto) sacudir os andrajos politicos para mostrar o velho paladino intemerato, com aquelle gladio archanjelesco, tão nosso conhecido. Ou

estarei eu enganado? O Salvador pareceo-me sem sopro, ainda que sempre epigrammatico, o que é signal de vitalidade e poder creador em litteratura, 1.ª V., que é o mestre no epigramma, sabe que emquanto os póde compôr, o escriptor não decahio, 2.º ainda que não se sinta o mesmo illimitadamente. Isto seria uma tolice applicada a V. mesmo, não me creia, eu mesmo, tão decahido que tivesse podido unir mentalmente os dois membros da phrase, que agora vou numerar e separar com tinta encarnada. V. sabe d'isso, mas não por si, que, Deus louvado, é ainda illimitadamente a nossa gloria, e o nosso mestre. Explico-me sómente por que sei que V. é desconfiado e modesto.

No caso de não haver candidatura Quintino, nem Jaceguay, o meu voto será pelo Euclydes da Cunha, a quem peço que então V. faça chegar a carta inclusa. Se o Jaceguay nos frequenta ainda, mostre-lhe o que digo d'elle n'essa carta ao Euclydes.

Estou muito cançado. Desta vez em 6 mezes darei 6 vol. para juntar aos 8 da primeira Memoria. Fico assim em 14. Em Dezembro darei mais, 2, 16. E' um *record*, uma bibliotheca de *infolio* em um anno. A memoria já está ahi nà Secretaria. Os meus amigos e os que se interessam pelo assumpto devem recorrer ao Rio Branco.

Muitas saudades a todos sob o seu annel, meu caro Machado, e creia-me sempre seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Arthur Silveira da Motta, Barão de Jaceguay.

(2) Quintino Bocayuva, Ferreira Vianna, Capistrano de Abreu, Ferreira de Araujo, José Carlos Rodrigues, lembrados, sempre se

recusaram fazer parte da Academia. Lafayette foi o substituto de Machado de Assis. Ramiz Galvão apresentou-se á vaga do Barão do Rio Branco, tendo sido eleito Lauro Müller, tambem successor deste no Ministerio das Relações Exteriores.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 7 de Out. de 1903.

Meu caro Nabuco,

Demorei uns dias esta resposta para que fosse completa, isto é, contendo alguma cousa á cerca da sua Memoria. Ha tempo falei ao Rio Branco, e não ha muitos dias ao Domicio; ultimamente fui á Secretaria do Exterior, onde soube pelo Pecegueiro que se estava completando um trabalho, depois do qual se fariam as remessas ou entregas. O meu nome está na lista dos contemplados. Não sendo já esta semana, prefiro escrever-lhe uma carta de agradecimento a esperar.

Tambem agradeço o ultimo retrato de Leão XIII, com a curva da idade e os versos latinos. Outrosim, o cartão postal com o sello de séde vacante. Não tenho collecção de sellos, mas este vale por uma e cá fica. Mandar lembranças a um velho é consolal-o dos tempos que não querem ficar tambem.

Do que V. me diz naquelle, já ha de saber que nada se fez. O prazo findára. Já deve saber que o Euclydes da Cunha foi escolhido, tendo o seu voto, que communiquei á assembléa. Não se tendo apresentado o Jaceguay nem o Quintino, o seu voto recaiu, como me disse, no Euclydes. Mandei a este a carta

que V. lhe escreveu. A eleição foi objecto de grande curiosidade, não só dos academicos, mas de escriptores e ainda do publico, a julgar pelas conversações que tive com algumas pessoas. Mostrei ao Jaceguay a parte que lhe concernia na sua carta. Espero que elle se apresente em outra vaga, não que m'o dissesse, mas pela sympathia que sabe inspirar a nós todos, e terá augmentado com a intervenção que V. francamente tomou.

A recepção do Euclydes não se fará ainda este anno. Já ha dous eleitos, que estão por tomar posse, o Augusto de Lima, (1) de Minas Geraes, e o Martins Junior, de Pernambuco. Não é esta a razão; as entradas se farão á medida que estiverem promptos os discursos, e é possivel que o Euclydes se prepare desde já. Responder-lhe-ha o Affonso Arinos. (2) A recepção deste foi muito brilhante; respondeu-lhe o Olavo Bilac.

A Academia parece que emfim vae ter casa. Não sei se V. se lembra do edificio começado a construir no largo da Lapa, ao pé do mar e do Passeio. Era para a Maternidade. Como, porem, fosse resolvido adquirir outro, nas Laranjeiras, onde ha pouco aquelle instituto foi inaugurado, a primeira obra ficou parada e sem destino. O Governo resolveu concluil-o e metter nelle algumas instituições. Falei sobre isso, ha tempos, com o Ministro do Interior, que me não respondeu definitivamente ácerca da Academia; mas ha duas semanas soube que a nossa Academia tambem seria alojada, e hontem fui procurado pelo engenheiro daquelle Ministerio. Soube por este que a nossa, a Academia de Medicina, o Instituto Historico e o dos Advogados ficarão alli. Fui com elle ver o edificio e a ala que se nos destina, e onde ha logar para as sessões or-

dinarias e bibliotheca. Haverá um salão para as sessões de recepção e commum ás outras associações para as suas sessões solemnes.

Seguramente era melhor dispor a Academia Brasileira de um só predio, mas não é possivel agora, e mais vale aceitar com praser o que se nos offerece e parece bom. Outra geração fará melhor. ([3])

Interrompo-me aqui para não demorar mais a resposta, ainda que vá completa do que ha, mas a materia com V. é sempre renascente. Demais, o prazer que traz a certeza de que me lê um amigo dá vontade de continuar. Vá desde já o abraço do costume, em quanto o permittem estes velhos ossos do

Velho am.º e gr. ad.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Augusto de Lima substituiu Urbano Duarte.

(2) Euclydes da Cunha foi recebido por Sylvio Roméro.

(3) Vinte annos depois a Academia Brasileira foi installada definitivamente, em predio proprio, pela mão da França.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1904.

Meu caro Nabuco,

Já, com amigos communs, lhe mandei os meus cumprimentos; o mesmo com a nossa Academia. Agora pessoalmente

vão estas poucas linhas levar-lhe o cordial abraço do amigo, do patricio e do admirador.

Aqui esperavamos, desde muito, a solução do arbitro. [1] Conheciamos a capacidade e a força do nosso advogado, a sua tenacidade e grande cultura, o amor certo e provado a este paiz. Tudo isso foi agora empregado, e o trabalho que vale por si, como a gloria de o haver feito e perfeito, não perdeu nem perde uma linha do que lhe custou e nos ennobrecerá a todos. Esta foi a manifestação da imprensa e dos homens, politicos e outros.

Quizera dizer-lhe de viva voz estas palavras, mas creio que não voltará cá por ora, seguindo dahi para Londres, e pela minha parte não irei lá. Já não é tempo para os meus annos compridos, natural fadiga, alem de outras razões que impedem este passo que considero de gigante. Mas, ainda que de longe, terei o gosto de vel-o continuar a honrar esse nome, duas vezes seu, pelo pae que tanto fulgiu outr'ora, e por si. Você escreveu a vida de um, alguem escreverá um dia a do outro, e nella entrará o nobre capitulo que acaba de fechar.

Agradeço-lhe as lembranças ultimas que tem tido de mim, especialmente a derradeira, mandada das ruinas do theatro grego [2] e de uma de suas vistas. Assim me deu, com lembrança de amigo, o aspecto de cousas que levantam o espirito, cá de longe, e fazem gemer duas vezes pela distancia no tempo e no espaço.

A nossa Academia Brasileira tem já o seu aposento, como deve saber. Não é separado, como quizeramos; faz parte de um grande edificio, dado a diversos institutos. Um destes a Academia de Medicina, já tomou posse da parte que lhe cabe, e fez a sua inauguração em sala que deve ser commum ás ses-

sões solemnes. Não recebi ainda officialmente a nossa parte, espero-a por dias.

Adeus, meu caro Nabuco. Acceite ainda uma vez a affirmação do particular affecto do

Velho amigo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) A Sentença sobre os limites do Brasil com a Guyana Ingleza foi pronunciada pelo Rei da Italia a 14 de junho de 1904. Na impossibilidade de resolver o direito das duas Nações, o arbitro, exorbitando das suas attribuições, dividiu entre ellas o territorio. O Govero brasileiro havia recusado proposta mais vantajosa da Inglaterra.

(2) Ruinas de Taormina, na Sicilia.

NABUCO A MACHADO

Londres, 8 de Outubro 1904.

Meu caro Machado,

Ha tempos recebi a sua bôa carta sobre a Sentença, carta verdadeiramente primorosa e uma das que mais vezes hei de reler, quando tiver tempo para voltar ao passado e viver a vida das recordações. Por emquanto sou um escravo da actualidade que passa, e cada dia a tarefa que ella me dá parece calculada para me impedir de olhar para os lados, para o passado e para o futuro. Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolencia a do seu espirito, eu ia dizendo que beatitude! V. póde cultivar a vesicula do fel para a sua philosophia so-

cial, em seus romances, mas suas cartas o traem, V. não é sómente um homem feliz, vive na beatitude, como convem a um Papa, e Papa de uma epoca de fé, como a que hoje ahi se tem na Academia. Agora não vá dizer que o offendi e o accusei de hypocrisia, chamando-o de feliz.

A proposito de Papa vou contar-lhe um sonho que tive ha tempos. Via-me em Roma, no Vaticano, e quando me approximei do throno estava n'elle uma Mulher, com rosto de Madonna, cercada dos Cardeaes em toda pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar á Papisa, perguntei-lhe como a devia chamar, e ella respondeo-me: "Chame-me Vossa Dôr" Vossa Dôr! Não seria um tratamento mais suggestivo para a encarnação da Igreja do que Vossa Santidade, ou Vossa Beatitude? Para a encarnação viva de qualquer ideal? Não é da Igreja a mais bella das imagens sobre o nosso mundo: "Este valle de lagrimas?" Confesso-lhe que, accordado, nunca me teria occorrido semelhante resposta: "Chame-me Vossa Dôr".

Quer eu deva tambem chamal-o Vossa Beatitude ou Vossa Dôr, acceite, meu caro Amigo, meus sinceros agradecimentos pelas bondades largamente derramadas em sua carta. Não estou certo de que não teriamos perdido tudo sem o esforço que fiz para colligir e deduzir a nossa prova, e por isso me vou desvanecendo de ter reivindicado a melhor parte para nós da divisão feita pelo Arbitro. Não foi uma partida vencida, foi uma partida empatada, e isto, quando o outro jogador era a Inglaterra, é por certo meia victoria. V. um dia ouvirá mais sobre este assumpto.

E a nova eleição? Não fallo da eleição do futuro Presidente, da qual parece já se estar tratando ahi, mas da eleição

do novo Academico. O Bandeira escreveo-me e eu teria prazer em dar-lhe o meu voto, mas o meu voto é seu, V. ahi é quem vota por mim. Eu pensei que o Jaceguay d'esta vez se apresentaria. Elle, porem, achou mais facil passar Humaytá do que as baterias encobertas do nosso reducto. Quaes são essas baterias? A do Garnier lhe daria uma salva de. quantos tiros? Onde estão as outras? Eu nada sei, mas se elle fôr candidato, meu voto é d'elle, pela razão que fui eu quem lhe suggeri o anno passado a idéa. V. terá uma carta minha dizendo que elle não se apresentaria contra o Quintino. Não sei porque o Quintino não foi membro fundador. Eu seguramente estranhei essa anomalia na Revista, anomalia tanto maior quanto o nosso creador era grande enthusiasta do Quintino. Agora a entrada do Quintino não tem mais razão de ser, porque pareceria que elle adquirio titulo depois da fundação, quando o tinha antes de quasi todos os fundadores. A exclusão d'elle é pois um facto consummado, como seria a do Ferreira de Araujo, se vivesse, como é a do Ramiz, a do Capistrano, que não quizeram. Se o Quintino não recusou, suppõe-se que recusou, fica assentado que recusou. Podemos declaral-o; não podemos confessar que o esquecemos. Se entretanto, elle se apresentar, julgo melhor esperar outra vaga para a combinação e eleger dois ao mesmo tempo. Eu acho bom dilatar sempre o prazo das eleições, porque no intervallo ou morre algum dos candidatos mais difficeis de preterir, ou ha outra vaga. A minha theoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do paiz. A Academia formou-se de homens na maior parte novos, é preciso agora graduar o accesso. Os novos podem esperar, ganham em esperar, entrarão depois por acclamação, em vez de entrarem agora por sympathias pessoaes ou por serem

de alguma coterie. A Marinha não está representada no nosso gremio, nem o Exercito, nem o Clero, nem as Artes, é preciso introduzir as notabilidades d'essas vocações que tambem cultivem as lettras. E as grandes individualidades tambem. Assim o J. C. Rodrigues, o redactor do "Novo Mundo" o chefe do "Jornal do Commercio" que n'este momento está collecionando uma grande livraria relativa ao Brazil, e o nosso Carvalho Monteiro, de Lisbôa? A este, o Mecenas, V. poderia dar o voto de Horacio. E' verdade que V. é Horacio, mas que elle nada lhe deo, ainda assim V. consagrava o typo de Mecenas. Etc., etc., etc. Com o Jaceguay entrava a gloria para a Academia. E' verdade que elle nenhuma affinidade tinha com o Martins Junior, mas a cadeira ainda está vaga — é a cadeira de Taunay, e patrono Octaviano, e d'esses dois o Jaceguay seria o substituto indicado por elles mesmos.

Nas minhas cartas V. achará o compromisso que tomei para a eleição do Assis Brasil. Não sei se este será candidato. Não o será sem o seu concurso, V. então decida por mim sem prejuizo do Jaceguay. Em uma palavra, V. é o guarda da minha consciencia litteraria, ausente do prelio como me acho.

V. comprehenderá agora porque tardei tanto em responder-lhe, era-me preciso escrever uma nova Memoria, e tenho horror hoje ás Memorias. Estou nos ultimos dias do Graça Aranha comnosco. Por maior que seja o vazio que elle vai deixar, não quizera prolongar a anciedade de Vocês todos ahi depois de uma separação de mais de cinco annos. Vai haver lagrimas de alegria ahi; eu estou cá e lá. Trouxe-o desconhecido do paiz, restituo-o glorioso, (1) esperando que todos terão o mesmo orgulho d'elle ahi que eu tenho, a mesma certeza que d'ora em deante elle é quem mais póde fazer pelo brilho e nome

das nossas lettras. Elle o apresentará a um grande amigo que eu novamente tenho ahi, o Ministro Russo, Conde Prozor, traductor de Ibsen. A Condessa Prozor é tambem uma intellectual da primeira ordem.

Adeus, meu caro Amigo, muitas saudades a todos, da nossa pequena roda e um affectuosissimo abraço do todo seu

JOAQUIM NABUCO

---

(1) *Chanaan* fora publicado em 1902.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 20 de Nov. 1904.

Meu caro Nabuco,

Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a noticia da minha grande desgraça, [1] e Você expressou logo a sua simpathia por um telegramma. A unica palavra com que lhe agradeci [2] é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ella, ouvil-a, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 annos de casados tinha commigo; mas não ha imaginação que não accorde, e a vigilia augmenta a falta da pessoa amada. Eramos velhos, e eu contava morrer antes della, o que seria um grande favor; primeiro porque não acha-

ria a ninguem que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ella deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preoccupações do espirito e na propria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou á beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordal-a. Irei vel-a, ella me esperará.

Não posso, meu caro amigo, responder agora á sua carta de 8 de Outubro; recebi-a dias depois do fallecimento de minha mulher, e Você comprehende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convem ao assumpto daquella carta, que, pelo affecto e sinceridade, chegou á hora dos melhores remedios. Aceite este abraço do triste amigo velho

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Carolina Machado de Assis fallecera a 20 de outubro de 1904. Machado de Assis exprimiu a sua grande dor no celebrado soneto:

"Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descanças dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro
Que a despeito de toda a humana lida
Fez a nossa existencia appetecida
E num recanto poz o mundo inteiro.

Trago-te flores, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos."

(2) "Obrigado"

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 6 de Dezembro de 1904.

Meu caro Nabuco,

Quando ia responder á sua carta de 8 de Outubro, aqui chegada depois da morte da minha querida Carolina, trouxe-me o correio outra de 17 de Novembro, a respeito desta catastrophe. (1) A nova carta veiu com palavras de animação, quaes poderiam ser ditas por V., tão altas, cabaes e verdadeiras. Ha só um ponto, meu grande amigo; é que as lê e relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo. Farei o que puder para obedecer ao preceito da amizade e da bondade. Ainda uma vez, obrigado!

Indo á carta anterior dir-lhe-hei que a inscripção para a Academia terminou a 30 de Novembro, e os candidatos são o Osorio Duque-Estrada, o Vicente de Carvalho e o Souza Bandeira. (2) A candidatura do Jaceguay não appareceu; tive mesmo occasião de ouvir a este que se não apresentaria. Quanto ao Quintino, não falou a ninguem. A sua theoria das superioridades é boa; os nomes citados são dignos, elles é que

parecem recuar. Estou de accordo com o que V. me escreve ácerca de Assis Brasil, mas tambem este não se apresentou. A eleição, entre os inscriptos, tem de ser feita na primeira quinzena de Fevereiro. Estou prompto a servir a V., como guarda da consciencia litteraria, por mais bisonho que possa ser. Ha tempo para receber as suas ordens e a sua cedula.

Adeus, meu caro amigo. Tenho estado com o nosso Graça Aranha, que trata de estabelecer casa em Petropolis, onde vae trabalhar official e literariamente; ouvi falar de outro livro, que, para ser bello, não precisa mais que a filiação de *Chanaan*. O Verissimo está de ha muito restaurado. Eu, se reviver do grande golpe, não o deverei menos a V. e ás suas bellas palavras, para o unico fim de resistir; não é que a vida em si me valha muito. Releve-me a insistencia, e receba um abraço amantissimo do

Am.º velho

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Não foi possivel encontrar-se esta carta de Joaquim Nabuco.
(2) Foi eleito Souza Bandeira para a vaga de Martins Junior.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro 1904.

Meu caro Nabuco,

Não se admire se esta carta repetir alguma resposta já dada, tal é a confusão do meu espirito depois da desgraça

que me abateu. Fiquei de lhe responder especialmente sobre a eleição da Academia; é o que vou fazer. Se já o fiz, não se perde nada.

Os candidatos são apenas tres, Osorio Duque-Estrada, Vicente de Carvalho e João Bandeira. Não se apresentou o Jaceguay; perguntei-lhe dentro do prazo o que cuidava fazer, disse-me que não se apresentaria. Os outros nomes citados por V. merecem as reflexões que os acompanham, e tenho que o seu plano no modo de ir recompondo o pessoal academico é acertado. Mas é preciso que as candidaturas venham de si mesmas, (1) em vez de se deixarem quietas, como estão. Desta vez, com a casa nova e a quantia votada no orçamento para a mobilia (pende ainda do senado o orçamento) sempre cuidei que os candidatos seriam mais numerosos. Parece-me que alguns não supportam a ideia da não eleição, como se fosse um desaire. V. sabe que não ha desaire; a escolha de um nome pode ser explicada por circumstancias, alem do valor pessoal do candidato. O preterido não perde nada; ao contrario, fica uma especie de divida por parte da Academia que não fará parar á porta esquecido quem já tiver direito de occupar cá dentro uma cadeira.

Ha tempo para vir o seu voto, e estou prompto a recebel-o; se quizer que eu escreva a cedula, posso ser seu secretario. Basta indicar o nome. Ja lhe citei os tres, Bandeira, Osorio e Vicente de Carvalho. Pelo que me disse na carta de 8 de Outubro, o Bandeira escreveu-lhe, e teria prazer em adoptal-o, se não fossem as razões, que aliás desappareceram. Aqui estou para tudo o que V. mandar; aproveite emquanto ha algumas forças restantes; não tardará muito que ellas se vão e fique só um triste esqueleto de vontade.

Hontem á noite estiveram aqui em casa o nosso Graça e sua Senhora, falamos de V., de litteratura e de viagens. Sobem daqui a dous dias para Petropolis, onde o Graça vae funccionar na commissão do Acre. O Verissimo está restabelecido.

Quero pedir-lhe uma cousa, se é possivel, — mandar-me alguma das suas photographias ultimas.

Não vi ainda o conde Prozor, ministro da Russia, de quem fallamos hontem com referencia á carta de 8 de Outubro. Se tivessemos agora recepção na Academia, eu quizera obter do Conde a fineza de vir a ella com a Condessa, mas o Euclydes da Cunha, que devia tomar posse, fel-o por carta ao Secretario, e embarca amanhã para o alto Purús, onde vae occupar um logar de chefe de commissão.

Adeus, meu caro Nabuco, continue a não esquecer e dispor do

Velho am.º affectmo.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Alguns escriptores ou homens intellectuaes eminentes deixaram de apresentar-se a Academia por timidez ou orgulho. Foi suggerida a idéa da apresentação ser feita por qualquer membro da Academia, dispensada assim a "carta" do candidato. Machado de Assis sempre se oppoz a esta modificação dos usos academicos, porque não confiáva na calma de espirito dos derrotados, "que, dizia elle, viriam pelos jornaes ridicularisando a Academia e gritando que jamais foram candidatos e terem sido victimas de amigos indiscretos. A "carta" é um documento indispensavel do acto da vontade do candidato, e a homenagem necessaria á Academia."

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1905.

Meu caro Embaixador,

Deixe-me dar-lhe o titulo que já corre impresso. (1) O *Jornal do Commercio* foi o primeiro que publicou a noticia com a discrição e segurança do costume. Hoje leio que o ministro americano Thompson já está nomeado desde hontem.

Não é preciso dizer-lhe o effeito que a noticia produziu aqui. Todos a applaudiram, e os seus amigos juntamos ao applauso geral aquelle sentimento particular que V. ganhou e possue em nossos corações. Começa V a historia desta nova phase da nossa vida diplomatica.

Releve-me, meu caro Nabuco, estas poucas linhas em momento que pedia muitas. Accordei um pouco enfermo, e, se não fraquear no proposito de calar, só confiarei a noticia a V., porque, apesar do mal-estar, vou para o meu officio. Receba um forte abraço, tão longo como a distancia que nos separa. V. sabe que é sincero este meu gosto de o ver levantado pelo nosso Brasil até onde merece a sua capacidade. Peço-lhe que apresente os meus respeitosos cumprimentos á ditosa e digna Embaixatriz, e continue a amizade de que ha dado tantas e tocantes provas ao

Velho amigo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Fora creada a Embaixada do Brasil em Washington e Joaquim Nabuco nomeado embaixador em 14 de janeiro de 1905.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 24 de Junho de 1905.

Meu querido Nabuco,

Deixe-me agradecer-lhe a photographia e a lembrança. Aquella é soberba, e esta é doce ao meu coração, já agora despojado da vida. Consolam-me ainda memorias de amigo, meu querido Nabuco. Esta aqui fica na minha sala, com as de outros intimos.

Já aqui lemos a noticia da recepção da embaixada e o discurso do embaixador. Foi o que se devia esperar, na altura do cargo, dos dous paizes e do orador amado e admirado de nós todos. Cabe-lhe um legitimo papel na historia das nossas relações internacionaes, e agora especialmente americanas. E' um desses casos em que o governo acerta nomeando o nomeado da opinião, sem perder por isso a gloria do acto.

Nós cá vamos andando. A Academia elegeu o seu escolhido, o Souza Bandeira, que talvez seja recebido em Julho ou Agosto, respondendo-lhe o Graça Aranha. A cerimonia será na casa nova e propria, entre os moveis que o ministro do Interior, o Seabra, mandou dar-nos. Vamos ter eleição nova para a vaga do Patrocinio. Até agora só ha dous candidatos, o padre Severiano de Rezende e o Domingos Olympio. (1)

Adeus, meu querido Nabuco. Disponha sempre deste velho e triste amigo, que o conheceu adolescente e teve a boa

fortuna de lhe ouvir as primeiras palavras, que fizeram adivinhar o homem brilhante e grave que viria a ser um dia. Adeus, saudades do Am.º de sempre

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Inscreveu-se posteriormente Mario de Alencar, que foi eleito.

NABUCO A MACHADO

Brazilian Embassy
Jackson, N. H.
28-7-05.

Meu caro Machado,

Acho-me n'este momento nas Montanhas Brancas, descançando, isto é, mudando de trabalho. Cá recebi a sua bôa carta, e lhe agradeço cada palavra d'ella. V. sabe como as peso e torno a pesar em balanças a que nenhuma intenção sua escapa. Este logar é delicioso. Habito um cottage á beira de um pequeno rio encachoeirado sobre o qual tenho uma varanda. Está commigo o Velloso, [1] e os dias passam-se do modo o mais rapido sem fazermos nada, rapido de mais. Sem fazer nada é um modo de dizer, tenho grande correspondencia, a leitura dos jornaes que n'este paiz é uma tarefa séria, e quero ver se dou um livro.

O meu voto para a vaga do Patrocinio é para o Jaceguay. Acho que elle deve apresentar-se. Não comprehendo que elle que não teve medo de passar Humaytá o tenha de atravessar a praia da Lapa. Se elle não fôr candidato e o Arthur Orlando o fôr, votarei n'este. Seria lastimavel se as candidaturas as mais brilhantes que em nosso paiz possam surgir, como essas, recuarem deante de qualquer suspeita de haver na Academia grupos formados, e fechados. Devemos tornal-a *nacional*.

Adeus, meu caro Machado.

Do seu mto. saudoso amigo e discipulo affmo.

JOAQUIM NABUCO

Que saudades meu caro Machado, do nosso querido grupo (esse não é fechado) e de cada um dos seus intimos do Garnier! Dê-lhes um apertado abraço por mim.

---

(1) A. Velloso Rebello, Secretario da Embaixada.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1905.

Meu caro Nabuco,

Escrevo algumas horas depois do seu acto de grande amigo.(1) Em qualquer quadra da minha vida elle me com-

moveria profundamente; nesta em que vou a commoção foi muito maior. V. deu bem a entender, com a arte fina e substanciosa do seu estylo, a palmeira solitaria a que vinha o galho do poeta.

O que a Academia, a seu conselho, me fez hontem, basta de sobra a compensar os esforços da minha vida inteira; eu lhe agradeço haver-se lembrado de mim tão longe e tão generosamente.

O Graça desempenhou a incumbencia com as boas palavras que V. receberá. Antes delle o Rodrigo Octavio leu a sua carta deante da sala cheia e curiosa. Ao Graça seguiram com versos de amigo o Alberto de Oliveira e o Salvador de Mendonça.

A recepção do Bandeira esteve brilhante. Lá verá o excellente discurso do novo academico. Respondendo-lhe, o Graça mostrou-se pensador, farto de ideias, expressas em fórma animada e rica. A Academia está, emfim, aposentada e alfaiada; resta-lhe viver.

Adeus, meu querido am.º, ainda uma vez obrigado. Acceite um apertado abraço do

Velho amigo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Joaquim Nabuco colhera um ramo do Carvalho de Tasso, no Convento de Santo Onofre, no Janiculo, em Roma, e o mandara por intermedio de Graça Aranha para ser offerecido pela Academia a Machado de Assis. A sessão solemne da entrega dessa lembrança coincidiu com a de recepção de Souza Bandeira na noite de 11 de agosto de 1905.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1905.

Meu caro Nabuco,

Recebi a sua carta escripta das Montanhas Brancas. Ha dias escrevi-lhe uma agradecendo a generosa e affectuosa lembrança do carvalho de Tasso. A "Renascença" reproduziu a sua carta e a do syndaco de Roma, (1) e deu as palavras do Graça e os versos do Salvador de Mendonça e do Alberto de Oliveira. Lá verá como o nosso Graça correspondeu á indicação que lhe fez, dizendo-me cousas vindas do coração de ambos.

Os nossos amigos da Academia, ao par daquella fineza, quizeram fazer-me outra, pôr o meu retrato na sala das sessões, e confiaram a obra ao pincel de Henrique Bernardelli; está prompto, e vae primeiro á exposição da Escola Nacional das Bellas Artes. O artista reproduziu o galho sobre uns livros que metteu na tela. Todos me tem acostumado á benevolencia. Valha esta consolação á amargura da minha velhice.

Sobre o voto da Academia recebi as suas indicações, não podendo cumpril-as por não ser candidato o Jaceguay nem o Arthur Orlando. Já lá ha de saber que os candidatos são o padre Rezende, o Domingos Olympio e o Mario de Alencar. Na Academia não ha nem deve haver grupos fechados.

Venha o livro que medita; (2) é preciso que o embaixador não faça descançar o escriptor; ambos são necessarios á nossa

affirmação nacional. Dei aos amigos as lembranças que lhes mandou, e elles lh'as retribuem. As minhas saudades são as que V. sabe, nascem da distancia e do tempo. Ainda agora achei um bilhete seu convidando-me á reunião da Rua da Princeza para fundar a Sociedade Abolicionista; é de 6 de Setembro de 1880. ([3]) Quanta cousa passada! quanta gente morta! Sobrevivem corações que, como o seu, sabem amar e merecem amor. Adeus, meu caro Nabuco, não esqueça

O velho am.º, adm.' e companheiro

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Esta certifica a authenticidade do galho do carvalho.

(2) O livro que Nabuco então preparava, *Pensées Detachées et Souvenirs*, foi publicado em 1906.

(3) Na rua Bella da Princesa, hoje Corrêa Dutra, no Flamengo, era a casa, onde vivera e morrêra o senador Nabuco.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 30 de Setembro 1905.

Meu caro Nabuco,

Aqui tenho a sua carta datada das Montanhas Brancas, onde foi descançar algum tempo fazendo outra cousa. Diz-me que o logar é delicioso e fala-me da rapidez dos dias. Tudo merece, meu caro Nabuco, e nós não merecemos menos o livro que promette nesta phrase: "Quero ver se dou um livro". Venha

elle; é preciso que descance em um livro, seja qual fôr o objecto; trará a mesma roupagem nossa conhecida e amada.

A carta dá-me a indicação do seu voto no Jaceguay para a vaga do Patrocinio. O Jaceguay merece bem a escolha da Academia, mas elle não se apresentou, e, segundo lhe ouvi, não quer apresentar-se. Creio até que lhe escreveu nesse sentido. Ignoro a razão, e aliás concordo em que elle deve fazer parte do nosso gremio. O Arthur Orlando tambem não se apresentou. Os candidatos são os que ja sabe, o padre Severiano de Rezende, o Domingos Olympio e o Mario de Alencar; provavelmente os tres lhe haverão escripto já. A eleição é na segunda quinzena de Outubro, creio que no ultimo dia.

Já ha de saber do meu retrato que amigos da Academia mandaram pintar pelo Henrique Bernardelli e está agora na exposição annual da Escola das Bellas Artes. (1) O artista, para perpetuar a sua generosa lembrança, copiou na tela, sobre uns livros, o galho do carvalho de Tasso. O proprio galho, com a sua carta ao Graça, já os tenho na minha sala, em caixa, abaixo do retrato que Você me mandou de Londres o anno passado. Não falta nada, a não serem os olhos da minha velha e boa esposa que, tanto como eu, seria agradecida a esta dupla lembrança do amigo.

A Academia vae continuar os seus trabalhos, agora mais assidua, desde que tem casa e moveis. Quando cá vier tomar um banho da patria, será recebido nella como merece de todos nós que lhe queremos. Adeus, meu caro Nabuco, continue a lembrar-se de mim, onde quer que o nosso lustre nacional peça a sua presença. Eu não esqueço o amigo que vi adolescente, e de quem ainda agora achei uma carta que me avisava do dia em que devia fundar a Sociedade Abolicionista, na rua da

Princeza. Lá se vão vinte e tantos annos! Era o principio da campanha vencida pouco depois com tanta gloria e tão pacificamente.

Receba um apertado abraço do

Velho adm.or e am.o

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Este retrato está na Academia.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1905.

Meu caro Nabuco,

Obrigado pelo exemplar da "Washington Life" em que vem o seu telegramma ao Roosevelt. [1] Já o havia lido, mas agora tenho aqui o proprio texto original, com as bellas palavras e conceitos que Você lhe soube pôr, como aliás põe a tudo. Do juizo da folha participamos todos os que temos a Você por embaixador do nosso espirito. Tambem recebi as outras folhas que tratam da conclusão da paz. Com razão celebram todas ellas a grande obra do Presidente, e dão nisto vivo exemplo de patriotismo. Certo é tambem que a nação toda falou pela boca de Roosevelt, e ambos entraram nesta pagina gloriosa da historia do seculo. O seu telegramma é a voz da outra America falando ao vencedor da paz.

A eleição da Academia deve ser feita em fins deste mez. Em carta que lhe escrevi, ha dias, disse o que penso da eleição do Jaceguay, figura certamente representativa para a nossa casa, mas, como Você sabe, elle não se apresentou; nem elle nem o Arthur Orlando.

Viu transcripto no *Jornal do Commercio*, entre os "a pedidos" um trecho do seu bello artigo sobre a Sarah Bernhardt? (2) Hade ter sido lembrança do Rio Branco, que me pediu informações sobre elle, no dia seguinte á primeira representação agora. Receiava-se uma pateada, fizeram-lhe ovação, e elle quiz provavelmente que a bandeira da sua autoridade envolvesse a grande artista. Você chamou-lhe então (ha vinte e tantos annos!) embaixatriz da França. Não a vi agora, mas dizem que trouxe as mesmas credenciaes.

Adeus, meu caro Nabuco, receba ainda um abraço do adm.or e velho amigo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) E' esta a traducção do telegramma de Nabuco ao Presidente Roosevelt pela terminação da guerra russo-japoneza.

"Peço a V. Ex., acceitar a expressão do nosso contentamento e do nosso commum orgulho americano pela nobre pagina que acaba de escrever na historia da civilisação.

O mundo inteiro a lê, sem duvida, como o prefacio de uma nova era de paz. O uso que V. Ex. fez do prestigio illeso de seu paiz para a terminação da guerra do Oriente será recebido como uma garantia que fará em outra occasião não se hesitar em recorrer novamente a essa incalculavel fonte de força para impedir em todo o mundo que os feudos nacionaes se transformem em guerra, quando, no interesse da humanidade, a sincera e amistosa admoestação deste grande paiz o puder impedir. Deste modo creou V. Ex. para a Presidencia Americana uma funcção que lhe trará na hegemonia moral do mundo o unico commando que ella pode acceitar. Imagino quão grato se sente V Ex. pela inspiração que lhe permittiu conferir-lhe este

poder, de todos o mais poderoso e o mais nobre, no momento mais opportuno da historia do seu paiz."

(2) Artigo publicado no "Paiz" por occasião da chegada de Sarah Bernhardt ao Rio em 1886 e reproduzido nos "Escriptos e Discursos Literarios", 1901. "Nós entretanto a acclamaremos duas vezes, escreve Nabuco, porque ella nos vem como Sarah Bernhardt e nos vem como a França. Pela primeira vez em nossa historia, temos a honra de receber em nosso paiz a gloria franceza. A actriz que continua a tradição de Mlle Lecouvreur, de Mme Clairon e de Mlle Rachel, é no mais elevado caracter a embaixadora do espirito franceza". "Neste momento o primeiro dos theatros francezes não é a casa de Molière, é o theatro S. Pedro de Alcantara" acrescenta Nabuco.

MACHADO A NABUCO

19 de Agosto de 1906. (1)

Meu querido Nabuco, (2)

Quero agradecer-lhe a impressão que me deixaram estas suas paginas de pensamentos e recordações. Vão apparecer justamente quando V. cuida de tarefas praticas de ordem politica. Um professor de Douai, referindo-se á influencia relativa do pensador e do homem publico, perguntava uma vez (assim o conta Dietrich) se haveria grande progresso em collocar Aristides acima de Platão, e Pitt acima de Locke. Concluia pela negativa. V nos dá juntos o homem publico e o pensador. Esta obra, não feita agora mas agora publicada, vem mostrar que em meio dos graves trabalhos que o Estado lhe confiou, não repudia as faculdades de artista que

primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe crearam a carreira literaria.

Erro é dizer, como V. diz em uma destas paginas, que "nada ha mais cançativo que ler pensamentos" Só o tedio cança, meu amigo, e este mal não entrou aqui, onde tambem não teve acolhida a vulgaridade. Ambos, aliás, são seus naturaes inimigos. Tambem não é acertado crer que, "si alguns espiritos os lêm, é só por distracção, e são raros". Quando fosse verdade, eu seria desses raros. Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distracção. Ainda hoje quando torno a taes leituras, e me consolo no desconsolo do Ecclesiastes, acho-lhes o mesmo sabor de outr'ora. Si alguma vez me succede discordar do que leio, sempre agradeço a maneira porque acho expresso o desaccordo.

Pensamentos valem e vivem pela observação exacta ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer. Tal é o caso deste seu livro. Todos virão a elle, attraidos pela substancia, que é aguda e muita vez profunda, e encantados da fórma, que é sempre bella. Ha nestas paginas a historia alternada da influencia religiosa e philosophica, da observação moral e esthetica, e da experiencia pessoal, já agora longa. O seu interior está aqui aberto ás vistas por aquella forma lapidaria que a memoria retem melhor. Idéas de infinito e de absoluto, V. as inscreve de modo directo ou sugestivo, e a nota espiritual é ainda a caracteristica das suas paginas. Que em todas resplandece um optimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lh'o; melhor o sabe, porque o sente devéras. Aqui o vejo confessado e claro, até nos logares de alguma

tristeza ou desanimo, pois a tristeza é facilmente consolada, e o desanimo acha depressa um surto.

Não destacarei algumas destas idéas e reflexões para não parecer que trago toda a flôr; por numerosas que fossem, muita mais flôr ficaria lá. Ao cabo, para mostrar que sinto a belleza e a verdade particular dellas, bastaria apontar tres ou quatro. Esta do livro I: "Mui raramente as bellas vidas são interiormente felizes; sempre é preciso sacrificar muita coisa á unidade" é das que evocam recordações historicas, ou observações directas, e nas mãos de alguem, narrador e psychologo, podia dar um livro. O mesmo digo d'aquella outra, que é tambem uma lição politica: "Muita vez se perde uma vida, porque no logar em que cabia ponto final se lança um ponto de interrogação" Sabe-se o que era a vida dos anachoretas, mas dizer como V., que "elles só conheceram dois estados, o de oração e o de somno, e provavelmente ainda dormindo estavam resando" é pôr nesta ultima phrase a intensidade e a continuidade do motivo espiritual do recolhimento, e dar do anachoreta imagem mais viva que todo um capitulo.

Nada mais natural que esta forma de conceito inspire imitações, e provavelmente naufragios. As faculdades que exige são especiaes e raras; e é mais difficil vingar nella que em composição narrativa e seguida. Exemplo da arte particular deste genero é aquelle seu pensamento CVII do livro III. Certamente, o povo já havia dito, por modo directo e chão, que ninguem está contente com a sua sorte; mas este outro figurado e allegorico é só da imaginação e do estylo della: "Si houvesse um escriptorio de permuta para as felicidades que uns invejam

aos outros, todos iriam lá trocar a sua" Assim muitas outras, assim esta imagem de contrastes e imperfeições relativas: "A borboleta acha-nos pesados, o pavão mal vestidos, o rouxinol roucos, e a aguia rasteiros"

Em meio de todo este pensado e lapidado, as reminiscencias que V. aqui poz fallam pela voz da saudade e do mysterio, como esse quadro no cemiterio das cidades. V. exprime magnificamente aquella fusão da morte e da natureza, por extenso e em resumo, e attribue aos proprios enterrados alli a noticia de que "a morte é o desfolhar da alma em vista da eterna primavera" Todos gostarão essa forma de dizer, que para alguns será apenas poetica, e a poesia é um dos tons do livro. Egualmente suggestivo é o quadro do dia de chuva e o do dia de nevoeiro, ambos em Petropolis tambem, como este da "estrada caiada de luar" e este outro das arvores de altos galhos e folhas finas.

Confessando e definindo a influencia de Renan em seu espirito, confessa V. ao mesmo que "o dilettantismo delle o transviou". Toda essa exposição é sincera, e no introito exacta. Effectivamente, ainda me lembra o tempo em que um gesto seu, de pura fascinação, me mostrou todo o alcance da influencia que Chateaubriand exercia então em seu espirito. O estudo do contraste destes dois homens é altamente fino e cheio de interesse. Um e outro lá vão, e a prova melhor da veracidade da confissão aqui feita é a equidade do juizo, a franqueza da critica, o modo porque affirma que, apesar da religiosidade do exegeta, não se pôde contentar com a philosophia delle.

Reli *Massangana.* Essa pagina da infancia, já narrada em nossa lingua, e agora transposta á franceza, que V. cultiva tambem com amor, dá imagem da vida e do engenho do

norte, ainda para quem os conhece de outiva ou de leitura; deve ser verdadeira.

Não ha aqui só o homem de pensamento ou apenas temperado por elle; ha ainda o sentimento evocado e saudoso, a obediencia viva que se compraz em acudir ao impulso da vontade. Tudo ahi, desde o sino do trabalho até a paciencia do trabalhador, a velha madrinha, senhora do engenho, e a joven mucama, tudo respira esse passado que não torna, nem com as doçuras ao coração do moço antigo, nem com as amarguras ao cerebro do actual pensador. Tudo lá vai com os primeiros educadores eminentes do seu espirito, ficando V. neste trabalho de historia e de politica, que ora faz em beneficio de um nome grande e commum a todos nós; mas o pensamento vive e viverá. Adeus, meu caro Nabuco, ainda uma vez agradeço a impressão que me deu; e oxalá não esqueça este velho amigo em quem a admiração reforça a affeição, que é grande.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Joaquim Nabuco nasceu a 19 de agosto de 1849. Passou este anniversario no Rio de Janeiro, onde era Presidente da Terceira Conferencia Pan-Americana.

(2) Esta carta foi publicada entre as criticas literarias de Machado de Assis, colligidas por Mario de Alencar.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro 1907.

Meu querido Nabuco,

Esta carta é breve, o bastante para lhe dizer que todos lembramos de Você, noticia ociosa. O Verissimo escreveu, a proposito do seu livro das *Pensées Détachées*, os dous excellentes artigos que V. terá visto no *Jornal do Commercio*, para onde voltou brilhantemente com a Revista litteraria. Fez-lhe a devida justiça que nós todos assignamos de coração. A minha carta, aquella que tive a fortuna de escrever antes de ninguem, era melhor que lá tivesse tambem saido.

Aqui vou andando, meu querido amigo, com estas affeições da velhice, que ajudam a carregal-a. Não sei se terei tempo de dar fórma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o ultimo. As forças comprehenderão o conselho, e acabarão de morrer caladas.

Estou certo que Você achou todos os seus em boa saude, e anciosos de ver o seu amado chefe. Peço-lhe que lhes apresente os meus respeitos, e tambem que me recommende ao am.º Chermont. Não lhe peço que se lembre de mim, porque sei, com ufania e gosto, que nunca me esqueceu, e sempre quiz ao seu

Velho adm. e grato amigo

MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis e o ramo do carvalho de Tasso
(H. Bernardelli - 1905)

NABUCO A MACHADO

Washington, 15 de Março de 1907.

Meu caro Machado,

O meu voto ([1]) é pelo Dr. Arthur Orlando, se elle fôr o unico candidato, e, tendo competidores, ainda é d'elle, excepto se os competidores forem o Assis Brasil e o Jaceguay, que têm compromisso meu anterior em cartas escriptas a V. mesmo.

Queira portanto votar por mim, conforme estas instrucções.

Não me deixe o Dr. Orlando naufragar sem uma combinação que lhe garanta a eleição para a futura vaga. Um homem como elle póde ser vencido n'uma eleição academica, não póde, porém, ser derrotado sem pesar para os eleitores. A nossa balança é de pesar oiro sómente. Elle mesmo, estou certo, não se aborreceria de ser segunda escolha em competição com o Dr. Assis Brasil, que já teve uma (ou duas?) *non réussites*.

Eu desejava-lhe entretanto uma vaga que lhe permittisse falar de Pernambuco largamente, mas teria que escolher entre mim e o Oliveira Lima e nenhum dos dois elle podia preferir ao outro. Em todo caso alguem mais da Philosophia que o Doria. Mas é odioso esperar vagas determinadas.

Do seu Velho Amigo

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Para a vaga do Barão de Loreto, Arthur Orlando, unico candidato, foi eleito.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 14 de Maio 1907.

Meu caro Nabuco.

Dei conta aos collegas da Academia de seu voto na vaga do Loreto em favor do Arthur Orlando. Para tudo dizer dei noticia tambem do voto que daria ao Assis Brasil ou ao Jaceguay. A este contei tambem o texto da sua carta, e instei com elle para que se apresente candidato na vaga do Teixeira de Mello (a outra está encerrada e esta foi aberta), mas insistiu em recusar. A razão é não ser homem de letras. Citei-lhe, ainda uma vez, o seu modo de ver que outrora me foi dito, já verbalmente, já por carta; apezar de tudo declarou que não. Quanto ao Assis Brasil, foi instado pelo Euclydes da Cunha e recusou tambem. A carta delle que Euclydes me leu parece-me mostrar que o Assis Brasil estimaria ser academico; não obstante, recusa sempre; creio que por causa da *non réussite*. Sinto isto muito, meu querido Nabuco.

Para a vaga do Teixeira de Mello apresentam-se ja dous candidatos, o Virgilio Varzea e o P. Barreto, que assigna João do Rio. [1] O Secretario Medeiros ja lhe hade ter escripto sobre isto. Sabe que o Rodrigo Octavio está agora na Europa.

Estas são as noticias eleitoraes. Dos trabalhos academicos ja hade ter noticia que, por proposta do Medeiros, estamos discutindo se convem proceder á reforma da orthogra-

phia. Ao projecto deste (tendente ao phonetismo) oppõe-se logo o Salvador de Mendonça, que apresentou um contra projecto assignado por elle e pelo Ruy Barbosa, Mario Alencar, Sylvio Romero, Euclydes da Cunha, Lucio de Mendonça. Este propõe que a Academia cuide de organisar um diccionario etymologico, fazendo algumas emendas segundo regras que indica. O João Ribeiro oppõe-se ao contra-projecto, e as nossas tres sessões tem sido interessantes e são acompanhadas na imprensa e no publico. (2)

Adeus, meu caro Nabuco, desculpe esta letra que nunca foi bôa e a edade está fazendo peor, e não esqueça o velho amigo que não o esquece e é dos mais antigos e agora o mais triste.

MACHADO DE ASSIS

---

(1) O Almirante Jaceguay decidiu-se a apresentar-se para essa vaga e foi eleito.

(2) A reforma ortographica da Academia foi votada em 1907. Foi modificada posteriormente em 1911. Mais tarde em 11 de novembro de 1915 a Academia resolveu adoptar a ortographia official de Portugal. Em 24 de novembro de 1919 a Academia reconsiderou esta decisão e renunciou a qualquer reforma da ortographia. Votaram a favor desta ultima deliberação os academicos Alberto de Oliveira, Alcides Maya, Aloysio de Castro, Ataulpho de Paiva, Augusto Lima, Coelho Netto, Dantas Barreto, Felix Pacheco, Goulart de Andrade, João Ribeiro, Lauro Müller, Luis Guimarães, Luis Murat, Miguel Couto e Osorio Duque Estrada. Votaram contra, mantendo as reformas, os academicos Amadeu Amaral, Austregesilo, Filinto de Almeida, Magalhães de Azeredo, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque e Silva Ramos.

NABUCO A MACHADO

Brazilian Embassy
Washington

Maio, 27-1907.

Meu caro Machado,

Como para a vaga do Barão de Loreto só concorreu o Dr. Arthur Orlando, o meu voto promettido a elle sob condição de não ser o Jaceguay, nem o Assis Brasil candidato, é delle ipso facto. Sob a mesma condição dou o meu voto na eleição para a vaga do Dr. Teixeira de Mello ao Paulo Barreto. Concorrendo, ou o Jaceguay ou o Assis Brasil, o meu voto será do que concorrer. Concorrendo os dois, do Jaceguay. Terei sido quem o animou a apresentar-se e tenho sempre sustentado que a Marinha falta na nossa Academia, (assim como o Exercito, mas no Exercito não sei de escriptor igual ao nosso Jurien de la Gravière), por isso votarei no Jaceguay por mais que me custe não poder dar tambem o meu voto ao meu collega Assis Brasil. Queira V. votar por mim de accordo com estas instrucções.

O meu livro tem sido muito bem acolhido em França. Ahi supponho que o Verissimo o matou. Quando se diz de um livro que fôra melhor não ter sido publicado, tem-se-lhe rezado o *requiescat*. Entre nós dois lhe direi que o deputado

Paul Deschanel o propoz para um premio da Academia Franceza. Segundo o Regimento da Academia não ha premio senão para as obras inscriptas para o concurso e assim tive que inscrever-me! A responsabilidade da iniciativa, porem, não é minha. O Barão de Courcel tambem fez o elogio delle na Academia de Sciencias Moraes e Politicas. ([1]) Estou muito grato a tão generoso acolhimento. Sei que a critica do Verissimo ahi fez muito mal ao livro, porque me repetiram um dito de um dos rapazes da divisão naval: que o meu livro não tinha actualidade. Actualidade um livro de pensamentos! E um livro escripto ha treze annos que deixei dormir por não me preoccupar de "actualidade". Ora isso é do Verissimo.

Espero que V. tenha sempre a saude com que o vi durante a minha estada no Rio. Que saudades trouxe suas, meu caro Machado. Como a vida ao seu lado é sempre um novo encanto!

Do Amigo e Velho Admirador

JOAQUIM NABUCO

---

(1) M. de Courcel offereceu "Pensées détachées" á Academia de Sciencias Moraes e Politicas da França, na sessão de 27 de abril de 1907. No seu minucioso relatorio accentuou este juiso: "après avoir lu les écrits de M. Nabuco nous trouvons, nous sentons en lui un véritable compatriote intellectuel. Ce n'est pas qu'il ne conserve la marque personnelle et la marque du pays auquel il appartient. Les fragments qui composent le volume que je suis chargé de vous offrir sont en réalité les fragments d'une autobiographie morale et ils présentent sous ce point de vue un vif intérêt. Si la langue dont se sert M. Nabuco est d'une correction parfaite, si la coupe de ses phrases est bien française, la richesse, parfois la hardiesse de ses métaphores, le coloris de son style, décèlent l'origine tropicale de l'auteur."

MACHADO A NABUCO

Rio, 7 de Julho de 1907.

Meu caro Nabuco,

Conforme a sua recommendação de Março dei o seu voto ao Arthur Orlando. Ao Jaceguay communiquei as suas preferencias, mas ainda assim recusou apresentar-se dessa vez. A sua carta de Maio, porém, trazendo-me noticia do voto ao Sr. Paulo Barreto na vaga do Teixeira de Mello, fallou ainda mais desenvolvidamente sobre o Jaceguay para preferil-o no caso em que elle e o Assis Brasil pleiteassem a cadeira. Encontrando o Jaceguay, dei-lhe noticia desta resolução, e elle, terminando no dia seguinte o prazo das inscripções, mandou-me de manhã a carta de candidatura, que communiquei á Academia. Cumprirei a indicação do voto, e, pelo que ouço, creio que será eleito o nosso almirante.

Quanto ao Assis Brasil, apezar do que lhe escreveu o Euclydes da Cunha, não quiz apresentar-se na primeira vaga. Em carta que posteriormente escreveu ao Lucio de Mendonça, vi que teria prazer em ser eleito, mas entendia não poder ser candidato.

Ha de ter lido nos jornaes que a Academia anda em trabalhos de lingua, a proposito de um projecto do Medeiros e Albuquerque, ao qual se oppoz com outro o Salvador de Mendonça. E' negocio que tem interessado o publico e alguns estudiosos; deve ser votado esta semana.

Rio de Janeiro, 19 de Agosto 1908

Meu querido Nabuco,

Ha um anno tive o prazer de jantar com V. neste dia e brindar com amigos nos pela sua saude e prosperidade. Não quero calar a data e daqui lhe mando lembranças, muitas lembranças, de amigo velho e sincero. Talvez seja a ultima saudação; sinto que não vou longe, por mais que amigos me achem bom aspecto; esse mesmo achado me parece simples consolação.

Tenho recebido cartões postaes seus, e cada um me recorda o amigo que em Abril de 1905 me enviou o galho do carvalho de Tasso com aquella bôa carta ao Aranha, e na carta aquella doce e triste palavra que me lembrava a solidão da minha velhice.

Ha tres ou quatro semanas, escrevi-lhe uma carta, que remetti para a Legação de Londres, como me aconselharam para que dalli lhe dessem o destino certo. Esta vae pelo mesmo caminho e espero que a receba tambem.

Adeus, meu querido amigo; releve o que ahi vae mal arranjado; estou em hora de tris=teza grande e grande fadiga. Apresente os meus comprimentos a toda a familia, e não esqueça o

Velho adm.or e amigo certo

Machado de Assis

Não lhe falo das festas do Guilherme Ferrero, porque os jornaes lh'as terão contado. Foram só horas, mas vivas. Quatro da Academia fomos recebel-o a bordo e mostrar-lhe e á senhora uma parte da cidade, e o Rio Branco offereceu-lhes um jantar em Itamaraty. Quando Ferrero tornar de Buenos Aires, lá para Setembro, ficará aqui um mez, e as festas serão provavelmente maiores. (1)

Li as noticias que me dá do acolhimento que encontra em França o seu livro das *Pensées,* e não é preciso dizer o gosto que me trouxeram. Não creia que a critica o matasse aqui; elle é dos que sobrenadam. O tempo ajudará o tempo, e o que ha nelle profundo, fino e bem dito conservará o seu grande valor. Sabe como eu sempre apreciei essa especie de escriptos, e o que pensei deste livro antes delle sair do prelo. O premio da Academia Franceza virá dar-lhe nova consagração.

Adeus, meu caro Nabuco; a minha saude não é peor do que era ha um anno; a velhice é que não é menor, naturalmente, e a fadiga se aproxima com os seus braços frouxos, e daqui a pouco exhaustos.

Não sei ainda a direcção que dê a esta carta, se para a embaixada, se para Paris. Qualquer dos dous caminhos leva a Roma, e lá achará o meu coração, como o seu está commigo,

Velho adm. e am.'

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Guglielmo Ferrero indo a Buenos Aires a convite de Emilio Mitre, director de *La Nacion,* foi na sua passagem pelo Rio de Janeiro solicitado pela Academia Brasileira a fazer uma serie de conferencias. O historiador de Roma antiga cumpriu a sua promessa

em outubro desse anno de 1907, demorando-se um mez no Rio de Janeiro. A' sua volta a Italia a Academia offereceu-lhe em 31 de outubro, um banquete, em que Machado pronunciou este discurso:

"Sr. Guglielmo Ferrero,

A Academia Brazileira convidou-vos a dar algumas conferencias neste paiz. Contava de certo com a admiração que lhe haviam imposto os vossos escritos, mas a vossa palavra excedeu a sua confiança. Não é raro que as duas formas de pensamento se conjuguem na mesma pessoa; conheciamos aqui este fenomeno e sabiamos delle em outras partes, mas foi preciso ouvir-vos para sentil-o ainda uma vez bem, e por outra lingua canora e magnifica.

Agora que ides deixar-nos levareis á Italia, e por ella ao resto do mundo europeu, a noticia do nosso grande entusiasmo. Creio que levareis mais. O que o Brazil revelou da sua crescente prosperidade ao eminente historiador de Roma ter-lhe-ha mostrado que este pedaço da America não desmente a nobreza da estirpe latina e crê no papel que de futuro lhe cabe. E se com essa impressão politica levardes tambem a da simpatia pessoal e profunda que inspirastes a todos nós, a Academia Brazileira folgará duas vezes pelo impulso do seu acto de convite, e aqui vol-o declara, oferecendo-vos este banquete".

Mais tarde Ferrero esteve nos Estados Unidos, hospedado na Casa Branca pelo Presidente Roosevelt. Das suas impressões das duas Americas escreveu um dialogo, "Fra i due Mondi"

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 19 de Agosto 1907.

Meu querido Nabuco,

Ha um anno tive o prazer de jantar com V. neste dia e brindar com amigos seus pela sua saude e prosperidade. Não quero calar a data e daqui lhe mando lembranças minhas, lembranças de amigo velho e sincero. Talvez seja a ultima

saudação; sinto que não vou longe, por mais que amigos me achem bom aspecto; esse mesmo achado me parece simples consolação.

Tenho recebido cartões postaes seus, e cada um me recorda o amigo que em Abril de 1905 me enviou o galho de carvalho de Tasso com aquella boa carta ao Aranha, e na carta aquella doce e triste palavra que me lembrava a solidão da minha velhice. ([1])

Ha tres ou quatro semanas escrevi-lhe uma carta, que remetti para a Legação de Londres, como me aconselharam, para que dalli lhe déssem o destino certo. Esta vae pelo mesmo caminho e espero que a receba tambem.

Adeus, meu querido amigo; releve o que ahi vae mal arranjado; estou em hora de tristeza grande e grande fadiga. Apresente os meus cumprimentos a toda a familia, e não esqueça o

Velho adm. e amigo certo

MACHADO DE ASSIS

---

(1) "Devemos tratal-o (Machado de Assis) com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira ás vezes solitaria do oasis."

(Carta de Nabuco a Graça Aranha, de Londres, 12 de abril 1905).

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 14 de Janeiro 1908.

Meu querido Nabuco,

Esta carta ja o encontra desde muito na embaixada. Tenho tido noticias suas, e ultimamente por um trecho de jornal que V. me mandou lembrando aquella noite dos "Deuses de casaca" (1) Vão longe essas e outras noites; restam as afeições seguras, fortes e boas como a sua.

Aqui estamos em plenas festas americanas, (2) que me fazem lembrar as do Congresso. As da esquadra são mais ruidosas e extensas, mas o esplendor das outras é inesquecivel. Ha verdadeiro carinho e gentileza de ambas as partes, e V. que collaborou com o Rio Branco na obra de aproximação dos dous paizes, receberá a sua parte de satisfação.

Ha de ter tido noticia das duas recepções academicas, a do Orlando e a do Augusto de Lima. A do Orlando foi pouco depois da eleição. Apezar do calor intenso e da chuva que caiu á tarde, a concurrencia foi grande, e lá estavam muitas senhoras. O Presidente da Republica não pôde ir por incommodo, mas fez-se representar. O discurso de recepção foi feito pelo Oliveira Lima; falou-se muito do seu Pernambuco e de philosophia, alem de poesia. Antes dessa houve a recepção do Augusto de Lima, eleito ha annos, que só agora pôde vir tomar posse da cadeira; falou em nome da Academia o Medeiros e Albuquerque. Emfim, a Academia vae sendo aceita, estimada e amada. Quando V. tornar de vez á nossa terra, cá terá o logar que com tanto brilho occupou e

é seu naquella casa. O que não sei é se ainda me achará neste mundo; releve-me esta linha de rabugice, é natural aos 69 annos (quasi).

Aqui lemos o que se disse em França do seu livro das "Pensées" e tambem na Italia. O artigo de Vicenzo Morelli ainda me pareceu mais fino que o do Faguet. ([3]) Eu, por mim, já havia escripto aquella carta de 19 de Agosto de 1906, ha pouco mais de um anno, em que lhe disse todo o bem que me sugeriram taes e tão profundas paginas.

Alguns dos nossos amigos andam dispersos. O Lucio de Mendonça, que organisou a Academia, foi ha tempos acomettido de uma doença dos olhos, e resolveu ir á Allemanha para ser examinado e tratado. Foi, já com a vista muito baixa, e segundo noticias que chegaram ha dias teve lá uma congestão cerebral que o deixou paralytico de um lado, e volta. Tambem ouvi que não terá sido congestão, mas paralysia somente, consequente da origem do mal que é na espinha. Elle foi daqui abatido, deve regressar peor, porque a doença de que se trata, segundo elle mesmo me disse, é a que teve uma irmã.

Adeus, meu querido Nabuco. Escreva-me logo que possa; meia duzia de linhas amigas, que me recordam tantas cousas, valem por uma resurreição. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a Mme Nabuco, e me recommende a seus bons filhos. E receba para si um apertado abraço do

Velho ador. e am.º

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Esta comedia de Machado de Assis foi representada pela primeira vez num sarau da Arcadia Fluminense em 28 de dezembro

de 1865. Quando foi publicada, escreveu Machado de Assis, no prefacio á primeira edição: "Comedia sem damas para entreter os convivas de uma noite cujos limites eram uma variação de piano e o serviço do chá." 1.° de janeiro de 1866.

(2) Por occasião da passagem pelo Rio da esquadra americana que fazia a volta do mundo.

(3) Os artigos de Emile Faguet e Vicenzo Morelli (Rastignac) vão reproduzidos no appendice.

NABUCO A MACHADO

Washington, 13 Fevereiro 1908.

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me um dos grandes prazeres hoje da minha vida: o de sentir que tenho um logar na sua affeição. Ellas são preciosas para mim todas egualmente.

Vejo que a Academia foi inventada a tempo e na hora justa. Ella tem a grande missão de o consolar e de fazer-lhe companhia. Os ausentes, como eu, estão lá ao seu lado em pensamento. E os mortos são sómente ausentes.

Muito sinto o que V. me diz do nosso fundador. Possa elle não soffrer muito e ter ao menos algum allivio a tão triste fim, — ainda mais triste para quem foi pouco feito como elle para a passividade e a inacção.

Que fim levou o Graça?

Muito prazer tive com a sympathia mutua entre o nosso povo e os Americanos. A Haya ia nos fazendo perder de vista a nossa unica politica possivel. Eu em diplomacia nunca

perdi um só dia o sentido da proporção e o da realidade. E' que um individuo pode sempre fugir á deshonra e ao captiveiro, mas as nações não se podem matar como elle. Alguns milhares morrerão em combate, mas a totalidade passa sob o jugo. As maiores nações procuram hoje garantir-se por meio de allianças; como podem as nações indefesas contar sómente comsigo? E desde que o nosso unico apoio possivel é este, porque não fazermos tudo para que elle não nos venha a faltar? Essa é a minha intuição e tive por isso o maior prazer com esse renascimento da sympathia entre as duas nações por occasião da visita da esquadra Americana. Basta, porem, de confidencias de alcance politico. Aqui vão outras intimas.

Occupei-me muito ultimamente com a revisão de um drama em verso francez que escrevi ha trinta annos. (1) O assumpto, como V. talvez se lembre, é a conquista, ou antes o desmembramento, da Alsacia-Loiena. Nenhum francez poderia falar com a minha imparcialidade sobre a Allemanha, que tambem apparece grande no drama. Toda a questão é o direito de conquista. Não posso, porem, apparecer na publicação, apezar de ser a creação puramente litteraria, como drama, e de *principio*, como motivo. Estão agora estudando o caso amigos meus de França. Estou muito contente da obra depois da revisão e da mudança do final. Antes parecia-me *mal acabada*. Esperemos que ambos a lêremos impressa, ainda que sem o meu nome.

E V. meu caro Amigo? Nada tem V. mais que fazer contra o esquecimento, já está em plena luz. Agora é gozar do triumpho.

Até quando? Um abraço apertado do Velho Camarada que não se lembra mais desde quando o admira.

JOAQUIM NABUCO

P S. E o terremoto de Lisbôa? ([2]) O Tejo não merecia essa marca tragica! Pobre Rainha!

---

(1) Impresso depois da morte de Joaquim Nabuco sob o titulo L'OPTION, Pariz, livraria Hachette, 1911, edição particular.

(2) Assassinato do rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Philippe, em 1.º de fevereiro desse anno.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 8 de Maio 1908.

Meu querido Nabuco,

Ainda estou commovido do abraço que em sua carta me mandou, e saudoso das mesmas saudades, mas não sei se animado das mesmas animações; esta parte é naturalmente incompleta, graças á idade, á solidão. Em todo caso, as suas palavras fizeram-me bem.

Escrevo ao Mario de Alencar pedindo-lhe que venha á minha casa, quando eu morrer, e leve aquelle galho de carvalho de Tasso que Você me mandou e o Graça me entregou em sessão da Academia. A caixa em que está com o documento que o authentica e a sua carta ao Graça peço ao Mario

que os transmitta á Academia, afim de que esta os conserve, como lembrança de nós tres, Você, o Graça e eu.

A Academia concluiu as ferias e vae recomeçar os seus trabalhos. Vamos organisar um vocabulario e começar a publicação da *Revista*. Nesta daremos os escriptos originaes que pudermos, alguns ineditos e o *Boletim*.

O *Jornal do Commercio* publicou telegramma de Paris, em que dá noticia de um artigo que o Ferrero escreveu no *Figaro*, falando da nossa Academia em termos grandemente simpaticos e benevolos. (1) Naturalmente Você ja lá o terá a esta hora; aqui o esperamos com anciedade natural.

Aqui fico esperando o seu drama sobre a conquista da Alsacia-Lorena, com a emenda que lhe fez; venha ainda que sem o seu nome. Não faltará modo de o conhecer, nem occasião de o publicar um dia, em outra edição. Se Você está satisfeito com o novo desfecho é que elle cabe realmente melhor; em Você o critico completa o artista. A Academia porá a obra na bibliotheca, cujo inicio e conservação confiou ao Mario. Você ha de lembrar-se que é ideia antiga do Salvador de Mendonça deixal-a por herdeira da sua bibliotheca particular, bastante rica, ao que parece.

Eu, meu querido, vou andando como posso, já um pouco fraco, e com temor de perder os olhos se me der a longos trabalhos. Ja não trabalho de noite. Ainda assim, posso fazer-lhe uma confidencia: escrevi o anno passado um livro, que deve estar impresso agora em França. (2) Duas ou tres pessoas sabem disso aqui, e, por uma dellas, o Magalhães de Azeredo (em Roma). Diz-me o editor (Garnier) que virá este mez, mas já em Março me annunciava a mesma cousa

e falhou. Creio que será o meu ultimo livro; descançarei depois.

O Graça está em Petropolis; continua a trabalhar no Tribunal. Parece-me que virá passar algumas semanas, ou dous mezes no Rio, naturalmente pela Exposição. A Exposição caminha; ainda não fui ás obras, ouço que ficarão magnificas. Perdeu-se D. Carlos, que vinha dar um realce grande ás festas. Quem quer que venha agora não será a mesma cousa.

Todos os nossos amigos vão bem. De mim já sabe e adivinha. Se Você cá vier cedo ainda nos abraçaremos uma vez, como tantas outras, ha tantos annos. Vá agora mais esta.

Am.º do C.

MACHADO DE ASSIS

P S. Muito obrigado pelo trecho de Mrs. Wright a meu respeito; ha nelle profunda simpathia. ([3])

M. de A.

---

(1) Artigo de Ferrero no *Figaro* de 21 de abril 1908: Une Académie Américaine.

"A la tête de l'instituition a été placé comme président M. Machado de Assis, un grand romancier universellement admiré; comme le doyen de la littérature brésilienne. Je ne dirai pas que tous ces écrivains y réussissent également. La valeur de toutes ces oeuvres est bien différente. Il y en a de très belles, que feraient honneur a n'importe quelle littérature de l'Europe, comme les romans de M. Machado de Assis, dont le Brésil a bien raison d'être fier. M. Nabuco est à la fois diplomate, orateur, et écrivain".

(2) "Memorial de Ayres".

(3) "The greatest living novelist and indeed, the most distin-

guished figure in Brazilian literature today, is Machado de Assis, the President of the Brazilian Academy of Letters.

His novels are among the most popular in the Portuguese language, the portrayal of national life and characters which he presents with charming frankness and humour, revealing rare intuition and true artistic appreciation. His style is harmonious and in certain features of his art there is something which reminds one of the North-Americain novelist William Dean Howells though the two writers are of entirely different temperament"

(*Mrs. Robinson Wright.* "The New Brazil", November 1907. P. 179).

NABUCO A MACHADO

Washington, Junho 8 1908.

Meu querido Machado,

Acabo de receber sua boa carta, cheia do seu coração, trazendo-me a noticia de um proximo livro, que V. suppõe será o seu ultimo, mas que eu receberei como o ante-penultimo.

A homenagem que o Ferrero lhe prestou é digna delle e da Italia. V., graças á nova geração dos Verissimos e Graças, que explicaram a admiração inconsciente que V. inspirou á geração anterior, ou á nossa, goza hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lel-o e estudal-o para comprehender a fascinação exercida por V sobre o seu tempo. E' bello tal crepusculo para um homem de lettras, porque os homens de lettras têm mais a preoccupação da duração da

sua obra do que mesmo do seu nome. Mas a noite está ainda muito longe. Pelo que vi no Rio em 1906 eu não apostaria em mim contra V. no pareo de qual de nós dois verá ainda mais coisas neste mundo. V. tirou o premio grande da vida. Ella não póde dar mais. Não tenha um momento de ingratidão, isto é, de tristeza.

Mando-lhe duas collecções dos discursos que andei ultimamente proferindo, uma para a nossa Academia. V. verá com prazer que me tornei um propagandista aqui dos *Lusiadas.* (1) Faço isto tambem em honra da nossa lingua, que é tomada como um dialecto do Hespanhol, o que dá á America Hespanhola, com as suas desoito Nações, certo prestigio sobre nós. Encontrei na Universidade de Yale um *scholar* da litteratura Portugueza, o Prof. Lang, que publicou o Cancioneiro do Rei Dom Diniz, com muitas notas, e o Cancioneiro Gallego Castelhano tambem; um sabio. Vou receber este anno o grau de Doutor em Lettras por Yale, e a Universidade de Chicago convidou-me para pronunciar o discurso official no encerramento do anno lectivo, ou no dia da collação dos graus, o que é uma grande honra. V. vê que estou fazendo render aqui as poucas forças que me restam. Tambem comprometti-me a pronunciar para o anno o discurso official em um dos grandes dias da Universidade de Wisconsin, e já me annunciam o convite de outra Universidade. Estou muito contente pelo Brazil com todas essas honras, que são principalmente feitas ao paiz.

Mas que saudade! Que falta da nossa gente, que toda me esqueceu, excepto V., tão absorvente é o Rio Branco. Parece-me impossivel que eu não tenha a fortuna de voltar

para ahi proximamente. Creia-me *sequioso.* Não tenho outra expressão.

Um abraço apertado do Velho Amigo

JOAQUIM NABUCO

Não é tempo de V. pensar no Rodrigues para a Academia? Depois desse monumental Catalogo? (2) Converse com o Rio Branco e Graça, Verissimo e todos os seus.

J. N.

---

(1) Tres Conferencias, publicadas em inglez: *The Place of Camões in Litterature; — Camões; The lyric Poet; — The Lusiads as the Epic of Love,* traduzidos para o portuguez por Arthur Bomilcar.

(2) Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil pertencentes a J. C. Rodrigues, 1908.

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1908.

Meu querido Nabuco,

Deixe-me comprimental-o pelas duas conferencias que ahi fez e pelo discurso proferido na ceremonia da União das Americas; sairam todos no *Jornal do Commercio.* Você não deixa esquecer este paiz onde quer que esteja, como não es-

quece os amigos velhos, e agradeço por mim que recebio exemplar do *Washington Post* com o discurso. A conferencia ácerca do papel de Camões na literatura veiu mostrar ainda uma vez o estudo que tem feito desde a primeira mocidade relativamente ao poeta e ao poema. Traz com apreciações novas e finas, o mesmo largo alcance de critica e o claro e eloquente estilo do costume. O mesmo digo da conferencia sobre a nacionalidade do Brasil. Realmente os homens que Você aponta da America Latina tem jus á communhão do espirito da grande nação em que o nosso governo tão acertadamente o colocou para representar a nossa. Emfim, dou-lhe os meus parabens pelo seu doutoramento na Universidade de Yale.

A Academia Brasileira vae caminhando; fazemos sessões aos sabados, e agora tratamos de organisar uma publicação periodica em que resuma e guarde os nossos trabalhos.

Daqui a pouco a casa Garnier publicará um livro meu, e é o ultimo. A idade não me dá tempo nem força de começar outro; lá lhe mandarei um exemplar. Completei no dia 21 sessenta e nove annos; entro na ordem dos septuagenarios. Admira-me como pude viver até hoje, mormente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei, por mais que amigos busquem temperal-a de carinhos.

Ha dias o Victor ([1]) falou-me de um retrato seu, recente. Eu cá tenho o que Você me mandou de Londres, ha tres annos, que é soberbo; pende da parede por cima da caixa que encerra o ramo de carvalho de Tasso. Já dispuz as cousas em maneira que a caixa e o ramo, com as duas cartas que os acompanham, passem a ser depositadas na

Academia, quando eu morrer; confiei isto ao Mario de Alencar. (2)

Adeus, meu querido Nabuco, receba as minhas saudades com as minhas admirações e apresente os meus respeitos a toda a sua familia. Não esqueça este

Velho Ador. e am.º

MACHADO DE ASSIS

---

(1) Victor Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco.
(2) Essas reliquias estão na Academia Brasileira.

NABUCO A MACHADO

Hamilton, Mass., 1 Agosto 1908.

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me immenso prazer por ter lido pouco antes que V. andara doente. O estylo é o melhor certificado de força vital. Essas curtas doenças são a poeira da estrada triumphal dos 70, para os quaes V. caminha, como o Quintino, com a frescura de 1864, quando primeiro os conheci. Que dois destinos!

Muito lhe agradeço suas boas palavras sobre as minhas Conferencias de Yale. A 28 de Agosto devo estar em Chicago, já lhe disse. Aqui levo uma vida de peregrino, de Universidade em Universidade. Mas que saudades da nossa

Academia e da Revista, de que ella nasceu! E' uma grande privação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobretudo acabar assim. Mas espero voltar ainda antes da noite. E então os meus 60 futuros procurarão acompanhar os seus futuros 70 até ao fim das respectivas casas. Oxalá!

Adeus, meu caro Machado. Não deixarei este logar, tão perto de Boston, sem ir desta vez fazer por V. e por mim uma visita á casa de Longfellow e lá escrever o seu nome com o meu.

Muitas e muitas saudades.

Do seu Aff.º Am.º e Adr.

JOAQUIM NABUCO

MACHADO A NABUCO

Rio de Janeiro, 1 de Agosto 1908.

Meu querido Nabuco,

Lá vae o meu "Memorial de Ayres" Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o ultimo livro; alem de fraco e enfermo, vou adeantado em annos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Ha dous mezes estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a elles. Junte a isto a soli-

dão em que vivo. Depois que minha mulher falleceu soube por algumas amigas della de uma confidencia que ella lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior do que ella cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou basta como ponto final.

Recebi os seus discursos e felicito-o por todos. (1) O *Jornal do Commercio* publicou os tres. Dei os da Academia á Academia. Já lá temos um principio de bibliotheca, a cargo especial do Mario de Alencar, e elles ficam nella archivados. Obrigado por todos e particularmente pelo que trata do logar de Camões na literatura. E' bom, é indispensavel reclamar para a nossa lingua o logar que lhe cabe, e para isso os serviços politicos e internacionaes que se prestarem não serão menos importantes que os puramente literarios. Realmente é triste ver-nos considerados, como V. nota, em posição subalterna á lingua hespanhola; V. será assim mais uma vez o embaixador do nosso espirito. Um abraço pelas distinções que ahi tem recebido e que são para o nosso Brasil inteiro.

Não é verdade que a nossa gente esquecesse V.; falamos muita vez a seu respeito e recordamos dias passados. Se não lhe escrevem mais é porque a vida agora é absorvente, com as mudanças da cidade e affluencia de estranhos. Tudo se prepara para a Exposição, que abre a 11.

A Academia vae andando; fazemos sessão aos sabados, nem sempre e com poucos. A sua ideia relativamente ao José Carlos Rodrigues é boa. Falei della ao Graça e ao Verissimo, que concordam; mas o Graça pensa que é melhor

consultar primeiro o José Carlos; parece-lhe que elle póde não querer; se quizer parece facil. (2) Não ha vaga, mas quem sabe se não a darei eu? (3)

Releve-me estas ideias funebres; são proprias do estado e da idade. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a Mme Nabuco e a todos, e receba para si as saudades do velho amigo de sempre

MACHADO DE ASSIS

---

(1) As Conferencias sobre Camões.

(2) José Carlos Rodrigues não se quiz apresentar.

(3) A sua morte, em 29 de setembro do mesmo anno, abriu realmente a primeira vaga. O seu substituto foi Lafayette Rodrigues Pereira, que sob o pseudonymo de *Labienus* o defendera dos ataques de Sylvio Romero.

Hamilton, Mass.
1 Agosto 1908

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me immenso prazer por ter lido pouco antes que V. andara doent. O estylo é o melhor certificado de força vital. Essas curtas doenças são a poeira da estrada triumphal dos 70, para os quaes V. caminha, com o Quintino, com a frescura de 1864, quando primeiro os conheci. Que dois destinos!

Muito lhe agradeço suas bôas palavras sobre as minhas Conferencias de Yale. A 28 de Agosto devo estar em Chicago, já lhe disse. Aqui levo uma vida de peregrino, de Universidade

em Universidade. Mas que
saudades da nossa Academia
e da Revista, de que ella
nasceu! E'uma grande
privação viver longe dos
amigos, em terra estranha,
como estrangeiro. Sobretudo
acabar assim. Mas espero
voltar ainda antes da
noite. E então os meus
60 futuros procurarão

acompanhar os seus futuros 70 até ao fim das
respectivas casas. Oxalá!
Adeus, meu caro Machado.
Não deixarei este logar,
tão perto de Boston, sem ir
desta vez fazer por V. e
por mim uma visita á casa
de Longfellow e lá escrever
o seu nome com o meu.
Muitas e muitas saudades.
Do seu Affº Amº e Admºr J. Nabuco

Tumulo de Joaquim Nabuco no Recife

A CAMÕES

SONETO

UM DIA, JUNTO Á FOZ DO BRANDO E AMIGO
RIO, DE ESTRANHAS GENTES HABITADO,
PELOS MARES ASPERRIMOS LEVADO,
SALVASTE O LIVRO QUE VIVEU COMTIGO.

E ESSE QUE FOI ÁS ONDAS ARRANCADO,
JÁ LIVRE AGORA DO MORTAL PERIGO,
SERVE DE ARCA IMMORTAL, DE ETERNO ABRIGO,
NÃO SÓ A TI, MAS AO TEU BERÇO AMADO.

ASSIM, UM HOMEM SÓ, NAQUELLE DIA,
NAQUELLE ESCASSO PONTO DO UNIVERSO,
LINGUA, HISTORIA, NAÇAO, ARMAS, POESIA,

SALVA DAS FRIAS MÃOS DO TEMPO ADVERSO,
E TUDO AQUILLO AGORA O DESAFIA,
E TÃO SUBLIME PREÇO CABE EM VERSO.

MACHADO DE ASSIS.

IGNEZ E CATHARINA

DUAS MULHERES CHEGAM, MEDROSAS,
PARA PERTO DA ESTATUA, CUJA FRONTE
A MANHÃ QUE DESPERTA NO HORIZONTE
ENCHE DE CLARIDADES JUBILOSAS.

VESTEM AMBAS AS ROUPAS GLORIOSAS,
CUJOS FIOS DE LUZ NÃO HA QUEM CONTE.
MAS QUEM SÃO ESSAS FÓRMAS VAPOROSAS,
COMO AS NEVOAS QUE CRESCEM SOBRE O MONTE?

UMA TRAZ AS *HERVINHAS*, COM AS FLORES,
QUE ELLA COLHEU NA FONTE DOS AMORES
A QUEM *DEPOIS DE MORTA A FEZ RAINHA*;

A OUTRA, QUE ERA A VIDA, ERA O DESEJO,
QUE ENCHIA A GRANDE ALMA QUE ELLE TINHA, —
NOIVA DA SUA GLORIA, — TRAZ-LHE UM BEIJO.

JOAQUIM NABUCO.

Estes sonetos foram publicados na "Revista Brazileira" no volume em homenagem a Luiz de Camões, 10 de junho de 1880.

A missão Nabuco

Philosophava do pulpito um dia o padre Vieira: "Não ha maior delicto no mundo que o ser melhor. Ao menos eu a quem amara das telhas abaixo, antes lhe desejara um grande delicto que um grande merecimento. Um grande delicto muitas vezes achou piedade: um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homiziados." Mas a generalidade dos applausos com que foi acolhida a escolha do Sr. Joaquim Nabuco para a nossa representação no arbitramento sobre a pendencia anglo-brazileira, ahi está deixando ver, por uma excempção bemvinda, que nem sempre se verifica o pessimismo, ainda mal quasi sempre certo, do grande pregador.

Não era de nossa parte que o acto do Governo podia ter duvida na approvação. Muito ha que aconselhamos á Republica a selecção das capacidades em todas as opiniões e em todos os partidos. Por outro lado, em todos os tempos o autor destas linhas tem sido um dos que mais admiração professam pelo merito do nomeado, cuja carreira ascendente acompanha desde os primeiros surtos. Lamentavamos a muralha apparentemente insuperavel, que o separava do ser-

viço do paiz, sob as instituições actuaes. Não podiamos, portanto, deixar de estimar a occasião patriotica que lhe estendeu afinal, por sobre o fosso das prevenções ordinarias, a ponta de honra, considerada, com razão pelo nosso eminente conterraneo, como "um presente da fortuna."

As qualidades organicas do Sr. Joaquim Nabuco não lhe permittiam, por mais que quizesse, furtar-se á actividade politica. Sobre a compressão que lh'a vedava, ella irrompia a miudo nos seus escriptos, em juizos, sentimentos, suggestões de actulidade que involuntariamente o punham em contacto com os homens, as coisas e os factos correntes. Na *Vida* monumental de seu Pae e na encantadora *Historia* de sua Formação, transborda a exuberancia de uma personalidade, cujo poder de acção não lograva conter-se no refugio meditativo da religião e das letras, a que o idealismo do artista suppunha ter disciplinado ás exigencias dos luctadores. Accedendo, logo, pelo que não ha senão louval-o, ao convite do Governo, o patriota cedia, ao mesmo tempo, insensivelmente a uma necessidade da sua tempera, a uma força interior da sua vocação e expansão inevitavel da sua individualidade, a um impulso do seu destino, que o não creou só para escrever com a sua penna a historia, senão tambem para a elaborar com os seus actos.

Habituado a proceder "como seu proprio chefe' não faz cabedal o Dr. Joaquim Nabuco da sentença, em que o hão de julgar entre as intransigencias e os fanatismos de uma e de outro. Com taes independencias não se accomoda a politica de partido. Bem fez, porem, o illustre brazileiro em não proceder como homem deste ou daquelle bando militante, mas como amigo de sua patria, cuja existencia e honra, su-

periores a todos os regimens, não se ligam essencialmente á sorte de nenhum.

Nem sempre se pode servir á nossa terra, sem desservir aos nossos correligionarios. Nas conveniencias dos seus desfechou consideravel golpe a attitude isenta e livre do Dr. Joaquim Nabuco, pondo acima de todos elles as do Brazil, as da sua nacionalidade, as da sua perpetuidade, as da sua integridade. Ainda que se não inspirasse, porem, senão nos supremos interesses desta causa suprema, a collaboração de um monarchista de tamanha valia, nas responsabilidades da tarefa republicana, ha-de necessariamente actuar como um jacto de agua fria no fervor das esperanças imperialistas.

O commum dos espiritos não é capaz dessas discriminações delicadas. Para os membros da sua communhão politica este nome, que o novo regimem acaba de incorporar ao escasso peculio das suas utilidades, era um desses cimos inacessiveis, que hypnotisan a confiança dos ultimos confiantes. Que o zelo destes, pois, se sinta profundamente magoado no melindre de seu exclusivismo e o abalo da surpreza lhes invada o derradeiro presidio da sua fé, suscitando amargos resentimentos, mui natural será, muito humano. Nem faltará no acervo das queixas o concurso dos logicos da escola, em cuja balança, pezadas, no desenlace eventual da missão, as duas hypotheses, se dirá talvez que a victoria viria aproveitar unicamente á consolidação da Republica, ao passo que o revez, comprometteria a aspiração monarchista, comprommettendo-lhe a popularidade na pessoa de um dos seus mais altos representantes.

Como essa commoção influirá no seio do monarchismo, se operando como reactivo, para o decantar dos elementos

duvidosos, precipitar os principios jovens, e promover entre elles a homogeneidade, a cohesão, a solidez, se lavrando, pelo contrario, como dissolvente, para apressar a sua realisação na massa republicana, só o tempo o dirá, pronunciando entre as conjecturas de hoje.

Seja, porem, como for, um incontestavel serviço, ao menos terá prestado, com este proceder, o Dr. Joaquim Nabuco, á situação dos seus correligionarios politicos neste regimem. E esse beneficio é simultaneamente, um beneficio ao Paiz. A tolerancia, que até hoje tão difficilmente se lhes tem concedido, atravez de suspeitas e perseguições, deve-lhes estar assegurada agora na extensão da mais plena liberdade. No habil convite do Governo republicano ao preclaro monarchista, na annuencia do monarchista ao convite republicano está implicitamente sellado um pacto inviolavel de reconhecimento dos direitos constitucionaes da opinião politica, a cuja porta a republica foi bater em busca de um auxiliar para a solução de difficuldades nacionaes. E tanto maior vem a ser o alcance dessa alliança, a sua expressão, e sua inquebrantabilidade, quanto a iniciativa nasceu espontaneamente de um governo, cujo chefe, noutro theatro, se assignalou pela dureza de um politico de reacção desabrida contra a propaganda monarchista. A evolução do Sr. Campos Salles é intelligente, é patriotica, e serve melhor aos são interesses da republica do que os mesquinhos recursos do intolerantismo official, cuja chronica de brutalidades e sangue tanto nos envergonha. Esperemos, que de ora em diante o paiz não continue dividido em *bons* e *maus cidadãos* pela orthodoxia do poder, e que, sob uma constituição, cujas garantias nos permittem discutir a Deus, não se tire a brasi-

leiros a faculdade de questionar a republica. Esta não tem o direito de negar a liberdade de um partido, do valor de um de cujos próceres se utilize em materia de tão alta gravidade.

Dest'arte se habituarão a seivir em commum á nação as duas opiniões oppostas, combatendo-se no terreno dos interesses contingentes, e completando-se na esphera dos deveres superiores.

RUY BARBOSA

(*A Imprensa,* 13 de março de 1899).

Rio, 14 de Março de 1899.

Meu caro Ruy,

É-me grato depois de tanto tempo de separação ter que lhe agradecer o seu artigo de hontem, repassado da velha camaradagem que nos liga desde a adolescencia, quando faziamos parte do mesmo bando liberal da Academia. Os seus elogios não são outra cousa senão a munificencia do seu espirito, que pode fazer presentes d'estes sem despojar-se.

Não acceitei o encargo que me era offerecido sem grave relutancia e constrangimento, nem sem ter procurado de diversos modos affastar de mim o calix. É para mim com effeito um penoso sacrificio e um grave compromisso essa de embrenhar-me intellectualmente durante annos pelo Tacutú e Rupunani, sobretudo tendo que me separar de minha mãe,

que breve completa a idade perfeita dos antigos, os 81 annos, e cuja velhice feliz é hoje o meu maior empenho: *consummatio tamen ætatis actæ feliciter.* Não escuto porem, tratando-se de minhas crenças politicas, o *oblivicere populum tuum et domum patris tui,* que retinia nos ouvidos de Newman ao deixar Oxford e a religião Anglicana. A monarchia só poderia voltar com vantagem para o paiz se os monarchistas se mostrassem mais patriotas do que os republicanos. Eu pelo menos é em duello de patriotismo que queria ver a causa nobre e justamente decidida.

Creia-me muito sinceramente convencido do que pratiquei a custa do maior dos sacrificios, o de expor-me ao juizo dos Phariseus e dos Publicanos, em vez de acabar já agora, no refugio meditativo da religião e das letras, mostro que, se morrer amanhã, não levo para o tumulo sómente um espirito monarchista e liberal, levo tambem o coração brazileiro.

Ninguem dirá que a politica e a diplomacia brazileira póde ser hoje a mesma que era hontem quando a Federação Americana ainda se conformava ao conselho dos seus fundadores de não ter colonias nem querer alliados.

Todas as altas posições e fnncções politicas entre nós, seja do Governo, seja da opposição, seja da Imprensa tem pois d'ora em deante que ser acceitas sob a impressão do terror sagrado proprio dos que elaboram os destinos nacionaes em uma epoca de crise e mutação. E' este o tempo para todas as imaginações suggestivas e creadoras se approximarem, para todas as dedicações e sacrificios se produzirem se quizermos salvar a honra e os creditos da nossa geração, a qual veio a caber uma hora de taes responsabilidades. Eu

repito o que dizia meu Pae em 1865: "Deus não permitta que a historia deplore a sorte de uma nação nova, cheia de recursos e de vida, mas infeliz por sua culpa." Ha um terreno superior ao das disenções politicas em que espiritos de egual tolerancia, de egual elasterio, de egual patriotismo, podem e devem sempre collaborar uns com os outros, no interesse commum do paiz; esse terreno pertence a leaders de opinião, como Ruy Barbosa, alargar cada vez mais, e darlhe a força e a consistencia do granito.

Creia-me com todos os meus velhos sentimentos de confraternidade liberal, amizade e admiração,

Sempre seu, meu caro amigo,

JOAQUIM NABUCO

ENTRE VELHOS AMIGOS

Infelizmente retardada de um dia pela circumstancia de haver sido communicada para fóra da capital pelo serviço da folha ao seu redactor chefe, temos o prazer de dar hoje a lume, com as honras que se lhe devem, a carta, com que nos honrou o dr. Joaquim Nabuco.

Ainda bem que o seu nobre espirito fez justiça ao auctor dessas linhas em não descobrir no nosso edictorial de trasant'hontem outros sentimentos alem dos que lhe transluzem á superficie, sem malicias, reticencias, nem entrelinhas. Dirigindo-se, na sua resposta, ao antigo companheiro das suas

primeiras lidas intellectuaes, evocando as reminiscencias da confraternidade, que já então nos unia nas mesmas aspirações liberaes, na mesma vocação da imprensa, no mesmo amor das lettras, com a differença apenas entre nós, da sua superioridade indiscutivel, não lhe enganou o instincto do seu coração. É ainda a mesma aspiração daquella epocha, a mesma cordialidade, o mesmo interesse pelo futuro de um nome, em cujos primeiros triumphos os seus condiscipulos já adivinhavam grandes horizontes de gloria, vastas perspectivas de luminosa celebridade.

Certo que não podiamos escolher acontecimento de consequencias tão consideraveis, quer para o seu protagonista, quer para a politica da actualidade, dar o nosso juizo em relação a um successo de faces tão complexas, com uma apreciação inteiriça na acquiescencia, ou na censura, no jubilo, ou nos receios. Tão pouco nos era possivel saudar o advento de um homem como o dr. Joaquim Nabuco, do seu valor, da sua expressão, da sua força, a uma situação nova, e inesperada como esta com um simples hymno de epithetos louvaminheiros, com uma glorificação de adjectivos.

No ponto de vista que a *Imprensa* tem occupado entre os seus illustres collegas, buscando pregar sempre aos republicanos a tolerancia, aos monarchistas a transacção, evitando constantemente os extremos, e incorrendo, por isso, tanta vez, na animadversão dos irreconciliaveis, tinhamos a inevitavel obrigação e a necessidade impreterivel de projectar sobre todos os aspectos desse facto a luz da reflexão desinteressada e imparcial.

Se elle fosse nos arraiaes do antigo regimen o signal de um movimento de approximação para o novo, seria o caso

de felicitar-mo-nos, vendo realizar-se, emfim, a evolução advogada por nós, desde 1893, nas columnas do *Jornal do Brasil*, quando, em uma serie de artigos dictados por essa preoccupação, escrevemos dalli o nosso *manifesto aos conservadores*.

Se pelo contrario, as fileiras monarchistas se retrahissem, e recuassem deante "do ponto de honra," onde não se deixam as convicções, indo servir á patria nos seus reclamos superiores, seria, entre os melhores amigos do paiz, occasião de grave tristeza pela esterilidade politica de sacrificio tamanho.

Em todo o caso ninguem estava em condições de avaliar melhor que o auctor dessas linhas, cujo espirito já viu deante de si esse calix, mas sem ter a coragem de proval-o, que Deus felizmente liberalizou ao nosso eminente amigo, reunindo-lhe o vigor d'alma á mais alta capacidade. E' uma circumstancia, que a bem da verdade historica, e em defeza contra a incançavel malignidade, somos obrigados, e com o maior constrangimento, a mencionar. Quando ao auctor dessas linhas offereceu a missão concernente á pendencia com a França, de cuja honra elle julgou dever declinar, o dr. Manuel Victorino, instando pela sua annuencia, declarou-lhe que essa missão, se o convidado a acceitasse, se estenderia tambem depois, á questão de limites com a Guyana Hollandeza e com a Guyana Ingleza. A consciencia de sua fraqueza não lhe permittiu arrostar a immensidade dos perigos da tarefa.

Se em nossa linguagem, pois, divisar alguem traços, que não sejam de pura exaltação pelo acto patriotico do sr. Joaquim Nabuco,nada os terá inspirado, senão o zelo por uma reputação, que é hoje uma das poucas fortunas de nossa

vida politica, por uma força, em que, aos olhos dos seus condiscipulos, dos seus amigos, dos seus conterraneos, sempre se enchergou uma das reservas preciosas do nosso porvir.

Façamos votos á Providencia, para que ella o laureie vencedor.

Ruy Barbosa

(*A Imprensa*, 16 de março de 1899).

O carvalho de Tasso e Machado de Assis

NABUCO A GRAÇA ARANHA.

Londres, 12 de Abril de 1905.

Meu caro amigo,

O que vai nessa caixa é um ramo de carvalho de Tasso, que lhe mando para offerecer ao Machado de Assis do modo que lhe parecer mais symbolico.

O melhor é talvez que a Academia lhe offereça, mas quando e como são problemas para o Sr. mesmo resolver. As palavras, porém, com que elle for offerecido devem ser suas. Ninguem sabe dizer-lhe tão bem como o Sr. o que elle gosta de ouvir, e de ninguem, estou certo, elle consideraria a vassalagem tão honrosa para o seu nome.

Devemos tratal-o com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira ás vezes solitaria do oasis.

Muitas recommendações affectuosas do seu muito dedicado amigo

JOAQUIM NABUCO

SESSÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE 11 DE AGOSTO DE 1905

Palavras de Graça Aranha:

"Uma tarde de primavera quando, num scenario de côres maravilhosas, esvoaçam espectros que vêm da Historia, um viajante cheio do recolhimento que as cousas eternas inspiram, sob o Janiculo, pára em frente a um mosteiro, e tendo Roma aos pés, perde-se na contemplação de uma arvore... Uma bella arvore é um dos grandes poemas da vida, o esplendor e a gloria da forma e do amor que, rasgando a terra, se agiganta, postada em face do sol num gesto de resignação e agasalho, fantasma immovel, solitario, respirando, carpindo, e abrindo-se em frutos.

Aquella arvore no convento de Santo Onofre, no Janiculo, é mais que tudo isto. E' o carvalho de Tasso. As suas raizes longinquas mergulham nas lagrimas de um genio.

A'quella hora de agonia universal, quando a melancolia revela os mysterios, e tudo se esvae da realidade e se divinisa em symbolos, Joaquim Nabuco, que era o viajante illuminado, pensa em colher um ramo da arvore da poesia e do infortunio. E como não póde haver mais significativo tributo á gloria de um homem, elle pede a Academia que offereça a Machado de Assis esta reliquia piedosa.

O incomparavel representante da cultura brazileira, pela força do sentimento, pela agudeza do genio, não podia deixar de ser o nosso maior Poeta.. Recebendo este ramo de carvalho, elle escutará vozes sahidas destas folhas sagradas, que lhe dirão: — "Abriguei á minha sombra a tristeza de

um genio e impellido pelo destino venero aqui a melancolia do teu espirito. A dôr tambem fala em ti pelas vozes da poesia. Quando a piedade lançou na terra as sementes da minha vida, o mundo acabava a festa magnifica e renascente da alegria. E eu recolhi os lamentos do meu poeta e nas minhas folhas ainda tu perceberás os murmurios daquella conversação, que começou commigo e foi acabar no céo...

"A tua melancolia é outra; é a tristeza do teu seculo que se occulta mais sombria e se disfarça num sorriso; emquanto aquella que foi a do meu nascer se desforrava em lagrimas.. A tua alma tem raizes seculares como as minhas. Pela doçura dos teus gestos, pela graça do teu espirito, pela perfeição do teu juizo, tu és hellenico e no meio dos barbaros que deslumbras e que se esforçam por te igualar, és o unico que tens o segredo antigo.

"E porque és solitario e aqui não ha o teu igual, a tua dôr é incommensuravel.

"O poeta que me deu a alma, desgraçado como foi, não teve o martyrio dessa solidão olympica. Elle teve para consolo e companheiro da sua agonia, Roma... e a loucura. E tu não tens nem o espectaculo da arte, nem a antiguidade, nem o desvario. Estás num deserto de homens, immenso e triste, em plena tragedia de uma natureza ameaçadora e extranha.

"E a tua razão tem a segurança geometrica, os teus olhos a claridade dos que perceberam a harmonia das espheras. Só o teu espirito é limpido e por isso o teu sorriso tem mais amargura.. E ainda assim, homem antigo e eterno, em cujos nervos passa toda a sensibilidade moderna,

destes a tua época o que ella tem de mais alto e de mais solido na creação, no pensamento e na fórma.

Ella se orgulha em ti, pois tu a recompensaste com a meiguice e a força da tua poesia e com a subtileza das tuas ideas, fabricando com as tuas phrases aladas, que são abelhas mysteriosas, o mel secreto do infinito..."

Assim fala ao poeta brazileiro o carvalho de Tasso".

GRAÇA ARANHA

O CARVALHO DE ZEUS

Poesia de Alberto de Oliveira

No Janiculo, em Roma, ha um tumulo, e ao pé delle
Um carvalho que em porte e majestade excelle
A quanto cedro ahi por selva americana
Frondêa, a espanejar a ramaria ufana.
Seculos já lá vão que no seu posto erecto
Reverenciosamente, em desvelado affecto
Guarda o sacro moimento, ao pé do qual, enorme
Se desgrenha, e farfalha, ou réza, e pensa ou dorme,
Sob os raios do sol, sob a noite dos céos...

O tumulo é de Tasso, o carvalho é de Zeus.

Zeus ao rude carvalho, amou nos tempos idos
Quando, ao contrario de hoje, havia em tudo ouvidos

Para as vozes do céo, e na soidão selvagem,
Todo o rumor, afflar de brizas na folhagem,
Uivos de bruta féra, ou de azas peregrinas,
Revoar e rebater eram vozes divinas.
Desde Eubéa, no Egêo, ás praias do mar Jonio,
Soava, e em Délos, Mileto, ou no antro de Trophonio,
Ou Dodona, no Epiro, o verbo oracular.

A divindade ahi estava, ó roble secular!

E, ou te esgalhava irosa, ou tua fronde abria
Em bençãos, a infundir-te a seiva com hamadria.
Era o sussurro teu a sua voz potente,
Voz de raio, ou de amor, que ouvia a ignara gente,
Por isso a Zeus a fronte os teus ramos ornavam,
Por isso a qualquer deus se estatuas levantavam
De madeira, a madeira a todas preferida
Era a tua, que eterno o symbolo da Vida
E o symbolo da Força, eterna e triumphal,
Viam todos em ti, ó carvalho immortal!

Ora, diz-se (eu não creio) haverem-se ido em meio
De geral confusão, os deuses. Eu não creio,
Porque os sinto neste ar, nos cerros e nos valles
Em toda parte, emfim, como os sentia Thales;
Hero, Hephestos, Apollo, Aphrodite, Demeter,
Hermes, Dyonisos, Pan, na agua, na terra e no ether
Pulsam, eternos são; de modo que inda agora
Delles a Creação tão cheia como outróra

Os mostra em cada ser, insecto, arvore e flor,
Nuvem, estrella, sol, gerando a Vida e o Amor.

Quando explode uma vez, no Janiculo, em Roma.
Ao carvalho que dahi levando a coma,
Um raio, a mão de Zeus é que o expede. Vingança?
Não sei, nem a entendel-o a minha mente alcança.
Zeus, qual soia em tempo, a arvore sua amada
Castiga, se lhe estua a colera abrazada
Ou praz-lhe, a espairecer tristeza que o ensombra
De o haverem desthronado ir divagar-lhe á sombra —
Como á sombra lhe errava, ora aqui, ora além,
Tasso, o cantor de "Aminta" e da "Jerusalem".

E ahi, do poeta, em meio á soidão predilecta,
Ante o deus muita vez surge o espirito... (o poeta,
Por castigo do céo neste mundo exilado,
Acabe cedo ou tarde, é dos deuses amado).
Sussura a arvore antiga, os ramos alevanta
E réza.. E' cada folha uma bocca que canta,
Flue-lhe um hymno do tronco; ha virgens que o povoam,
Como outróra. E a escutar vozes que internas soam,
O heroico vegetal rude, animado, emfim,
Entre-diz num fremir: — Zeus inda existe em mim!

Succedeu inda ha pouco, andando a divindade
Maguas a deslembrar de olympica saudade,
Ver, relançando ao roble, os seus olhos serenos,
Faltar-lhe um ramo.
— Roble, um ramo ha em ti de menos?
Ousou profana mão a t'o arrancar? Tocar-te

Não me é dado a mim só?
Respeitosa, destarte
A arvore respondeu, a augusta corpulencia
Balanceando, em signal de extrema reverencia,
Toda humildade e amor, e toda contricção
Deante do deus senhor do raio e do trovão:
— "Zeus no valle do Tempe amado, Zeus-Peloros,
Zeus que aos Titans do Othrys com os teus dardos sonoros
Venceste e com Briareos, Giès e Kottos, Zeus — Magno!
Zeus querido de Neda e de Theisoa e de Hagno,
Quando lá no Lyceo te viram pequenino;
Zeus, creador dos céos, pae dos homens, destino
E alma de tudo, Zeus — Teleios! Zeus da lucta,
Zeus da paz e do amor, Melichios — Zeus escuta:
Falta-te ao roble um ramo? é que o mandei daqui
Por ser offerto a quem sei que é digno de ti!

Levam-n'o, ó Zeus, a um poeta, a um mestre, e dos mais sabios,
Desses a quem o mel lhes vão filtrar nos labios,
Como outróra a Platão, zumbindo, abelhas de ouro.
Elle, ó Divo, resguarda o magico thesouro
Da lingua que falar no claro Olympo ouviste;
De teu culto na terra é devotado antiste;
Corôa heroica e digna em sua fronte posta,
Minhas folhas serão.. "
Por unica resposta
Zeus com um gesto abençoando o amado roble seu,
— E' justo o preito — disse. E desappareceu.

A VESPERA DO CAPITOLIO

Poesia de Salvador de Mendonça

Em busca do ideal subimos junctos
A montanha da vida; a estrada a pino
De um lado tinha o vortice profundo
De alta corrente, e de outro resupino
O penedo; no chão urzes e flores,
Alem céu chrystallino.

O que vimos? A's portas do Oriente,
Nas margens do Pireu, em luz immerso,
O Parthenon dormia e modulava
De cabras um pastor, limpido verso
De Theocrito, emquanto ia soltando
O rebanho disperso.

Tinham morrido os deuses e o romano
Poder que o mundo inteiro avassalara.
Das ruinas apenas resurgiam
Das humanas leis o codigo, a preclara
Obra do Mantuano, e a sempeterna
Lei que Jesus pregára.

Vimos depois a Europa renascida —
No campo florentino o austero Dante,
Petrarca e Vinci; em Roma Buonarotti,

O Archanjo Raphael, Tasso e Bramante;
Em Veneza Giotto e Ticiano;
Gigante apoz Gigante.

Nas Hespanhas Cervantes; sobre o Tejo
O grão Camões, phanal de nossa raça;
Ao norte os dous colossos dessa idade,
Rembrandt e Shakespeare; este espedaça
Velhos moldes, aquelle diz á treva:
— De tréva luz se faça!

Varrem o solo os ventos redemptores,
Ruem thronos e a deusa liberdade
Suscita Goethe e Hugo, dragões alados,
Que o Verbo do Senhor á humanidade
Ambos vão proclamar de povo em povo
De cidade em cidade.

Dos ceus na altura, gloria, e paz na terra!
Ondulam pelo espaço as harmonias,
Cantam estrellas, aves, flores, rios,
E tu na pura fonte alli bebias
Suave inspiração de luz divina,
Que da fronte irradias.

Ave do amor, que os seculos transpondo,
Immutavel, renasce, ibis sagrada
Do culto antigo como flor de lotus

Tuas noites encheu; mas na alvorada
Veio acordar-te de teu sonho de ouro,
    Com asa nacarada.

Junctos retrocedemos. Já no occaso
Bem claro se nos mostra o que buscamos:
Sobre a dourada faxa do poeta
O divo Pan cantando sobre os ramos
O fim do dia precursor da Aurora,
    Que longe divisamos.

Das mortas gerações da augusta Roma,
Amigas mãos colheram dentre o espolio
O ramo que, estendido sobre a campa,
Servira ao vate de instrumento eolio.
Toma-o na dextra, e surge e segue a estrada
    Que leva ao Capitolio.

Amanhã, quando os posteros te lerem
O estylo simples, lucido e fluente
Em que rolam idéas como gemmas
Sobre o leite da placida corrente,
Saberão porque em vida te sagramos
    Dentre os crentes, o crente.

"Pensées Détachées", de Joaquim Nabuco

(Artigo de Emile Faguet, publicado na revista "Les Annales Politiques et Litteraires" Paris, 29 septembre 1907).

"Joaquim (*sic*) Nabuco — évidemment un pseudonyme — est un homme qui doit approcher de la soixantaine, qui a eu une très forte éducation franco-anglaise, qui a été fortemente ému pour un temps par Chateaubriand, par Shelley et par Renan, pour toujours par la Bible; qui n'ignore, du reste, ni la philosophie allemande ni Auguste Comte, qui a passé une partie de sa vie probablement dans les fonctions diplomatiques au Brésil, qui a moins écrit que lu et moins lu que réfléchi, qui s'est fait ainsi une trés forte originalité d'esprit, oú il entre un peu de bizarrerie, et qui aime à écrire des "pensées détachées" à la manière de Nietzsche, plutôt que des livres composés.

Voilá ce qu'à travers le volume qu'il nous envoie, je démèle de la personnalité de Nabuco.

C'est un philosophe fort intéressant. Il est profondément religieux; non pas, ce me semble, qu'il appartienne à aucune confession; mais, non seulement il est déiste, mais

il a le sentiment religieux, pour ainsi dire permanent, ce qui est, du reste, la seule manière de l'avoir, et toute la création et aussi toute l'âme humaine, ou, au moins, ce qu'elle a de meilleur, sont pour lui "Dieu sensible au cœur" Il y a quelque chose de Novalis, (qu'il cite une fois) dans cet homme lá.

D'autant plus que lui aussi est un philosophe qui se sent à chaque instant, devenir poète ou romancier. Il dit souvent: "Roman à écrire..., scène à écrire..., conte à écrire..." Seulement, de ce roman, de ce conte ou de cette scène, — toujours philosophique, — il ne donne qu'une courte esquisse et il passe. La vie est trop courte, ou les occupations de la vie pratique trop absorvantes, ou la chasse aux idées trop captivante, ou peut-être la paresse trop forte, pour que le philosophe passe du temps à écrire des contes ou des nouvelles.

Ces "pensées détachées" (et ne faites aucun contresens, cela ne veut pas dire "pensées de détachement" et Nabuco n'est ni un ascète ni un dilettante), ces pensées détachées, ces divertissements d'un esprit très méditatif, très concentré et qui vit d'une sorte de vie intérieure, sont trés intéressants à suivres, à guetter, pour ainsi dire et à prendre à la pipée. Il y en a, de ces pensées, qui ne sont pas faciles à comprendre; il y en a, ce me semble, qui ne valent guère la peine d'être comprises; il y en a de neuves et de curieuses que vous aurez plaisir à méditer. De ces dernières, je détache, à mon tour, quelques-unes pour vous mettre en goût:

"Si l'on me prouve qu'un rite de l'Eglise n'est qu'une transformation d'un rite paien anterieur, que l'encens avait déjà brulé dans les temples romains; que le prêtre tourne

à la messe les mains comme le sacrificateur ancien, on ne fait, pour moi, qu'ajouter un prestige de plus à la cérémonie qu'on veut détruire. C'est un curieux système pour déraciner une croyance, de montrer à quel point les racines en sont profondes"

"A la fin de tout, si Dieu n'existait pas, la religion aurait eu un rôle, si possible, encore plus beau; car elle en aurait tenu lieu"

Voilà une bonne formule renanienne. C'est le "divin" de Renan considéré comme nécessaire à l'humanité quand bien même il ne serait pas prouvé qu'il répondit à quelque chose, quand bien même il serait prouvé qu'il ne répondit à rien. Bonne formule.

Quelque fois, et ce n'est pas oú je l'aime le plus, Nabuco a comme un grain de La Rochefoucauld dans l'esprit, ou plutôt dans son humeur. La Rochefoucauld avait dit:

"Ce n'est pas toujours par vaillance et par chasteté que les hommes sont vaillants et que les femmes sont chastes"

Nabuco dira:

"Il y en a qui ont les défauts de leurs qualités; mais il y en a aussi qui ont les qualités de leurs défauts. Beaucoup d'honnêtes femmes, par exemple, auront dû leurs vertus à leur manque de charmes, et beaucoup d'honnêtes gens leur probité à leur manque d'intelligence"

De l'esprit, assez souvent, uni à la justesse d'esprit:

"La famille opère la conversion religieuse en concentrant l'imagination sur ce qui en vaut véritablement la peine. Le mariage n'est pas un éteignoir; c'est un abat-jour".

Plus paradoxal, ceci, mais bien piquant, un peu trop piquant, même; mais on pardonnera la vivacité de la bou-

tade en faveur de la conclusion, qui est la plus morale au monde:

"Se marier, c'est comme bâtir pour soi-même, sur son propre terrain; cultiver sa propre terre, embellir se propre maison. Combien de gens, après avoir eu de belles résidences temporaires, se trouvent à la fin, sans foyer pour avoir éparpillé leur temps et leur goût à faire des améliorations dans le bien d'autrui!"

Améliorations ne me parait pas le mot juste; mais la pensée est bien jolie et singulièrement fine.

Oh! le bon précepte littéraire que celui-ci:

"Ne recherchez pas l'originalité. Elle est plutôt, en général, un signe de médiocrité. *On n'a le droit d'être original que sans le vouloir*"

Ceci est absolument excellent en son fond et la forme a été trouvée avec un bien rare bonheur:

"Les partis ne sont, en général, que des partis pris, — quelquefois inconscients"

Très bien dit et rien soit plus juste. On ne serait jamais d'un parti, d'aucun parti, si l'on se laissait guider à la réflexion. Aussi bien on se s'engage jamais dans un parti; on s'y trouve engagé avant que d'y avoir pensé, par sa famille, par son éducation, par ses entours; ou par réaction contre sa famille, contre son éducation, contre ses entours, et ce n'est pas la même chose, non, mais cela y ressemble et, en tout cas, cela a les mêmes effets. Oui, tout homme de parti est de parti pris. Il ne faut pas être d'un parti, il faut avoir une opinion. C'est si différent, du reste, que, si l'on reste de la même opinion, il faut sans cesse changer

de parti et que, si l'on reste du même parti, il faut sans cesse changer d'opinion.

Ceci n'est qu'une image pour exprimer une idée vieille; mais, si l'idée est vieille, l'image est neuve:

"En politique, la vapeur qui permet d'aller contre le vent et le courant est encore à trouver. On n'y peut naviguer qu'à la voile"

Ceci, au contraire, est très profond et, ce me semble, n'avait jamais été peut-être méme pensè:

"La jeunesse, au fond, *n'est que la surprise de la vie.* Quand on ne la ressent plus, on n'est plus jeune; *et l'on est jeune tant qu'on la ressent*"

Ceci plairait à M. Paulhan, je crois, et aurait plu à Brunetière et serait vertement réfuté par notre ami M. Paul Gaultier. Je le donne comme il est ici:

"Le sens esthétique est une des plus grandes, s'il n'est pas la plus grande, parmi les sources d'égoisme"

Au fond, je ne suis pas loin d'ètre de cet avis. Seulement, je dis toujours: si l'égoisme n'avait pas cette source, ou plutôt cet emploi, comme il s'en trouverait un autre! Car c'est lui qui est une source; il est sa source à lui-même, et j'aime encore mieux qu'il se donne l'esthétique comme canal que non pas qu'il s'envase et qu'il s'embourbe.

Beucoup de pensées sur la vieillesse, et trés sereines et consolantes. On tirerait de ce volume un petit *De Senectute* d'une vingtaine de pages et ce serait un agréable vademecum. On connait le mot (de Mme. de Lambert, je crois) sur ce sujet:

"On a fait des traités sur l'amitié et la vieillesse, pour les faire aimer; fort bien; mais on n'a pas besoin d'en faire pour le même objet sur la jeunesse et sur l'amour"

Quoi qu'il en soit, voici quelques pensées de Nabuco sur la vieillesse:

"On prend quelquefois pour un commencement de mort ce qui est, au contraire, l'éclosion du coeur à une vie supérieure et plus large, — le souvenir est une essence qui ne donne tout son parfum que dans l'encensoir de la vieillesse"

Nabuco excelle vraiment, quelquefois, come vous avez déjà vu, à trouver une image neuve, forte et brillante pour exprimer une pensée que tout le monde peut avoir, mais que fort peu auraient avec un tour d'esprit aussi heureux:

"Le dix-neuvième siècle aura ébranlé le système nerveux de l'humanité comme aucun autre siècle. Il a enfanté peut-être les plus grandes choses de l'invention humaine; mais il a augmenté extraordinairemente la pression de la vie sur le cerveau. *L'homme y est entré en chaise de poste et en est sorti en automobile"*.

Je ne saurais assez féliciter Nabuco d'avoir fait l'apologie du mensonge. Entendons-nous. Il y a le mensonge égoiste qui est l'effet, la marque et la source, tout cela ensemble, de la plus basse et de la plus dégoûtante immoralité; mais il y a le mensonge de générosité qui, non seulement est permis, mais qui est un devoir. Le mensonge consolateur envers les malades; à un moindre dégré, le mensonge sentimental envers quelqu'un des défauts de qui l'on souffre, mais qu'on ne veut pas blesser en lui disant qu'on en souffre; à un moindre dégré, le mensonge de politesse, sans lequel il n'y aurait pas de société; en un mot, tous les mensonges qu'Alceste ne veut pas faire, sont des

formes de la bonté et doivent être approuvés du moraliste. Nabuco demèle très bien tout cela:

"Jusqu'ici (et il a raison de dire: "jusqu'ici" car une humanité supérieure, que je doute, du reste, qui existe jamais, pourrait *n'avoir pas besoin de mensonge*), la bonté et le mensonge ont été aussi intimement mêlés que la vérité et la poésie. Eliminer en absolu le mensonge, ce serait toucher à la bonté. La haine des mensonges qui impliquent de la bassesse est un souffle de vie pour l'âme de l'enfant; mais la haine des mensonges qui impliquent de la tendresse et de la bonté serait un souffle desséchant et aride"

Rien de plus certain. Nabuco a parfaitement raison. Soulement, aux dernières lignes de ce petit article, il mêle à la question du *mensonge généreux* une question qui est tout autre: la question du *mensonge de discrétion.* C'est une tout autre affaire et sur laquelle mes conclusions ne seraient peutêtre pas les mêmes. Il dit:

"Tout homme et toute femme portent un masque à travers la vie que nul n'a droit de lever et qu'ils ne sont tenus d'ôter que devant Dieu"

A côté des pensées proprement dites, je signalerai, dans le livre de Nabuco, des pages de méditation qui sont d'une grande beauté. Le *Souvenir du Cimetière de Pétropolis,* donne presque l'appétit de la tombe, comme le *De Senectude* donnait à Montaigne l'appétit de vieillir:

.Quelle idée douce de la mort on a ici! On l'aspire comme un souffle printanier; elle embaume idéalement la nature.. On sent que les morts se trouvent bien dans cette

solitude, et de ce qu'on les ait laissés aux fleurs, aux larges feuilles, aux grands ombrages. Ils savent que la mort n'est elle même que l'effeuillaison de l'âme en vue du printemps éternel..."

Lisez tout le morceau. Ce n'est pas si loin d'être du Chateaubriand. Et il en est d'autres.

Nabuco, puisque Nabuco il y a, est un esprit très distingué. Il se définit lui-même quelque part, avec modestie, mais avec l'originalité qu'il a souvent, de la façon suivante:

"Je n'ai étudié aucune science, je ne possède aucune langue, ni les procédés d'aucun art; je ne suis pas un écrivain; je ne me range, pour la pensée, ni parmi les vertébrés, ni parmi les articulés, mais parmi les simples spongiaires du grand océan humain. Comme l'éponge je ne fais que m'imbiber de son flot, *n'en sentant pas l'amertume, mais seulement la fraîcheur*"

Ce spongiaire optimiste a, au moins, une voix très bien articulée.

Artigo de Vicenso Morelli (Rastignac) tradusido da "Tribuna" de Roma e *publicado no Jornal do Commercio" do Rio, em 14 de janeiro de 1907*

Um bello volume, que traz o nome de Joaquim Nabuco (Joachim Nabuco, um pseudonymo evidentemente, affirma E. Faguet. Por que evidentemente? E' o nome do illustre diplomata brasileiro, que está actualmente em Washington, e

que já esteve em Roma.) Um bello volume. Desfolho-o. Corro os olhos pelos versiculos. Paro em uma pagina e leio:

"La jeunesse au fond n'est que la supprise de la vie; quand on ne la sent plus, on n'est plus jeune et on est jeune tant qu'on la ressent." Eis um bom consolo para quem começa a descer o valle dos annos. E penso em Byron, que aos trinta e sete annos escrevia: "Já é tempo que o meu coração não bata mais. Por que sobreviver a si mesmo?" Elle já não sentia aquella sorpresa, e todavia parece que se tinha conformado. "O homem póde se consolar de tudo, desde que se consola de não ter mais vinte e cinco annos." E penso no poema não concluido o *Poète déchu* de Musset: — sobreviver á mocidade é sobreviver á inspiração." E penso em tanta cousa... E pensando continúo a folhear o livro e leio em outra pagina: — "On prend quelquefois pour un commencement de mort ce qui est au contraire l'éclosion du cœur à une vie supérieure et plus large.. Le souvenir est une essence qui ne donne tout son partum que dans l'encensoir de la vieillesse."

Este auctor é um verdadeiro diplomata da vida. Sabe encontrar a fórma mais correcta e elegante para manter as melhores relações entre a razão e a fantazia, entre a materia e o espirito, entre o sonho e a realidade.

E seguindo, sempre a folhear:

"Ne recherchez pas l'originalité. Elle est plutot, en général, un signe de médiocrité. On n'a le droit d'être original que sans le vouloir."

Aqui está escripta a historia da arte em duas linhas: "Moliére é o menos original dos escriptores do seu tempo e dos nossos, mas é tambem o maior. Todas as suas comedias

estavam quasi compostas antes que elle as escrevesse, mas só elle as escreveu"

Ah! este livro do Sr. Nabuco me deleita. Em todas as paginas deparo uma observação profunda, um achado imprevisto, uma imagem clara e bella, uma expressão fecunda de pensamento e de sentimento. Não o desfolho mais, leio-o todo da primeira á ultima pagina. E sinto a illusão de conversar em um pequeno salão de antigo estylo, guarnecido de nobres tapeçarias, ou em uma "villa" de architectura classica, cheia de estatuas e de quadros, com graciosas damas e philosophos serenos, habituados a exprimir com a palavra mais pura a idéa mais elegante e a tratar do mundo e da vida, como de um poema de amor impresso em caracteres de ouro. Queira sentar-se, Sr. Nabuco! Aqui estamos attentos a escutal-o.

O Sr. Nabuco é um crente. Como Stendhal era atheu com delicia, elle é crente com delicia. Goza de ser crente e põe muita arte — quasi diria muito Renan — no intimo de sua fé. Crê, assim, como os passaros cantam "Quant à la foi n'est qu'un petit oiseau, qui pose sur le faite du feuillage et chante aux heures oú Dieu écoute."

Mas Deus? que é elle? Existe? Quem sabe? "A la fin de tout" acrescenta o sagaz diplomata, sempre prompto a manter intactas as relações com o infinito, "à la fin de tout, si Dieu n'existait pas, la religion aurait eu un rôle, si possible, encore plus beau, car elle en aurait tenu lieu."

Como combinar o ideal com um possibilismo tão fervoroso? O Sr. Nabuco, que conhece bem a historia das varias religiões e a das varias philosophias, e comprehende as objecções que possam ser feitas não ao problema de Deus, mas

ao da religião, responde aos imaginarios adversarios, que do fundo da sua cultura surgem para representar a parte do diabo. E responde com graça; — "Si l'on me prouve qu'un rite de l'Eglise n'est qu'une transformation d'un rite paien antérieur... on ne fait pour moi qu'ajouter un prestige de plus á la céremonie qu'on veut détruire. C'est un curieux système pour déraciner une croyance que démonstrer á quel point les racines en sont profondes."

Uma observação semelhante está na Institution chrétienne de Calvino, no capitulo em que se discute, da universalidade do sentimento religioso. O sentimento religioso, diz Calvino, está radicado em todos os espiritos e fixo em todos os corações, e quanto mais grosseiro o culto, tanto mais se demonstra que a necessidade da adoração é inherente ao coração humano. "Pois se o homem prefere adorar o páo e a pedra a ficar sem Deus, é claro que a impressão da majestade divina é tão vehemente, que não é possivel arrancal-a do coração.. "

Mas aqui, de Calvino a Nabuco, estamos no campo generico do *divino,* naquillo que Renan chamava a *categoria do ideal.* E na duvida sobre a categoria do ideal estamos todos de accordo. Seria extranho negar a necessidade do homem de crer em qualquer cousa alem do real, fóra da vida, desde que o facto religioso é um facto historico de todos os tempos e de todos os povos. Mas a divergencia seria outra; emquanto nós admittimos e estudamos o facto historico em geral, os crentes repellem o facto historico das outras religiões como falsos e mentirosos, para só admittirem os da sua fé, como verdadeiros e proprios.

E' verdade que o crente não póde deixar de ser exclu-

sivo em seu credo. "Croire c'est se donner entièrement" diz Nabuco.

Elle, porem, que deve ter um pouco de pratica do mundo e saber por experiencia que em amor não é prudente ás vezes se fiar em tudo e por tudo nas bellas mulheres, deixou de seguir agora escrupulosamente o seu preceito. Elle crê: está contente de crer, seria inconsolavel se não cresse, mas na arvore da sua fé, em algum ramo escondido, não pendem talvez os ninhos da duvida?

Elle o sabe. E de vez em quando estremece. E então de sua mente brotam floridos e subtis raciocinios religiosos, raciocinios dos quaes o espirito da religião se evola, como por um exorcismo da razão e por ventura depois de um destes exorcismos, alarmado, elle dá aos outros este prudente aviso: "Ne regardez pas beaucoup dans votre foi; tout regard en dedans trop prolongé et attentif est dangereux, on risque de démonter l'appareil même de la vision. L'oeil n'a pas été fait pour voir son propre fond, ni la foi non plus.

Não é o mesmo que dizer que raciocinando se acaba sempre de accordo com os antagonistas de que a principio pareciamos ser os antipodas?

Afinal o Sr. Nabuco tem razão em ter medo dos seus olhos que são na verdade formidaveis e vêem muito longe, por toda parte, no seu coração e no coração dos outros e descobrem as mais intimas relações entre as cousas e as idéas, na vida moral e na vida intellectual.

Este livro é todo cheio de pensamentos que são joias extrahidas das profundas minas da vida moral e da vida social; sobre o amor, sobre o matrimonio, sobre a vaidade, a ambição e a hypocrisia resplandecem conceitos de viva

luz engastados em um annel de forma absolutamente rara: "Un peu d'amour peut suffire dans le mariage; hors du mariage tout l'amour du monde ne suffirait pas." Justa observação não lhes parece? para determinar as proporções do amor, quando é um complexo de deveres sociaes e quando é sómente volupia e prazer. E não é menos aguda esta outra observação que se prende á discriminação dos nossos sentimentos e deveres: "Il n'y a pas d'opération plus délicate que de détacher ce qu'il est permis de garder d'un sentiment qui a été un péché. On voudrait l'absoudre de ce qu'il a de delicieux, le regretter comme péché et l'aimer comme souvenir innocent. Deux êtres qui se sont aimés indûment peuvent se repentir de leur faute; le peuvent-ils de s'être aimés?" Muito engenhoso me parece o contraste e bem representadas as situações complexas de dever e paixão, de prazer e de culpa. Tão intricados entre si que não se póde destruir um sem destruir o outro, não se póde condemnar este sem condemnar aquelle. Só desses contrastes nasce a tragedia moral e assim o prazer torna-se fonte de dôr, e a dôr não se póde desalterar senão na fonte do prazer. Desta ordem de observações se derivam, sem duvida, estes outros pensamentos: "La pêche à la femme ou à l'homme peut bien être un plaisir, mais il ne faut pas oublier qu'on y est soi-même l'amorce." "La femme n'est jamais reconnaisante à qui la sauve d'elle même. Homme, elle le soupçonnera d'indifférence; femme, d'envie." Através, porém, de todas essas observações a veia do peccado original, como sempre perenne, produz, pensamentos de sabor tolstoiano como este: "La grande supériorité des natures chastes est qu'elles ont été créees complètes. Un esprit chaste a besoin de peu." Oh! eu auguro para

mim mesmo e para os meus leitores ficar incompletos, e que necessitamos de muito, de excessivamente muito, do mais possivel, e sempre nos innumeraveis annos de mocidade. E se estes devem ser contados, desejo que tenham em previsão muito incenso no thuribulo da velhice em gloria das mulheres, que foram o nosso amor e a nossa dor. A castidade tolstoiana é miseria e morte.

A morte de Machado de Assis.

DISCURSO DE RUY BARBOSA NO ENTERRO DE MACHADO DE ASSIS.

Designou-me a Academia Brasileira de Lettras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas proprias palavras, num gemido da sua lyra, para lhe vir trazer o "nosso coração de companheiros"

Eu quasi não sei dizer mais, nem sei que mais possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro, se separam desta para a outra parte da eternidade.

Nunca ergui a voz sobre um tumulo, parecendo-me sempre que o silencio era a linguagem de nos entendermos com o mysterio dos mortos. Só o irresistivel de uma vocação como a dos que me chamaram para orgam desses adeuzes, me abriria a boca ao pé deste jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas se sobrepõe o murmurio do indizivel, a sensação de uma existencia, cuja corrente se ouvisse cahir de uma em outra bacia no insondavel do tempo, onde se formam do veio das aguas sem mancha as rochas de crystal exploradas pela posteridade.

Do que a ella se reserva em surprezas, em maravilhas

de transparencia e sonoridade e belleza na obra de Machado de Assis, dil-o-hão outros, hão de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga, dias sem conta, derredor do seu nome, da lapide que vae tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta do ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, e reminiscencia, a magoa sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém, não quizera fallar senão do seu coração e de sua alma.

D'aqui, deste abysmar-se de illusões e esperanças que sossobra ao cerrar de cada sepulchro, deixemos passar a gloria na sua resplandescencia, na sua fascinação, na impetuosidade do seu vôo. Muito resumbra sempre da nossa debilidade na altivez do seu surto e na confiança das suas azas. As arrancadas mais altas do genio mal se libram nos longes da nossa atmosphera, de todas as partes envolvidas e distanciadas pelo infinito. Para se não perder no incommensuravel deste, para avisinhar a terra do firmamento, para desassombrar a impenetrabilidade da morte, não ha nada como a bondade. Quando ella, como aqui, se debruça fóra de uma campa ainda aberta, já se não cuida que lhe esteja á beira, de guarda, o mais malquisto dos numes, no sentimento grego, e os braços de si mesmos se levantam, se estendem, se abrem para tomar entre si a visão querida, que se aparta.

Não é o classico da lingua; não é o mestre da phrase; não é o arbitro das lettras; não é o philosopho do romance; não é o magico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporaneos, da elegancia e da graça, do atticismo, da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser

bom. Nascido com uma dessas predestinações sem remedio ao soffrimento, a amargura do seu quinhão nas expirações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dôr lhe aflorava ligeiramente aos labios, lhe roçava de leve a penna, lhe reçumava sem azedume das obras, num scepticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgencia e recreio, com os seus toques de malicia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as duvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se desponta, se embebe de suavidade no intimo desse temperamento, cuja compleição, sem desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refractaria aos antagonismos e aos conflictos, dir-se-ia emana das mãos da propria Harmonia, tal qual essas creações da Hellade, que se lavraram para a immortalidade num marmore cujas linhas parecem relevos do ambiente e projecções do céo no meio do scenario que as circumda.

Deste lado moral da sua entidade, quem me dera saber exprimir, neste momento, o que eu desejaria. Das riquezas da sua inspiração na lyrica, da sua mestria no estylo, da sua sagacidade na psychologia, do seu mimo na invenção, da sua bonhomia no humorismo, do seu nacionalismo na originalidade, da sua lhaneza, tacto e gosto litterario, darão testemunho perpetuamente os seus escriptos, galeria de obras primas, que não attesta menos da nossa cultura, da independencia, da vitalidade e das energias civilisadoras da nossa raça do que uma exposição inteira de thesouros do solo e productos mecanicos do trabalho. Mas, nesta hora de entrada ao ignoto, a este contacto quasi directo quasi sensivel com a incognita do problema supremo, renovado com interroga-

ções da nossa anciedade cada vez que um de nós desapparece na torrente das gerações, não é a occasião dos canticos de enthusiasmo, dos hymnos pela victoria nas porfias do talento. A este não faltarão commemorações, cujo circulo se alargará com os annos a medida que o rastro de luz penetrar, pelo futuro além, cada vez mais longe do seu fóco.

O que se apagaria talvez se o não colhessemos logo na memoria dos presentes, dos que lhe cultivaram o affecto, dos que lhe seguiram os dias, dos que lhe escutaram o peito, dos que lhe fecharam os olhos, é o sopro da sua vida moral.

Quando elle se lhe exalou pela ultima vez, os amigos que lh'o receberam com o derradeiro anhelito, contrahiram a obrigação de o reter, como se reteria na maxima intensidade de aspirações dos nossos pulmões o aroma, de uma flôr, cuja especie se extinguisse, para o dar a sentir aos sobreviventes, e delle impregnar a tradição, que não perece.

Eu não fui dos que o respiraram de perto. Mas, homem de meu tempo, não sou extranho ás influencias do mal e do bem, que lhe perpassam no ar. Numa epoca de lassidão e violencia, de hostilidade e fraqueza, de aggressão e anarchia nas cousas e nas idéas, a sociedade necessita justamente, por se recobrar, de mansidão e energia, de resistencia e conciliação. São as virtudes da vontade e as do coração as que salvam nesses transes. Ora, das tendencias que attrahem para a estabilidade, a pacificação e a disciplina, sobram exemplos no typo desta vida, mal extincta e ainda quente.

Modelo foi de pureza e correcção, temperança e doçura; na familia, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuario; na carreira publica, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da lingua patria, em

que prosava como Luiz de Souza, e cantava como Luiz de Camões; na convivencia dos seus collegas, dos seus amigos, em que nunca deslisou da modestia, do recato, da tolerancia, da gentileza. Era na alma um vaso de amenidade e melancolia. Mas a missão da sua existencia, repartida entre o ideal e a rotina, não se lhe cumprio sem rudesa e sem fel. Comtudo, o mesmo calice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da tempera e a serenidade da attitude.

Poderiamos gravar-lhe aqui, na lage da sepultura, aquillo de um grande livro christão: "Escreve, lê, canta, ora, soffre os contratempos virilmente" se eu não temesse claudicar, aventurando que as suas tribulações conheceram o lenitivo da prece. O instincto, não obstante, nol-o adivinha, nas trevas do seu naufagio, quando, na orphandade do lar despedaçado, cessou de encontrar a providencia das suas alegrias e das suas penas, entre as caricias da que tinha sido a meeira da rude lida e do seu pensamento. Mestre e companheiro, disse eu que nos iamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquilla; renova; não divorcia; aproxima. Um dia suppuzeste "morta e separada" a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te roubara "por um mundo inteiro no recanto" do teu ninho; e, todavia, nunca ella esteve mais presente, no intimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face das tuas acções. Esses quatorze versos inimitaveis em que o enlevo dos teus discipulos resume o valor de toda uma litteratura, eram a alliança de ouro do teu segundo noivado, um annel de outras nupcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com o rocio sem nodoa dos teus annos de mocidade e madureza, da florescencia e justificação de tua

alma. Para os eleitos do mundo das idéas a miseria está na decadencia, e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruinas da outra. Quando elles atravessam essa passagem do invisivel, que os conduz á região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.

Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade dessa origem de todas as graças á omnipotencia de reputarmos um beneficio celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade que nol-a doou. Quando ella nos prodigalisa dadivas como a do teu espirito e a da tua poesia, não é que lhe deveremos duvidar da grandeza, a que te acercaste primeiro do que nós, mestre e companheiro. Ao chegar da nossa hora, em vindo a de te seguirmos um a um no caminho de todos, levando-te a segurança da justiça da posteridade, teremos o consolo de haver cultivado, nas verdadeiras bellezas da tua obra, na obra dos teus livros e da tua vida, sua idealidade, sua sensibilidade, sua castidade, sua humanidade, um argumento mais da existencia e da infinidade dessa origem de todas as graças á omnipotencia de quem devemos a creação do universo e a tua, companheiro e mestre, sobre cuja transfiguração na eternidade e na gloria cáiam as suas bençãos, com as da patria, que te reclina ao seu seio.

DISCURSO DE ALCINDO GUANABARA NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O Sr. ALCINDO GUANABARA — Teem, Sr. Presidente, as assembléas politicas uma funcção não escripta nas

leis, uma funcção não explicita nos codigos institucionaes, mas que, nem por isso, lhes compete menos, — a funcção de conservarem, resguardarem ou accentuarem o gráo da cultura da sociedade de que dimanam e sobre que agem. E' ao exercicio dessa funcção que venho convidar a Camara dos Srs. Deputados, propondo que se amplie a homenagem do voto de pezar que consta da acta que se acaba de ler e foi nella registrado, pela morte de Machado de Assis, designando a Camara uma Commissão de seu seio para represental-a nos funeraes do illustre pensador brasileiro.

Não é, certamente excessiva essa homenagem. O Brasil inteiro orgulha-se de ter produzido o grande espirito que se acaba de extinguir (Muito bem) e a Camara é bem a representante do Brasil inteiro. Accentuando o seu respeito e a sua veneração por essa entidade singular no campo de acção em que se moveu, dá a Camara testemunho de que o paiz venera os que representam a sua alta intellectualidade e rende o devido preito de gratidão aos que lhe encerram a cultura. Machado de Assis synthetiza completa e admiravelmente o nosso grau de cultura mental. Elle é o chefe superior e incontestado da nossa litteratura. Direi mais: elle parece a expressão unica da litteratura brasileira, sob este aspecto, da nacionalidade — palmeira solitaria no meio do oasis! (Muito bem)

Ninguem, como elle, affirmou, na obra litteraria, a sua individualidade e a nossa nacionalidade. Antes delle, commtemporaneamente com elle, Gonçalves Dias e José de Alencar, de quem, aliás, elle mesmo dizia que encarnou, como ninguem, a alma brasileira, falava do Brasil, mas do Brasil que nós não conhecemos, de um Brasil pre-historico, do Bra-

sil dos selvagens romantizados e poetizados, que é, para nós outros, quasi um Brasil de ficção. O seu campo de actividade foi a sociedade em que vivemos. Não tinha imaginação, ou não se servia della: falava como philosopho, como annotador, como critico.

Assim, a sua acção é dupla: mental e social. Por outra: a sua actividade litteraria teve sempre reflexo na actividade social. Elle era um calmo, um retrahido, um timido, e, não obstante, foi consideravel e intensa a sua influencia sobre as classes cultas da sociedade. De facto, basta percorrer as obras que deixou, para se sentir que nenhum phenomeno social se produziu sem que para elle o artista houvesse contribuido, directa ou indirectamente, activa ou passivamente, na chronica ou no romance: activamente, pela propaganda esboçada nos seus personagens: passivamente, pela critica ironica, que lhe era peculiar. Tinha um estylo seu, proprio, singular, unico na nossa e, quiçá, em alheias linguas. Não sei si direi de mais, dizendo que tinha, ou que fizera, uma lingua nova, que novo ou, pelo menos, inconfundivel, era o portuguez que tratava. Era um ironico, de uma ironia que não era, nem se parecia, com *l'espirit* dos francezes, nem o *humour* dos inglezes; uma ironia que superava a de Sterne ou de Xavier de Maistre e dir-se-ia filha da de Anatole France, si o não houvera precedido. Original e unico era um philosopho, um commentador, um critico e um analysta — analysta das cousas e dos homens, das almas e dos costumes, dos individuos e do meio, das paixões grandes e dos pequenos vicios. Não tinha o sarcasmo dissolvente, mas um doce e benevolo scepticismo. Era um annotador, commentando a situação, os costumes e as idéas, applaudindo ou combatendo com bon-

dade, sublinhando o risivel com o sorriso. Tinha tambem as grandes paixões, mas revelava-as com uma inexcedivel suavidade de fórma..

Era um liberal. Não amava a politica, que o não fizera Deus para conductor de homens. Elle mesmo conta como entrou para a imprensa em 1860. Ao sahir do Provisorio, indo tomar chá num restaurant da rua dos Latoeiros, Quintino Bocayuva sondou-o sobre politica, cousa de que nunca haviam fallado. No dia seguinte, era convidado para trabalhar no *Diario do Rio,* que se fundava sob a direcção de Saldanha Marinho, redigido por Quintino. Era a idade de ouro da imprensa fluminense: Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz...

O Sr. Rodrigues Peixoto — E Octaviano.

O Sr. ALCINDO GUANABARA — Octaviano e outros.. Era o tempo dos grandes nomes e das grandes lutas. Sentia-se o rumor das aguas que se avolumaram e vieram submergir o Imperio. E' curioso ver em uma chronica, pagina dulcissima de saudade, que Machado de Assis escreveu trinta annos depois, a impressão que lhe causara esse formidavel Senado de 1860: era a impressão de respeito deante desses homens que fizeram a historia dos primeiros dias de vida do Imperio, no seio dos quaes se destacava a figura de Montezuma, ainda com o prestigio de actor de 1823; era a impressão do artista deante dos que mantinham a linha da oração tremenda do primeiro Rio Branco, falando oito horas a fio em defeza da missão de 1851... A politica, propriamente, não o impressionava: interessavam-n'o a idéa, o quadro e o actor. Mas a sua entrada na imprensa entre

esses dous pólos — Saldanha Marinho e Quintino Bocayuva — mostra bem o seu espirito; e depois, toda a sua obra revela-o um liberal.

Era um pantheista: adorava a Natureza. Adorava e temia-a. Reside talvez nesse temor que lhe causava o espectaculo da força invencivel da natureza, a causa indefinida da sua timidez.

Na mesma força, confindia-se para elle o bem e o mal, a vida e a morte. Por isso, amava e temia a força universal:

"Sei de uma creatura antiga e formidavel
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciavel...

Ama de igual amor o polluto e o impolluto,
Começa uma perpetua lida,
E, sorrindo, obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a Morte, eu direi que é a Vida"

Era um affectivo. Esse Memorial de Ayres, livro ainda publicado este mez e que lhe prolongou a vida, como si só vivesse para acabal-o, é um discreto livro de amor, é o monumento á memoria da que lhe foi a companheira querida da vida e que lhe vae ainda ser companheira na morte. Não sabia elle de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

"E amar e ser amado é, neste mundo,
A tarefa melhor da nossa especie,
Tão cheia de outras, que não valem nada!.. "

Esse coração de ouro, esse espirito de crystal desappareceu. Rendo-lhe, neste momento, um preito pessoal de estima,

de veneração e do respeito que sempre nutri por elle, desde que, ainda adolescente, o conheci, soffrendo como elle disse de si em relação a Alencar, a admiração do menino Heine por Napoleão. Releve-me a Camara o que de pessoal parece haver nestas palavras. No fundo, esse preito, não o rendo eu só; sinão todos os que nesta terra teem algum cultivo, e conhecem a arte e a amam.

Por isso mesmo, confio em que a Camara renderá aos restos mortaes de Machado de Assis a homenagem que della solicito. Não a solicito por elle; mas pelo paiz. Sei, pelos seus personagens, o que elle pensava dessas homenagens post-mortem, o que elle pensava da morte e do que ia para o cemiterio... "Teve — põe elle na boca de um dos seus heroes, teve a morte vagarosa, a morte de um vinho filtrado, que sáe impuro de uma garrafa para entrar purificado na outra: a borra iria para o cemiterio." Não vale a pena indagar que cemiterio. Naquella chronica de memorias de trinta annos passados, falava-nos elle de um personagem de casaca de seda preta, calção e meias de seda e sapato de fivella. Era o porteiro do velho Senado de 1860, que se ia enfiando por um longo e infinito corredor escuro e desapparecia num cemiterio — que não valia a pena de indagar qual fosse porque "todos os cemiterios se parecem!"

Empenhemo-nos, senhores, por desmentir esta asserção, no que lhe respeita! Empenhemo-nos para que o cemiterio em que se vão recolher os restos mortaes de Machado de Assis não se pareça com nenhum outro, concentrando-se nelle o pensamento brasileiro para render a homenagem de sua veneração á mais alta expressão que elle teve nesta terra! Empenhemo-nos para que o Brasil atteste nesta solemne home-

nagem á sua propria gloria, o proprio desvanecimento de constituir um meio capaz de permittir a eclosão de um espirito, superior sob tantas faces, como o de Machado de Assis!

Deante da estatua de José de Alencar, que elle inaugurava, Machado de Assis disse: "Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar estas palavras melancolicas: "A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra." Senhores, a philosophia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquella jandaia que não deixa o coqueiro e que ao contrario da que emmudecera na novella, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu immortal cantor."

Senhores, confirmemos esta palavra. Nem tudo passa sobre a terra! A memoria de Machado de Assis não passará; permanecerá fiel e firme e brilhante, honrando-nos e distinguindo-nos e elevando-nos. Correspondamos a esse favor, rendendo a esse grande espirito a homenagem que o Brasil lhe deve e que nós, que, representamos o Brasil lhe não podemos regatear.

Senhores, nem todos os cemiterios se parecem!

Nem tudo passa sobre a terra! (Muito bem, muito bem; o orador é vivamente cumprimentado.)

JOSE' VERISSIMO A JOAQUIM NABUCO

Rio, 3 de Outubro de 908.

" ... para dizer-lhe do nosso querido e grande Machado de Assis, como sabe, fallecido ás 3 h. 20 minutos da madrugada de 29 do passado.

Na manhã do dia anterior, estando eu com elle no quartinho do pavimento terreo da casa em que padeceu e falleceu, elle, sempre com a idéa da morte presente, disse-me:

— Verissimo, V. mande contar este desfecho aos amigos que estão fóra — e nomeou-o, ao Sr., em primeiro lugar.

Uma das suas ultimas alegrias, ainda claramente manifestadas, foi ouvir de Graça Aranha a leitura da sua carta sobre o *Memorial de Ayres*. Ainda falou do Sr. com o carinho de sempre, ouvindo as suas palavras e depois.

O seu enterro foi um triumpho e jamais no Brazil um puro intellectual, um escriptor, morrendo, despertou na alma nacional tal commoção. Não preciso dizer-lhe que o Sr. esteve sempre presente no nosso espirito nestes momentos angustiosos. Todos tinhamos o mesmo sentimento: do abalo e do pezar que a morte do Machado lhe ia causar, e todos sentiamos a sua ausencia da nossa familia literaria neste momento doloroso, e uma grande saudade sua.. '

NABUCO A GRAÇA ARANHA

Washington, 29 de Outubro de 1908.

" .. Lá se foi o nosso Machado! A vida nas condições em que elle vivia devia ser cruel, mas para a intelligencia o existir compensa todos os soffrimentos, e isto tanto mais quanto mais alta ella é. Agora é que vemos a nossa pobreza. Eu sou muito contrario á idéa de estatua. A estatua para ser digna d'elle teria que ser uma grande obra. A melhor idéa, grande demais para nós, seria comprar a casa

e conservar tudo tal qual. Essa é a maior prova de veneração da posteridade. Lembra-se da nossa visita á casa de Voltaire? O pensamento mais delicado desse genero que eu saiba é o dos Americanos, que em Cambridge compraram o espaço defronte da casa de Longfelow, para conservar intacta a perspectiva que tinha o poeta. Quanto ao mais bello tumulo é para mim uma pedra entre flores, como a de Shelley, e á sombra de uma grande arvore. Podia-se até ter passaros. Nós, porém, não temos meios para nada..."

A mocidade heroica de Joaquim Nabuco [1]

No espelho da minha Saudade se reflectem de Joaquim Nabuco tres imagens: a imagem da Belleza, a da Intelligencia e a da Bondade. A fusão mysteriosa dessas tres representações distinctas em uma só e irreductivel imagem faz de Nabuco a mais feliz expressão da nossa raça. E essa belleza é a da nossa maravilhosa terra exuberante, e nesse pensamento e nessa alma sentimos a essencia da nossa sensibilidade. Por mais que o seu espirito recebesse e reproduzisse a influencia européa, elle não é um accidente em nossa vida; pelo seu brilho e magia elle é nosso, sae do nosso cháos, como a flôr de toda a nossa floresta sentimental.

A IMAGEM DA BELLEZA

A flôr humana é o supremo resultado do esforço da raça e da civilisação. Essa flôr será o genio ou a belleza e

---

(1) Conferencia de Graça Aranha promovida pela Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo, realisada no Theatro Municipal de S. Paulo, em 22 de abril de 1915.

um povo se deve orgulhar tanto do seu maior poeta, dos seus santos, como da mais perfeita forma humana. O milagre grego não foi mais sublime se revelando no genio de Platão do que na belleza de Phrynéa. Ha no inconsciente das especies uma inexoravel vontade, que vem vindo imperiosamente na urdidura secreta da forma, corrigindo, vencendo cada imperfeição, desenvolvendo cada feliz indicação, adelgaçando, esbatendo, dando sombra e luz para chegar afinal á triumphante harmonia das linhas e ao divino esplendor da expressão. Assim a criação da belleza traduz o labor incessante da cultura na materia universal e o grande artista é o Tempo, subtil e infatigavel. A belleza em Joaquim Nabuco exprime o enthusiasmo dessa victoria. No primeiro instante elle tem da nossa vegetação e do nosso sol a força e a radiação, formando-se assim a unidade integral com a natureza de que foi uma admiravel manifestação. Mais tarde elle attingirá áquella serenidade que é na grande e avassaladora desordem tropical o indifferente e longinquo ideal a que aspiramos.

Da propria violencia da nossa natureza, da sua allucinadora ascenção, nascem o mysterioso desejo da liberdade do nosso espirito e essa ancia por uma socegada contemplação esthetica, porque persiste em nós uma alma antiga, que se perde nas forças deste mundo, que lhe será eternamente estranho. E nesta deliciosa angustia está talvez o encanto brasileiro, esse encanto que deu á belleza de Nabuco a doçura na exuberancia, a meiga fascinação no ardor, e que nos leva a sonhar com a outra remota raiz da sua belleza, essa de hellenica progenie e que se transfigurou na fusão com as raças extasiadas das outras margens do Mediterraneo sa-

grado. E nesse encontro da raça antiga e da natureza tropical está o segredo da belleza brasileira, que vindo do passado, aqui recebe a onda de luz, que lhe dá a irradiação e a magia. Joaquim Nabuco teve na sua belleza uma suprema iniciação para a victoria. E' possivel que numa clara fonte das aguas crystallinas, onde nasceram os alegres corregos de Massangana, o engenho de Pernambuco, paraiso da sua primeira existencia, elle mirasse a sua divina imagem de adolescente. Foi a revelação. Mas seguramente o grande infortunio da solidão esthetica não o acabrunhou, e nem a perdida admiração, que não encontra mais consolo em outra forma rara, o tornou desgraçado.. Nabuco se vendo bello e perfeito adquiriu essa força indispensavel ao triumpho, a segurança em si mesmo e assim a belleza lhe deu a encantada chave para a dominação e a supremacia. Na mocidade essa belleza se tornou soberana e uma admiração universal a prestigiou no enlevo votado a uma gloria nacional.

A IMAGEM DA BONDADE

Essa suprema alegria da belleza dá desde logo a Nabuco todo o heroismo tropical, em que o espirito e o coração cheios de seiva e aspirando ao infinito não tardam a attingir a altitude luminosa e serena da abnegação. No principio a conquista do mundo o attráe, e elle exerce a sua magnifica actividade no conhecimento. A vida se lhe offerece na sua maravilha esthetica. Nabuco teve o deslumbramento do universo e a sua alma se eleva na admiração. Foi o traço inicial da grandeza espiritual, que jamais foi diminuido pelo scepticismo. Na fé está a fonte sublime da bondade de Na-

buco. Se o subtil veneno da duvida o tivesse tocado, elle não teria tido a abnegação, que foi como o esplendor do seu caracter. Esse absoluto desinteresse elle o praticou, quando fez o acto da grande renuncia para se votar ao serviço da libertação dos escravos. Elle venceu-se a si mesmo para realisar a victoria sobre os outros. E toda a sua vida se passa nesta disciplina, que o leva da dedicação á causa publica ao ascetismo intellectual e á santidade dos ultimos annos. Ao chegar neste passo definitivo da existencia elle não busca mais a expansão externa, elle almeja a perfeição interior. A finalidade religiosa de Nabuco dimana da inspiração secreta da sua alma. Elle é um mystico, mesmo na politica, pois não é outra a expressão do seu idealismo, a illusão das entidades, toda a sua architectura do edificio social e a do proprio universo, e por isso a sua religião não é politica e nem exclusivamente dogmatica, antes é uma doce conversação com Deus, em cuja misericordiosa confiança elle repousa. Para Nabuco o "mysterio" foi sempre uma grande attracção. Elle esteve deante dos enigmas da vida na postura da indagação, prompto a receber a luz da revelação como esta lhe chegasse. Elle deixou por longo tempo que as forças inconscientes do espirito procedessem livremente, ora o levando muito longe no vôo da arte mystica até esse maravilhoso instante, em que o ideal se mistura e se confunde á realidade, em que as creações da imaginação são tão vivas, tão intensas na luz rara e diaphana do sonho, que parecem a imagem, a essencia da realidade, e em que as formas reaes se esvaem e se extinguem em magia.. Ora afastando da intelligencia tudo que lhe vinha como inspiração extranha, como disciplina de outros pensamentos para permanecer no estado de simplicidade, em

que a fé prepara a explicação definitiva do mysterio, que nos guia nos caminhos da vida. Tudo é uma grande abdicação no poder de Deus e o mundo é o reflexo da vontade divina e a nossa existencia uma descuidada viagem sob a luz das estrellas, uma peregrinação na terra com a volta ao céo!... E' a existencia profunda com a esperança no futuro. O mundo é a alma! e essa alma é o sopro divino na materia contingente e que tornará a Deus sem se recordar do duro captiveiro, em que padeceu as saudades da Essencia, de onde emanou. Tal foi a alma religiosa de Nabuco e della nos ficou para sempre como reflexo sublime a imagem da bondade.

A IMAGEM DA INTELLIGENCIA

A outra imagem é a da intelligencia. E se nesta ha um traço predominante é o da imaginação, que em Joaquim Nabuco ainda é uma expressão da sensibilidade, pois, se elle foi um dos que mais teve a faculdade de idealisar, as suas idéas não foram puras abstracções. Eram a veste vaporosa de sentimentos. Desde a mocidade o que absorve a attenção de Joaquim Nabuco é o Estado, a construcção social, e elle permanecerá até o fim como um grande pensador politico. E ninguem pensou com maior desassombro, e se manifestou com mais profundo desinteresse, correndo todos os riscos physicos por uma aventura intellectual. Mas nesta mesma audacia elle tinha o respeito. O seu temperamento não se alimentava do absoluto, e não se satisfazia na irremediavel destruição. Joaquim Nabuco comprehendeu a sociedade como uma organisação hierarchica, e mesmo quando foi re-

presentante de um sentimento revolucionario, como o da abolição, invoca para completar a eliminação da instituição condemnada o concurso das forças supremas da Sociedade — do Monarcha e do Papa. E' a relatividade do politico que pratica a acção limitada pela ordem e pelo respeito. A limitação é uma forma de disciplina e a disciplina na nossa raça é um signal de heroismo.

A formação intellectual de Joaquim Nabuco foi anterior ao predominio das sciencias naturaes na cultura, e assim elle será, apesar da profunda intuição que teve das leis da natureza, um espirito creado ao influxo do humanismo e a sua sensibilidade é a do Romantismo no instante em que este apenas se desprende do classicismo, no principio do seculo dezenove. Mas nesta sensibilidade elle trouxe para o Brasil o gosto europêu, a alta distincção intellectual, e uma expressão nova que nos liberta do velho estylo lusitano agora incapaz de reproduzir todas as cores do arco-iris da nossa poesia. Que importa que elle não possuisse essa intimidade com a lingua portugueza como elle mesmo reconhece numa dessas admiraveis confissões de relatividade, que o engrandecem? No Brasil, a perfeição classica portugueza não se póde mais attingir. Quem escreve na lingua de Camões e de Vieira ou mesmo na de Herculano e Camillo, escreve uma lingua affectada e postiça. A lingua exprime aqui a grande desordem tropical. E' um tumultuoso rio em que varias correntes se despejam e as aguas são turvas, porém, violentas e bravias, e ás vezes de uma livre e grandiosa belleza. A vida se desenvolve expansivamente na natureza como nos espiritos. Cada instante é uma nova affirmação do genio humano sobre a infinita materia e as relações entre estas forças se

manifestam na fantasia das expressões felizes, novas, alegres de nascer.

De toda a parte chegam numerosas palavras que se impõem pela violencia ou se afeiçoam geitosas ás forças da atmosphera. Tudo é uma grande alluvião. A terra é movediça e o espirito sopra livre e fecundo... Ha uma liberdade suprema para o genio creador se revelar. E' o delicioso momento de uma literatura, o maravilhoso instante da creação, em que se luta em fabricar de tanta materia bella e informe a obra prima... Joaquim Nabuco nos dando o encanto novo do seu estylo foi um maravilhoso escriptor da nossa moderna sensibilidade.. Nesse pensador politico ha um magnifico artista, porque se sente que as artes plasticas, e principalmente a esculptura, dão fórma ao seu pensamento e a musica o rythmo á sua phrase. Se na belleza physica de Joaquim Nabuco ha o mysterioso encanto da transplantação da raça européa á natureza tropical, a sua sensibilidade intellectual, ao contrario, é que transmittirá a essencia da alma brasileira á cultura européa de que elle se embebeu.. Por isso elle será sempre um grande imaginativo, um homem de fé e de enthusiasmo, e a sua fidelidade á civilisação latina ainda é um testemunho da sua immortal alma brasileira. A mais decisiva affinidade do seu espirito é com a França. Della nos trouxe o gosto e o estylo e a paixão das idéas geraes. A Inglaterra o deslumbrou na mocidade, mas o que o impressiona na civilisação ingleza não é a essencia do genio saxonico, que se exprime no individualismo politico, no protestantismo religioso, e no vago esthetico. O que o fascina é o imperialismo latino, a grandeza humana da Inglaterra, é o Estado, a construcção politica, que é o signal da

latinidade na civilisação ingleza. O que ainda o encanta é o estylo ciceronico dos escriptores, o humanismo inglez, que faz da Inglaterra a outra face da imagem de Roma.

Da alma brasileira elle terá sempre a força enthusiastica, o dynamismo que exalta a vida universal, e do qual não lhe apartou a fascinação, que lhe causou o maravilhoso espirito hesitante de Renan. A influencia de Renan sobre Nabuco foi apenas externa, a da tentadora graça literaria e a da aristocracia espiritual. E se recebeu de Renan essa suave influencia, elle ficará extranho ao renanismo. Como acontece muitas vezes, os grandes creadores de systemas não são os verdadeiros e mais legitimos representantes das escolas ou das simples atmospheras sentimentaes, que inspiraram e a que deram o seu nome. O renanismo não tem talvez em Renan a sua mais genuina expressão. O que constitue a essencia do renanismo é a duvida, a não affirmação, e essa extrema indulgencia vinda da comprehensão absoluta e illimitada do universo e de toda a vida phenomenal. No emtanto, Renan acreditava na sciencia e algumas vezes foi affirmativo e implacavel na negação de todo o mysticismo. Sob este aspecto Renan não foi renanista, como Nabuco, que da escola só teve a elegancia do diletantismo intellectual, mas ficando sempre homem de fé e de affirmação. Elle affirmou o direito absoluto da liberdade, affirmou o destino politico do Brasil na coexistencia internacional e a sua acção intellectual teve o heroismo que faltou a Renan, enleiado no perpetuo compromisso da ironia. Esse espirito vacillante não o teve Nabuco, e nunca a duvida foi um pretexto para se libertar do esforço da actividade. Não seria elle que, deante da tragica transformação ou da irre-

mediavel dissolução do nosso paiz, diria desdenhosamente: "O Brasil morre; não perturbemos a sua agonia"...

Elle guardaria em sua alma a grande dôr e tentaria o supremo esforço da nossa salvação. Ah! se elle existisse nesta hora terrivel! A sua fé faria um grande milagre, porque só a confiança em nosso destino immortal e a dedicação suprema de toda a nossa vida a esse destino nos darão a redempção. Para nos salvar o seu coração e o seu genio nos indicariam a sublime acção do amor a este paiz a que pertencemos pelo sangue, pela carne e pelo pensamento.

Não é somente a guerra que, estremecendo as nações, faz surgir a maravilha da união e a resureição do ideal! Outras miserias podem fazer egual prodigio, e assim deante da Patria combalida já é tempo de entrarmos numa grande reconciliação nacional, como a base da nossa renovação. Seria o milagre do Amor e da Fé, que Renan não comprehendeu em França, mas que a fatalidade veiu cumprir...

A ACÇÃO

A attracção que a Europa podia ter exercido sobre Joaquim Nabuco não foi tão preponderante que o Brasil não viesse afinal se apoderar do seu espirito e do seu destino, e foi aqui que elle exerceu a sua gloriosa acção politica e literaria.

Neste paiz em que a natureza é uma prodigiosa magia, que entretem nas almas um perpetuo estado de deslumbramento, e em que o espirito do homem se exalta e a imaginação enche de fantasmas, de lendas, de mythos, o espaço da separação entre elles e o universo, é singular que a litera-

tura não seja o espelho dessa imaginação allucinada e que ella se apresente em geral modelada na fórma classica da cultura européa. Será para illudir aquelle terror inicial que é a origem e o creador da nossa metaphysica? Será uma reminiscencia imperiosa da nossa formação lusitana? O facto é que a nossa expressão literaria é singularmente classica, e que ella procura dominar, contrariar aquella fascinação da miragem, que algumas vezes se manifesta em nossos escriptores e lhes dá a triste expressão de desvairados. Seguramente a essa influencia classica se póde attribuir tambem a grande lentidão do movimento literario brasileiro. Durante o seculo dezenove ficámos á margem das correntes que moveram a literatura européa, nesse periodo de grandes revoluções espirituaes. O mesmo phenomeno de retrahimento se deu em Portugal, que permaneceu fiel á disciplina latina. O romantismo só veiu a se produzir alli e no Brasil quando em França elle definhava e começava a ser substituido pelo realismo. Sómente em 1856 Chateaubriand inspira os nossos grandes escriptores nacionaes. E a poesia romantica em Gonçalves Dias e Magalhães é parallela á poesia classica, onde se compraz tradicionalmente a inspiração desses poetas. O realismo apparece entre nós com a mesma distancia de tempo.

Esse vagar só se póde explicar pela muralha do classicismo, que manteve o espirto estranho ás agitações, ás angustias em busca de novas expressões para essa terrivel ancia de infinito que é toda a essencia da arte, até que ellas subam tanto e tanto que, como o mar impetuoso do sentimento e do desejo insoffrido, se avolumem e desmoronem a muralha.

Como a literatura, assim foi a oratoria. Oriunda dos seminarios, dos collegios de padres, dos lyceus, ella ostenta o molde em que se formou, e esse molde foi o da rhetorica latina. E em uma eloquencia brilhante, classica e formal de oradores humanistas, padres e parlamentares, seguimos o velho rythmo dos grandes modelos da antiguidade romana. O parlamento se tornou uma escola de oradores inspirados no mesmo espirito e seguindo o mesmo processo, de que alguns se tornaram mestres e foram modelares. Os discursos elegantes, de fino e apurado dizer, eram compostos como exercicios de escola, e se distinguiram pelo lavor da rhetorica, pelos exordios, pelas perorações, e muitos, como nas arcadias, eram celebrados por um arranjo escolastico, ou por uma phrase como o do "sorites" o da "ponte de ouro" o da "pirataria em torno do berço" Era um encanto! O parlamento, e sobretudo o velho Senado, pela eloquencia desses mestres da palavra, pela medida, pelo esmero do gosto, pela moderação do espirito, pela elegancia da expressão, era com mais propriedade aquillo que ainda não foi a Academia.

Nabuco ahi entra quando começava a decadencia do genero. A grande era havia passado. Apenas restavam em muito poucos as exterioridades da forma academica sem a magnitude do espirito creador. E se por acaso alguns annos antes, um tribuno se apresentára na Camara trazendo o impeto, o movimento, a grande voz do povo, era como um barbaro naquella assembléa de classicos, a agitava, a adormentava, mas não a seduzia, nem a vencia... Nabuco trouxe para triumphar dos velhos moldes e renovar a eloquencia que definhava o encanto supremo da sensibilidade

do seu tempo e uma qualidade nova no Parlamento, a graça! De todas as formas da seducção elle possuia a mais rara, a seducção angelica! Uma pureza immaculada de espirito o isolava, o engrandecia e o envolvia em eterna luz diaphana. E dentro dessa luz elle caminhou do berço ao tumulo para remontar depois da morte ás origens ethereas da sua natureza. E nessa peregrinação na terra ninguem cumpriu um mais bello e claro destino, ninguem como elle, sendo o annunciador da liberdade, o demolidor de instituições, o redemptor de outros homens, na sanha da peleja, pensou e proferiu mais doces palavras, repassadas de resignação, de tolerancia e de belleza, ninguem, como elle, viveu tanto da idéa pura, da sensibilidade esthetica e da emoção religiosa.

Ora, quando Nabuco entrou no Parlamento, os seus primeiros gestos foram de combate, e elle poude tudo ousar no seu apostolado, proclamar o direito absoluto de que era o paladino deante de uma assembléa attonita, expressão de uma sociedade firmada na mesma instituição, que elle atacava. Ella lhe perdoou a temeridade desses arremessos feitos na seducção da graça intellectual e viu no sorriso, que illuminava o semblante do orador, transparecer o fogo de uma paixão immortal. Essa paixão era a da liberdade! A sua eloquencia foi a dessa paixão. Pela primeira vez se ouviu no Parlamento um orador, cuja sensibilidade tanto commovesse. Alguns podiam ter inflammado o auditorio, lhe arrancado a facil admiração pelo brilho da imagem, outros foram frios, classicos. Nabuco foi o orador de um sentimento, nascido de uma idéa absoluta e que se viu enraigar no coração e na piedade de todo um povo,

transformação maravilhosa para que elle concorreu com a emoção da sua eloquencia.

Esse sentimento da abolição dos escravos se infiltrou no espirito de Joaquim Nabuco no instante do inconsciente infantil e levou longos annos até á sua magnifica revelação. Ha nesse prodigioso acontecimento todo o verdadeiro mysterio da vocação.

Imaginai Joaquim Nabuco na sua adolescencia, aspirando o conhecimento do mundo, recebendo todas as impressões da belleza do universo, vivendo livre como uma força da natureza, imaginai-o na mocidade, submettendo ao seu espirito todas as expressões da existencia, mas afastado de tudo que não fosse prazer intellectual ou sensação esthetica, imaginai essa gloria da flor humana, sumptuaria e distante, num indifferente jardim de delicias. e a um signal do destino, eil-o de volta do paraiso do esquecimento e entrando no inferno da escravidão, soffrendo no seu coração transfigurado as dores de uma raça opprimida, Cavalleiro de peregrina forma, descendo á terra para combater por um ideal remoto, multiplicando-se numa actividade milagrosa, amando e fazendo amar pela paixão da sua alma os miseraveis de que é o redemptor! Oh! magia posta no berço da criança pela resignação e doçura dos escravos! O menino de Massangana, amamentado pelo leite da escravidão, adorado como um pequeno deus pelos negros da fazenda, surgia como o libertador do captiveiro, em cuja atmosphera se prepara a sensibilidade que o faria immortal. Foi o mais bello milagre da escravidão, o de haver formado o heroe da sua propria redempção. E no espirito infantil a hora da iniciação do sentimento foi marcada por uma des-

sas impressões, que ficam nas placas secretas da memoria, esperando a revelação que o destino dará um dia.. Assim foi que a sensação ainda vaga do grande infortunio da escravidão se insinuou no espirito de Joaquim Nabuco num quadro inesquecivel da sua infancia. "Eu estava uma tarde sentado no patamar externo da casa, diz elle, quando vejo precipitar-se para mim um joven negro desconhecido, de cerca de dezoito annos, o qual se abraça aos meus pés, supplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Elle vinha da vizinhança, procurando mudar de senhor, porque o delle o castigava e elle tinha fugido com o risco da vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor, que ella occultava..."

Depois dessa imperecivel impressão vieram os difficeis annos de aprendizagem, os maravilhosos annos de viagem, mas se numa estancia ou noutra da sua existencia, Nabuco torna a essa fazenda de Massangana, elle terá de haurir de novo, como num santuario da sua propria alma secreta, a força mysteriosa do seu destino. Agora, na mocidade, já não são vivos os humildes formadores da sua infancia, aquelles que lhe alimentaram a fantasia e a imaginação, e lhe contaram ingenuas e peregrinas historias... Tudo é morto em torno... E' a infinita melancolia da desolação da tapera... E se Nabuco ahi penetra, apenas dos velhos cannaviaes, soltos aos ventos, um murmurio lhe chega como se fossem as lamentações dos escravos, que gemeram no captiveiro e saudam naquellas vozes longinquas e estranhas a predestinação do libertador. O sólo sagrado da morte, o fu-

turo heróe calca-o aos pés... Elle caminha sobre as covas dos escravos e os vae chamando pelos seus nomes num carinho de outras éras. Ninguem responde. Tudo é silencio debaixo da terra.. Mas a resignação daquella misera raça, a sua immolação ao nosso bem collectivo, o seu inaudito sacrificio se ostentam na sua força sublime a Nabuco, que no fulgor dos vinte annos alli mesmo sobre o tumulo dos desgraçados jurou votar a sua vida ao serviço da raça generosa "que por sua doçura no soffrimento emprestára até mesmo á oppressão de que era victima um reflexo de bondade!"

Dez annos se passam, são dez annos em que Nabuco faz a descoberta do mundo, é o cyclo das viagens em que elle se impregna das sensações da cultura e se deslumbra nas miragens da civilisação. E' a Europa. E' a America do Norte. São dez annos da sua formação esthetica, em que elle reduz o universo a um maravilhoso espectaculo e tudo, homens e coisas, sociedade e terras são o alimento da sua curiosidade artistica. E' Londres com a sua impressão babylonica que o attráe e subjuga, é Pariz na sua doce graça que o seduz, é Fontainebleu dando a imagem da ordem, da harmonia e da perfeição na natureza, e lhe corrige no espirito a notação violenta da paisagem tropical, é Ouchy com o seu lago que é uma encantada madreperola, onde a miragem tudo transforma e onde parece ser a mysteriosa morada da saudade e onde por horas mortas adejam as sombras dos ascendentes do seu genio, as sombras de Rousseau, Chateaubriand, Benjamin Constant, Byron! E' depois a America do Norte, que o arranca do extasis esthetico e lhe mostra a sociedade em movimento... São os grandes espiritos que lhe

explicam o mysterio, os Renan, Thiers, George Sand, Scherer, e tudo é um delicioso olvido do seu proprio ser consumido na combustão do desejo de absorver as sensações supremas do mundo, que se reflectem na luz, na fórma, na côr, em que se fragmenta o universo, e nos espiritos que exprimem essa illusão universal.. Nestes dez annos Nabuco fez a volta das coisas e tornou ao ponto inicial da sua viagem sentimental, áquelle sentimento profundo e dominante que a piedade pela desgraça dos escravos lhe havia inspirado na infancia e na adolescencia. São dez annos depois da sua visita aos mortos de Massangana. Nabuco entra na Camara em 1879 e dá-se o pronunciamento abolicionista... E' chegada a hora da revelação.

A ABOLIÇÃO E NABUCO

A Abolição foi uma idéa politica que se fez todo o sentimento violento de um povo. Apoderando-se da emoção do paiz se tornou invencivel, e na celeridade do seu movimento ella tudo arrebatou, tudo desmoronou e exigiu a contribuição de todos para o seu triumpho. O que fizeram a monarchia e os estadistas não foi mais do que satisfazer, como pacificadores, as imperiosas exigencias da sensibilidade popular. E neste sentido, a abolição foi um acto revolucionario, e ao mesmo tempo esse delirio de abnegação collectiva marcou na vida brasileira o mais bello instante da nossa emoção nacional. Cada um procurou exceder-se a si proprio e aos outros no desinteresse pela causa da redempção.

A principio a idéa apontou ao longe no espirito de alguns inspiradores. Pouco a pouco foi ganhando outras al-

mas e mais tarde, numa grande preamar, se espraia pelo paiz inteiro. Ha um repentino fervor de piedade, e que se deve chamar — a loucura da abolição! E são povoações que eliminam do seu recinto a escravidão, são provincias que se redimem, são senhores que se empobrecem alforriando massas de trabalhadores, são fazendas que numa vertigem de abnegação se immolam e se tornam em tapéras desertas e livres, é o proprio throno imperial que, no esplendor da exaltação collectiva, se sacrifica!.. Nabuco foi um dos criadores desse immenso movimento de piedade em que tambem se expressou a instinctiva previdencia de um povo. E sob certos aspectos, foi o seu maior heróe. A Abolição, como se verificou, no seu curso irresistivel, foi principalmente a manifestação da sensibilidade da raça negra, ou daquelles que provinham do sangue dessa raça, que deu na resignada tristeza da escravidão a energia para vencer a natureza hostil e infinita. Durante seculos nós fomos uma nação de senhores e de escravos. Joaquim Nabuco era a mais feliz e admiravel expressão da aristocracia do Brasil, o seu interesse, a formação do espirito e mesmo as suas prisões ao preconceito da nobreza e da educação, tudo o levaria a desejar a perpetuidade da organisação social, da qual elle seria a flor e em que elle dominaria como representante da casta dos senhores. Mas tal foi a predestinação que a fatalidade sublime lhe reservava, talvez desde aquella divina iniciação da infancia entre os escravos, e tal o secreto poder do pranto dos opprimidos em sua alma, que elle a tudo renuncia, ao dominio, á posição, ao repouso, e, indifferente á sua propria classe, se fez o apostolo da liberdade, desceu á fonte das lagrimas, bebeu-lhes o amargor, soffreu sem uma queixa, sem-

pre ardente, dando todo o seu ser, num magnifico dom de amor!

E' a mais bella historia da mocidade no Brasil, essa em que tudo, sonho, aspiração, poesia, desejo da adolescencia se transfiguram na aspiração suprema do sacrificio, na implacavel e augusta chamma da abnegação. E' na alma a crystallisação do ideal! E assim foi a divina ascenção desse espirito que renuncia ao que é vão e ocioso e no ascetismo, que é o signal de uma paixão exclusiva e immortal, retempera as forças com que combaterá toda a sua vida. A sensibilidade de Nabuco se torna a sensibilidade de um povo, de que foi o inspirador e o maravilhoso interprete, e a sua maior gloria será a de ter sido o orador da Abolição. E' a imagem lendaria que permanecerá em nossa lembrança e que se transmittirá para diante, e que será a da gloria da eloquencia brasileira.

Quando Joaquim Nabuco apparecia na tribuna, era como um Cruzado, revestido da refulgente armadura da eloquencia, a sua clara, alta e vibrante voz, soando como um clarim, tinha-se a impressão physica de se verem os muros da escravidão se irem derrocando... No meio da peleja elle era o paladino que se procurava derribar. Então o assaltavam, o visavam pessoalmente, e não havia doestos, calumnias, arma perfida ou damninha, com que os animos irados não o aggredissem. Apenas um golpe o tocava, elle, ardego, impetuoso, se arremessava sobre os adversarios. Não era o salto da onça, que é tanto da gente das nossas selvas, pois nada havia de felino em sua natureza angelica, era antes o ataque do cavalleiro, a resposta da espada certeira e vingadora, o invencivel gladio forjado no aço immortal da

justiça e elle, combatendo, sorria e logo desprezando os ataques se voltava para aquelle incessante côro das supplicas dos escravos e recolhia as queixas e amarguras do captiveiro, cantadas na soturna melopéa do inferno. Então a sua eloquencia derramava as torrentes de sympathia e compaixão, que nos alimentava a piedade, e elle remontava ao ceu da poesia, subindo, subindo numa ascenção de Archanjo, num vôo de ave, como a cotovia que "quanto mais sobe mais canta e quanto mais canta mais alto sobe!..."

Ah! quem o viu então! Alto, esbelto e gracioso, dominante a opulenta cabeça, nos rasgados e sombrios olhos o fogo das pupillas, gestos da elevação elegante das grandes aves, a audacia na intelligencia e na voz musical um perpetuo hymno, nos labios misturando ao sorriso da victoria a onda da eloquencia vibrando no ar e indo espraiar-se largamente num infinito de imagens...

Dir-se-ia a nossa grandeza tropical em toda a sua pujança, em todo o esplendor, se corporificando na natureza humana, se fazendo eloquencia! Ah! quem o viu assim e indo da Camara para a tribuna popular, fascinando as multidões, arrastando-as no seu enthusiasmo e espalhando a scentelha da redempção, que alastrando pelo paiz inteiro se fez o raio, que decepou a velha arvore da escravidão.. Ah! quem o viu assim, que saudades!. E tal é a força do sentimento de que Nabuco foi o orador, que por ella um puro intellectual magnetisa e domina as multidões grosseiras. Porque? Onde o segredo que tornou o movimento abolicionista tão impetuoso e triumphante? No sentimento da liberdade, que é uma alavanca social invencivel, na piedade pelo escravo, que é a expressão da nossa ternura, no orgulho pa-

triotico a que repugnava a mancha negra, a mancha nacional.

E o heroismo supremo de Nabuco está em ter sido a magnifica voz desse sentimento de liberdade, o poeta dessa compaixão, o vingador dessa vergonha collectiva. E para a sua missão nesta terra tudo deixou e a propria emoção esthetica, que seria a preferida do seu espirito em outros instantes. Homem de coração e de intelligencia aguda, nesse combate de todos os momentos, Nabuco não conheceu a medida do sacrificio na sua abnegação suprema, nem deixou de lado um instrumento que pudesse demolir a escravidão. Elle foi a actividade na sua gloriosa significação. Tambem para elle no principio é a acção. Exerceu-a no Parlamento, na praça publica, nos comicios, nos conselhos, na imprensa, nos congressos europeus, junto de um papa e por toda a parte, de onde pudesse partir um atomo de energia que viesse em nossa terra libertar escravos.. Neste esforço sobrehumano, completado em plena força joven, Nabuco transmitte a tudo o fluido da perpetua renovação da vida, que é o signal da eternidade e em nossa memoria, em nossa evocação, elle viverá como o symbolo da mocidade heroica em nossa raça.

O NACIONALISMO DE NABUCO

Nesse episodio da Abolição tudo é expressivamente brasileiro. Não só a maravilhosa illusão exaltada e absoluta da piedade, tão nossa, como tambem o instincto politico que o moveu no seu profundo e imperioso inconsciente, e se cumpriu eliminando a escravidão como um acto de finalidade nacional.

A escravidão tinha de ser supprimida, quando não fosse pela alavanca do sentimento, seria pelo interesse politico, que obedecia a uma fatalidade historica. No fim do seculo dezenove tal instituição era o impedimento ao surto de uma nação americana. Nesse seculo o phenomeno social mais expressivo foi a immigração dos povos. E a America foi o esplendido resultado desse facto novo. A immigração, por sua expansão, reclama novas terras, onde ella se alargue. Ella não poderia coexistir com a escravidão, que seria o opposto da sua liberdade de movimento e da sua expansão. Os homens que, á margem da corrente sentimental, resolveram livremente sacrificar a escravidão á immigração dos brancos, prepararam a profunda transformação social do paiz. E assim Joaquim Nabuco tambem foi um illuminado politico quando, um dos primeiros, combate a escravidão para servir ao supremo destino do Brasil. Desde então a fidelidade nacional do seu espirito é singularmente bella e toda a sua acção politica é nacionalista.

Toda essa gloriosa formação do seu espirito na subtil atmosphera européa, as acquisições que elle fez do immortal patrimonio da civilisação, tudo que o separava e o elevava, elle veiu consumir magnificamente neste ardente anceio do seu paiz por uma maior grandeza moral entre os outros povos.

O sentimento nacional foi o pendulo da existencia de Joaquim Nabuco. Elle marcou no quadrante da sua vida politica o mesmo e perpetuo rythmo. Na mocidade Nabuco renuncia a todas as seducções do "lazzaronismo" intellectual, desprende-se do encanto magico, que o retem longos tempos nessa floresta adormecida da arte, e vem se misturar ás dôres e angustias da sua terra, e faz resolutamente o seu dever

completo... Na madureza elle mudou de campo de combate. A principio lutou dentro da sociedade politica, foi parte principal do drama da formação nacional do novo Brasil, depois se retirou da acção e meditando sobre os nossos destinos escreveu a elaboração historica delles e nos explicou a finalidade brasileira e a consciencia nacional. Nesse momento augusto da meditação elle augmentou a sensibilidade das cordas do nosso poder de expressão literaria e nos deu outras e mais raras vozes... Mais tarde, Joaquim Nabuco, pela sua acção diplomatica, concorre poderosamente para a integração do Brasil na politica do continente. Ainda nesse ponto o seu sentimento nacional o guiou e lhe deu esse maravilhoso instincto politico, que jamais o abandonou.

A grandeza internacional do Brasil será tanto maior quanto mais preponderante fôr a sua posição na politica americana.

Deante da Europa se firmará fatalmente a unidade politica da America, determinada pelo finalismo continental e por ella nós participaremos dessa "elite" politica, que exprimirá os profundos designos da civilisação. Foi o ultimo traço do genio de Jaquim Nabuco e do seu nacionalismo. E ainda nesse derradeiro instante elle medita sobre o mesmo thema do inicio da sua existencia espiritual. E' Camões que o inspira de novo e assim se fecha, com a perpetua e simples volta ao ponto de inicio, o cyclo da sua vida sentimental.

INVOCAÇÃO A NABUCO

Na angustia em que nós hoje interrogamos o destino, é para o seu espirito que nos voltamos... Que acção seria a

sua se elle tivesse a renovação do prodigio da mocidade e tivesse mais uma vez de nos dar o seu heroismo? que combates combateria? que novas espheras elle sonharia e para que alto firmamento ideal elle nos arrebataria na sua eloquencia?

Mestre! mestre! Para onde vamos? aonde esta fragil barca que se decompõe no temporal vae ser arremessada? onde o seu naufragio ou a sua salvação? quem responderá?...

Tudo é um grande e infinio tumulto na antiga terra brasileira. Aquelle doce remanso da velha sociedade em que se harmonisaram a vontade e a supremacia de uns e a obediencia e humildade de outros, teve de findar. Uma immensa confusão fervilha; da terra surgem cubiçosos sonhos de goso e volupia expressos nos ardores de uma lingua barbara e no sangue de uma raça formada na fornalha dos desejos e revoltas.

Nesta confusão a consciencia nacional se esváe; nós não seremos mais os mesmos no futuro, tudo o que vem do passado se desmorona e sem as correntes da tradição nós fluctuamos ao capricho do destino nebuloso e incerto.

Onde a força que nos organise de novo e aos embates funestos do cosmopolitismo offereça a formidavel armadura nacional? quando se formará a "elite" social, que seja a expressão da nossa consciencia collectiva e nos conduza e nos mantenha firmes e grandes?

Por mais que a philosophia tudo considere, homens e povos, apenas como um accidente na grande inconsciencia das forças universaes, no terrivel silencio do infinito, não podemos nos imaginar fóra da sociedade, que é a categoria da vida humana, como o espaço é a categoria dos corpos.

E' uma fatalidade a que o nosso profundo realismo impõe resignação. Cada um de nós é necessariamente o homem de uma raça, de uma nação. Não ha liberdade tão poderosa que nos emancipe desse circulo fatal, e se o espirito pela força da abstracção despedaçar todas as restricções accidentaes, as secretas correntes da nossa personalidade nos prendem áquelle magico inferno, que é a associação já longinqua, já inalteravel, omnipotente e mysteriosa, dos outros homens dos mesmos desejos e que formam na fuga do tempo a singular affinidade do inconsciente de tantas gentes. E' nessas categorias sociaes que se produz a maravilhosa actividade humana. Ora, desses circulos que são o quadro e o campo da acção do espirito nós subimos desde os mais restrictos e limitados até ás nações e ahi exactamente é que se produz em toda a sua extensão o phenomeno da civilisação. O alvo dessa cultura individual e collectiva, a sua razão de ser é a criação de individualidades superiores que assegurem a mais profunda harmonia á coexistencia social e faça criar a maior somma possivel de ideal que se exprimirá na philosophia e na arte.

Para essa aristocracia espiritual, a vida seria a epopéa da aspiração. Eu penso em Dante, em Santa Thereza, em Pascal, em Spinosa, em Goethe, e eu imagino o vôo soberbo de taes espiritos e os espaços sem horizontes que descortinaram. Oh! abysmos insondaveis! Oh! magnifica vertigem! E eu sinto que elles são os redemptores, os libertadores de toda a servidão immemorial de tantas innumeraveis almas humildes, que tambem aspiram... E' a divina tentação do infinito!. A cultura se caracterisa nessa attracção sublime. Em cada povo ella deve criar um pensamento nacional, uma

consciencia nacional, isto é, uma civilisação nacional. E tudo o que se trama nas lutas economicas, todo o triumpho sobre a natureza, o ganho, a fortuna, a expansão vivaz, tudo isto é o caminho do inconsciente da collectividade para chegar ao maximo da sua expressão moral. Muitas vezes não se chega até lá e se desapparece numa volta da historia, não se deixando um vestigio, um sulco no grande espaço em vão percorrido..

Para nos salvarmos desse irremediavel desastre e escaparmos do triste silencio, em que nos extinguiremos, precisamos executar dentro de nós mesmos uma série de esforçados trabalhos para chegarmos a uma victoria completa e sermos uma força dentre as forças espirituaes da terra.. Seria a apuração da nossa alma. Seria a redempção nacional de que uma vez o heroismo de Joaquim Nabuco nos deu a maravilhosa aurora.. Mas, sem tardar, as sombras desceram...

E nesta longa noite em que entramos, que astro nascido no céu da nossa espiritualidade, que astro, mesmo de luz baça e tremula, nos guiará?

GRAÇA ARANHA

Este livro, impresso em Pariz, onde foi feita a revisão final, contem erros, cujas correcções não foram observadas pela typographia, e, o que é mais extranho, erros que não estavam nas provas corrigidas aqui. Assim o nome de Joaquim Nabuco apparece como Joachim Nabuco.

Pg. 28- castigela por castigal-a.

Pg. 32- volatizavam-se por volatilizavam-se.

Pg. 39- sociepade por sociedade.

Pgs. 4I e 78- dreadnougts por dreadnoughts.

Pg. 4I- longiquo por longinquo.

Pg. I47- á bala por a bala.

Pg. I52- pae do santo por pae de santo.

Pg. 2I8- protegal-a por protegel-a.

Pgs. 283 e seguintes- pae do santo por pae de santo.

Pgs. 287 e seguintes- mãe do santo por mãe de santo.

Pg. 307- Santo,Onofre por Santo Onofre.

Pg. 333- á bala por a bala.

Pg. 337- á força por a força.

E outros erros insignificantes, como varios viria por veria.